

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA

Isabel Maria Brás de Moura, nº mecanográfico 9026 do curso Comunicação e Marketing declara sob compromisso de honra, que o trabalho final de projeto é inédito e foi especialmente escrito para este efeito.

Viseu, 27 de novembro de 2013

A aluna, _____

Aos meus Pais

Duarte Jesus Coelho de Moura

Lucília Rodrigues Braz Moura

À minha madrinha

Maria Gonçalves Braz

*«São como um
cristal,*

as palavras.

*Algumas, um
punhal,*

um incêndio.

Outras,

*orvalho
apenas.»*

[...]

Eugénio de Andrade

*«Os céus proclamam a glória de Deus;
o firmamento anuncia a obra das suas mãos.»*,

(Sl 19,2)

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Joaquim Rodrigues Bento pela sua inteira disponibilidade, na orientação deste projeto e pelos recursos informáticos a que me facultou o acesso.

Ao Mestre Jorge Ferreira pela sua infinita generosidade.

À Fundação José Saramago, pela sua colaboração, facultando dados de grande importância para o presente projeto.

À Professora Doutora Salma Ferraz, por me haver disponibilizado as suas obras, sinto-me privilegiada pelo apreço com que fui tratada quando a contactei.

À Direção da Escola Profissional de Tondela pela compreensão e apoio demonstrados ao longo destes três anos.

Ao amigo e confidente Padre Florentino Pereira pelas suas palavras sábias.

Ao Engenheiro Ricardo Silva pela sua disponibilidade.

A Todos os amigos, o meu bem-haja!

ÍNDICE

| | |
|---|------|
| Índice de figuras..... | iv |
| Índice de tabelas | v |
| Lista de abreviaturas..... | vi |
| Resumo | vii |
| Abstract..... | viii |
| 1. Introdução..... | 9 |
| 1.1. Organização do trabalho..... | 12 |
| 2. Metodologia..... | 13 |
| 2.1. Convenções seguidas ao longo deste trabalho..... | 14 |
| PRIMEIRA PARTE | 16 |
| 1. A especificidade da interação verbal na comunicação literária..... | 17 |
| 2. Os diferentes recursos linguísticos deícticos ao serviço da interação comunicativa | 20 |
| 2.1. Deixis ad óculos..... | 21 |
| 2.2. Anáfora (e catáfora)..... | 21 |
| 2.3. Deixis am phantasma | 22 |
| 2.4. Deixis pessoal | 24 |
| 2.5. Deixis social | 25 |
| 2.6. Deixis temporal | 26 |
| 2.7. Deixis espacial | 26 |
| 2.8. Relação entre discurso e contexto..... | 27 |
| 3. A dimensão accional da linguagem: os atos de discurso | 29 |
| 3.1. Atos ilocutórios assertivos | 30 |
| 3.2. Atos ilocutórios diretivos | 30 |
| 3.3. Atos ilocutórios compromissivos | 31 |
| 3.4. Atos ilocutórios expressivos..... | 31 |
| 3.5. Declaração..... | 32 |
| 3.6. Declarações assertivas | 32 |
| 3.7. Atos de discurso indiretos..... | 33 |
| 4. O Princípio de Cooperação de Paul Grice | 34 |
| 5. Cortesia e interação verbal | 37 |
| 5.1. Proposta de Erving Goffman | 37 |

| | |
|---|-----|
| 5.2. Proposta de Robin Tolmach Lakoff | 38 |
| 5.3. Proposta de Geoffrey Leech..... | 39 |
| 5.4. Proposta de Penelope Brown e Stephen C. Levinson | 40 |
| 5.5. Proposta de Catherine Kerbrat-Orecchioni..... | 41 |
| 5.6. Processos linguísticos de cortesia negativa versus positiva | 43 |
| SEGUNDA PARTE | 47 |
| 1. Evangelho de José Saramago, os evangelhos canónicos e os escritos apócrifos..... | 48 |
| 2. Constituição dos <i>corpora</i> | 51 |
| 2.1. O <i>corpus</i> da obra de Saramago | 51 |
| 3. Aspetos da estrutura da diegese e da narrativa | 55 |
| 3.1. A estrutura da diegese de <i>OESJC</i> | 58 |
| 3.2. Dos eventos narrados nos textos bíblicos à diegese de <i>OESJC</i> : síntese contrastiva..... | 59 |
| 4. Cortesia e tratamento das personagens | 65 |
| 4.1. Caracterização das personagens: o exemplo de José e Maria..... | 67 |
| 5. A interação direta com o leitor virtual | 80 |
| 5.1. O primeiro contacto | 80 |
| 5.2. O ónus da leitura: pontuação e <i>coeficiente de legibilidade</i> | 82 |
| 5.3. O primeiro parágrafo: a primeira sequência narrativa | 85 |
| 6. Deixis pessoal – dispositivos linguísticos de referência ao narrador e ao narratário | 89 |
| 6.1. Autorreferência | 89 |
| 6.1.1. O evangelista e o evangelho | 89 |
| 6.1.2. Nós – Plural de modéstia ou de majestade?..... | 92 |
| 6.2. Referência ao narratário | 93 |
| 6.2.1. A forma « <i>leitor</i> » | 93 |
| 6.2.2. «Vocês» | 95 |
| 6.2.3. «Amados irmãos» | 95 |
| 6.2.4. A segunda pessoa do plural | 96 |
| 6.2.5. A 2.ª pessoa do plural induzida pela expressão « <i>Em verdade em verdade vos digo</i> » | 97 |
| 7. O desnível taxémico narrador - narratário | 100 |
| 7.1. A teologia (ou mitologia?) do narrador | 100 |
| 7.2. A erudição do narrador | 102 |
| 7.3. Efeitos potenciados pelo estatuto actancial de verbos como « <i>explicar</i> »..... | 104 |

| | |
|--|-----|
| 8. Diálogo com o narratário: soluções atenuadoras da força ilocutória dos atos de discurso “ <i>admoestativos</i> ” | 112 |
| 9. Diálogo com o narratário: os atos de discurso diretivo | 113 |
| Conclusões finais..... | 115 |
| Bibliografia | 124 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1. Representação do efeito boomerang na realização de um <i>FTA</i> e / ou <i>FFA</i> | 42 |
| Figura 2. Dimensão relativa dos quatro elementos do <i>corpus</i> contrastivo. | 52 |
| Figura 3. A frequência relativa das formas que designam as personagens em <i>OESJC</i> | 67 |
| Figura 4. A presença de José, ao longo dos 12 capítulos da primeira parte da <i>diegese</i> | 68 |
| Figura 5. Concordância das designações da personagem José. | 69 |
| Figura 6. A evolução dos valores de frequência (valores padrão) de «José» e «burro», ao longo dos 12 capítulos da primeira parte. | 74 |
| Figura 7. Concordância das designações da personagem Maria. | 75 |
| Figura 8. A densidade gráfica do texto de Saramago: três das 11 páginas do parágrafo 8.º (capítulo XXII, pp. 379-388). | 80 |
| Figura 9. A frequência relativa dos sinais de pontuação em <i>OESJC</i> e no <i>corpus</i> de contraste. | 81 |
| Figura 10. Gravura de Albrecht Dürer, | 88 |
| Figura 11. Concordância das formas « <i>evangelho</i> » e « <i>evangelista</i> » em <i>OESJC</i> | 89 |
| Figura 12. Concordância da forma « <i>leitor</i> » em <i>OESJC</i> | 93 |
| Figura 13. Concordância da forma « <i>vocês</i> » em <i>OESJC</i> | 95 |
| Figura 14. Concordância da frase « <i>não (o) <dizer> a ninguém</i> » em <i>OESJC</i> | 96 |
| Figura 15. Concordância da expressão (<i>local grammar</i>) « <i>(Em verdade,) em verdade (vos te) digo</i> » nos textos bíblicos e em <i>OESJC</i> | 98 |
| Figura 16. Calendário judaico (<i>Bíblia Sagrada</i> , 2006, p. 2117; reprodução autorizada pela editora Difusora Bíblica). | 103 |
| Figura 17. Fragmento de concordância do verbo « <i>explicar</i> » e (do nome « <i>explicação</i> »). | 104 |
| Figura 18. Saída (<i>output</i>) do módulo automático de análise | 106 |
| Figura 19. Saída (<i>output</i>) do módulo automático de cálculo de associações (<i>links</i>) lexicais... .. | 106 |
| Figura 20. Os valores de especificidade lexical (<i>Keyness</i>) medidos através do X ² , | 107 |
| Figura 21. A concentração lexical, através de procedimentos reiterativos, muito frequentes em <i>OESJC</i> | 108 |
| Figura 22. O valor padrão médio do desvio do conjunto de unidades lexicais associadas à pesca milagrosa, a pretexto do provérbio « <i>tudo o que vem à rede é peixe</i> », em contraste com a ocorrência das mesmas unidades na totalidade do <i>corpus</i> de 158 parágrafos (utilizado como <i>corpus</i> de referência) na saída (<i>output</i>) do <i>módulo estatístico</i> do sistema <i>NOOJ</i> | 108 |
| Figura 23. Distribuição das frequências relativas da forma <i>Jesus</i> e das formas (<i>Deus</i> e <i>Senhor</i>) | 110 |
| Figura 24. Fragmento de concordância de expressões que traduzem atos diretivos. | 113 |
| Figura 25. Grafo representando a associação de unidades lexicais às personagens <i>Maria de Magdala</i> e <i>Jesus</i> | 119 |
| Figura 26. O paralelismo do vocabulário utilizado em relação a <i>José</i> e a <i>Jesus</i> | 121 |
| Figura 27. Probabilidade de ocorrência (desvios reduzidos) do <i>cluster</i> « <i>orifícios e vasos</i> » em conjunto com as formas « <i>urinar</i> » e « <i>mijar</i> ». | 121 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1. Divisão do <i>corpus</i> em 158 <i>subcorpora</i> (parágrafos)..... | 15 |
| Tabela 2. Pregação de JOÃO BAPTISTA | 49 |
| Tabela 3. Ato de fala expressivo de DEUS dirigido a JESUS CRISTO | 50 |
| Tabela 4. Frequência das formas gráficas presentes | 51 |
| Tabela 5. Constituição do <i>corpus</i> contrastivo | 52 |
| Tabela 6. A estrutura da diegese de <i>OESJC</i> | 58 |
| Tabela 7. Os sinais de pontuação, em <i>OESJC</i> e nos evangelhos canônicos..... | 81 |
| Tabela 8. Quadro contrastivo dos títulos de <i>OESJC</i> e dos evangelhos canônicos | 117 |

LISTA DE ABREVIATURAS

Antigo Testamento

| | |
|----|--------------|
| Gn | Génesis |
| Ex | Êxodo |
| Lv | Levítico |
| Nm | Números |
| Dt | Deuteronomio |

Novo Testamento

| | |
|-----|---------------------|
| Mt | São Mateus |
| Mc | São Marcos |
| Lc | São Lucas |
| Jo | São João |
| Act | Actos dos Apóstolos |

RESUMO

Este estudo tem como objetivo dar conta de estratégias discursivas relevantes utilizadas em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* de José Saramago.

É apresentada uma análise da obra, sob diferentes aspetos, e em contraste com as narrativas bíblicas do *Novo Testamento*, orientada pelos contributos teóricos da análise do discurso na perspetiva pragmática e da estatística lexical, efetuada com recurso a diversas ferramentas *dedicadas*, no tratamento automático e assistido de *corpora*.

Palavras-chave: estratégias discursivas; análise assistida do discurso; tratamento automático das línguas; estatística lexical.

ABSTRACT

This study has the objective of realizing relevant discursive strategies used in *O Evangelho segundo Jesus Cristo* of José Saramago.

An analysis of the work is presented, in several dimensions and in contrast with the Biblical narratives of the New Testament, guided by the theoretical contributions of discourse analysis in pragmatic perspective and lexical statistics, performed using several dedicated tools, in the automatic and assisted treatment of *corpora*.

Keywords: discursive strategies; assisted analysis of speech; automatic treatment of languages; lexical statistics.

1. INTRODUÇÃO

Esta investigação ocupa-se da obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, uma escrita que suscitou – e continua a suscitar - reações muito adversas, em particular, das comunidades cristãs, da mais alta hierarquia da Igreja Católica e também do Governo Português o qual, no ano de 1991, vetou a candidatura do autor ao *Prémio Literário Europeu*. Com efeito, o Subsecretário de Estado da Cultura Sousa Lara considerou que «A obra atacou princípios que têm a ver com o património religioso dos portugueses. Longe de os unir, dividiu-os»¹. Por outro lado, a obra alcançou notoriedade internacional, como comprova o número de idiomas em que foi traduzida.

Suscitou a nossa atenção de investigadora estarmos perante um discurso em que é particularmente relevante considerar a dimensão accional da linguagem, dimensão genesicamente inspirada na reflexão de obras fundadoras como a que tem por título *How to Do Things with Words* (Austin, 1962).

Com efeito, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* de José Saramago, pelas diferentes reações que desencadeou e continua a desencadear, cai bem sob o escopo do pensamento «Como é que o discurso de um romance desencadeia tantas e tão diversas ações e reações?» Que estratégias discursivas podem explicar tal agitação e a procura de traduções em dezenas de idiomas? A sociologia, a psicologia social, as técnicas e tecnologias de *marketing* editorial, as organizações e instituições religiosas, muitos outros setores da vida, pensamento e arte contemporâneos não poderão deixar de interessar-se pelos escritos de um autor que acabou reconhecido com um *Prémio Nobel*. Todos estes (epi)fenómenos têm a ver com impacto da atividade discursiva e muitas disciplinas os podem abordar, sob ângulos muito diferenciados.

O nosso projeto surgiu, nesta pluralidade de abordagens possíveis e teve que se confinar, quanto ao seu *objeto formal* de estudo, nomeadamente em relação às práticas de análise do discurso utilizadas em diversas disciplinas.

A própria pragmática, que também mal esboçou o seu objeto formal, é reclamada em muitas áreas interessadas na comunicação. A única disciplina que nos pôde inspirar e que, embora recente, reuniu algum consenso em torno das ideias de Ferdinand de Saussure, compiladas no *Cours de Linguistique Générale*, é a

¹Recuperado em 12 agosto, 2012, de http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/saramago/vet_ev7.html.

linguística. Mas o objeto formal da linguística é claro: interessa-se pelo estudo dos signos linguísticos enquanto sistemas estruturados segundo regras próprias das línguas naturais. Não se ocupa dos objetos que as palavras representam, porque pertencem ao domínio extralinguístico. A abordagem pragmática por nós adotada inspira-se na análise linguística do discurso, do ponto de vista das virtualidades de que a mesma dispõe, dos instrumentos *dedicados* à interação humana através da palavra. A língua oferece recursos, que é possível descrever e caracterizar, no contexto da interação humana (diferente na conversação e na comunicação escrita, que é diferida e que não se baseia numa situação comunicativa partilhada). A escrita literária também apresenta características que a separam de outras formas de escrita utilitária. A nossa perspectiva de abordagem pragmática do discurso de Saramago cinge-se à análise dos *instrumentos linguísticos que virtualmente condicionam a interação humana*. Sendo esses dispositivos de natureza múltipla, interessámo-nos por aqueles cujas virtualidades permitem:

- atingir os diferentes objetivos ilocutórios e regular a força ilocutória dos atos de discurso;

- situar os actantes no espaço das relações humanas pessoais e sociais (referência aos actantes, nomeadamente, através dos nomes próprios, dos recursos deícticos e outros designadores, passíveis de aproximar ou afastar, valorizar ou depreciar os interlocutores, promovendo ou despromovendo o respeito, a colaboração e o sucesso do relacionamento verbal. Importa considerar os instrumentos linguísticos de cortesia e os recursos linguísticos/discursivos potenciadores ou dificultadores da cooperação humana. Por último, importa delimitar, neste quadro, algumas especificidades da comunicação literária.

No que diz respeito ao plano aplicacional e metodológico do nosso trabalho, pretendemos *observar*, com rigor e *objetividade descritiva* (numa perspectiva *immanentista*), o uso dos recursos linguísticos acima referidos.

Para esse efeito, procederemos à organização e análise dos *corpora relevantes para o nosso estudo, tendo em vista uma análise do discurso, confinada à perspectiva semântica e pragmática do uso da língua portuguesa, na obra literária em estudo*, afastando-nos, voluntariamente, de abordagens com sobreposições multidisciplinares mais ou menos sincréticas, próprias de uma disciplina nascida nos meios filosóficos, e que esboça os primeiros passos em busca de um *objeto formal* de estudo.

Propomo-nos *observar*, no nosso *corpus* de estudo, a atualização, *em uso*, das *virtualidades semânticas e pragmáticas* dos instrumentos linguísticos, ao serviço, não apenas da referência mas também da interação verbal entre *escrevente e leitor virtuais*. Deve ser sublinhado que o nosso trabalho assume uma dimensão de algum modo experimentalista: entre quem escreveu e quem lê, *a fortiori*, na escrita literária, existirá sempre um *abismo intransponível*. Por isso, o grau de adequação das estratégias discursivas aos objetivos ilocutórios e interacionais só pode ser submetida a uma avaliação da consistência e coerência *interna*, baseando-se na observação de factos linguísticos, mas não podendo recorrer ao método experimental ou quasi-experimental, imprescindível em outros domínios do saber.

O presente trabalho constitui o início de um percurso na *observação, descrição e relação* de *dados linguísticos*, em *corpora*, numa perspetiva que pretendemos *imane*nte, praticada pela impropriamente designada *linguística de corpus* (*Corpus Linguistics*).

Assim, partiremos de textos em formato digitalizado, compatível com o processamento automático das línguas (*Traitement Automatique des Langues – TAL / Natural Language Processing – NLP*), utilizando as ferramentas de processamento computacional adequadas ao nosso projeto.

1.1. Organização do trabalho

De acordo com o contexto teórico e metodológico acima referidos, esta investigação divide-se em duas partes: na primeira parte, expomos alguns dos quadros conceptuais e constructos teóricos nos domínios considerados relevantes e necessários ao nosso trabalho; na segunda parte, apresentamos a análise dos diferentes aspetos acima delineados.

Primeira parte

- 1. A especificidade da interação verbal na comunicação literária.*
- 2. Os diferentes recursos linguísticos deícticos ao serviço da interação comunicativa.*
- 3. A dimensão accional da linguagem: os atos de discurso.*
- 4. O princípio de cooperação de Paul Grice.*
- 5. Cortesia e interação verbal.*

Segunda parte

- 1. Evangelho de José Saramago, os evangelhos canónicos e os escritos apócrifos.*
- 2. Constituição dos corpora.*
- 3. Aspetos da estrutura da diegese e da narrativa.*
- 4. Cortesia e tratamento das personagens.*
- 5. A interação direta com o leitor virtual.*
- 6. Deixis pessoal – dispositivos linguísticos de referência ao narrador e ao narratário.*
- 7. O desnível taxémico narrador - narratário.*
- 8. Diálogo com o narratário: soluções atenuadoras da força ilocutória dos atos de discurso “admoestativos”.*
- 9. Diálogo com o narratário: os atos de discurso diretivo.*

2. METODOLOGIA

O *corpus* utilizado é constituído pelo romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (Saramago, 2000)², decomposto em 25 partes (*subcorpora*) e por um segundo *corpus* de referência contrastiva, os quatro evangelhos que integram a *Bíblia Sagrada* (2002)³: *O Evangelho de São Mateus*, *O Evangelho de São Marcos*, *O Evangelho de São Lucas* e *O Evangelho de São João*.

Adotamos, neste estudo, o conceito de *corpus* proposto por Renouf (1987, p. 1): «*The term 'corpus' will be used to refer to a collection of texts, of the written and spoken word, which is stored and processed on computer for the purposes of linguistic research*». Este conceito é retomado por Bento (2008, p. 118), que salienta os seguintes aspetos:

- Os elementos de um *corpus* linguístico devem ser naturais e autênticos;
- Os elementos do *corpus* são textos integrais [...];
- O *corpus* serve de base ao estudo linguístico;
- A composição do *corpus* deve ser previamente definida quanto aos critérios e objetivos do estudo;
- Os documentos devem estar em formato eletrónico (legíveis por máquina) e apresentarem-se segundo normas que permitam a sua reutilização.

A compilação e processamento do nosso *corpus* de estudo foi realizada com recurso a diversas ferramentas especializadas no tratamento automático e assistido de *corpora* (*une boîte à outils*, cf. Nazarenko, 2005), de entre os quais destacamos o sistema *Hyperbase 5.0* (Brunet, 2002), o sistema *Unitex 3.0* (Paumier, 2004), o sistema *NOOJ 3.1* (Silberztein, 2005) e o sistema *WordSmith Tools 4.0* (Scott, 2005).

² Recuperado em 10 dezembro, 2011, de <http://193.137.196.115/upload/elivros/clle000159.pdf>.

³ Recuperado em 15 fevereiro, 2012, de <http://www.capuchinhos.org/biblia>.

2.1. Convenções seguidas ao longo deste trabalho

1. Uma vez que utilizamos ferramentas diversas de processamento de *corpora* as citações de fragmentos do nosso *corpus* de estudo terão dois formatos distintos.

Os extratos apresentados ao longo de todo este trabalho são automaticamente extraídos e rigorosamente referenciados pelo módulo de pesquisa *Contextes* do sistema *Hyperbase*. Os referidos extratos serão destacados do nosso discurso, ao longo deste trabalho, com formatação totalmente automática e utilizando uma fonte específica (Arial Narrow,10). Nestes extratos, utilizaremos duas formas de sublinhado para colocação em foco de segmentos específicos de texto: o *negrito* para os elementos nucleares; o sublinhado de traço contínuo, para um nível de destaque imediatamente inferior.

A par dos referidos extratos do sistema *Hyperbase*, utilizaremos citações manuais, sempre intercaladas no nosso discurso, destacadas através de itálico, e obedecendo às normas gerais de citação APA (*American Psychological Association*). Por razões de comodidade expositiva, o nosso *corpus* será referenciado através da abreviação «OESJC» (*O Evangelho segundo Jesus Cristo*).

2. Neste estudo adotámos representar os *nomes* das entidades (divinas e humanas) dos textos sagrados em maiúsculas pequenas, para que, no nosso discurso, não ocorra ambiguidade entre as referidas entidades e as personagens homónimas do universo ficcional do romance de Saramago.

3. No sistema *NOOJ*, o *corpus* é, frequentemente, processado em modo de microanálise: cada um dos 158 parágrafos é assumido como *subcorpus*. Neste modo, os códigos que identificam cada uma das linhas, automaticamente inseridos pelo sistema *NOOJ*, dividem-se em duas partes, e.g., 03.01. A primeira parte refere-se ao identificador numérico de cada um dos 25 capítulos; a segunda, identifica o número de parágrafo de cada capítulo, conforme explicitado na tabela 1.

Tabela 1. Divisão do corpus em 158 subcorpora (parágrafos)

| N | CORPUS | TYPES | TOKENS | N | CORPUS | TYPES | TOKENS | N | CORPUS | TYPES | TOKENS |
|----|-----------|-------|--------|-----|-----------|-------|--------|-----|-----------|-------|--------|
| 1 | 00.01.txt | 66 | 79 | 54 | 08.02.txt | 320 | 621 | 107 | 17.04.txt | 681 | 1811 |
| 2 | 01.01.txt | 969 | 2388 | 55 | 08.03.txt | 223 | 351 | 108 | 17.05.txt | 343 | 679 |
| 3 | 02.01.txt | 343 | 617 | 56 | 08.04.txt | 609 | 1373 | 109 | 18.01.txt | 858 | 2117 |
| 4 | 02.02.txt | 591 | 1205 | 57 | 08.05.txt | 338 | 641 | 110 | 18.02.txt | 266 | 507 |
| 5 | 02.03.txt | 269 | 472 | 58 | 08.06.txt | 340 | 781 | 111 | 18.03.txt | 607 | 1586 |
| 6 | 03.01.txt | 249 | 381 | 59 | 08.07.txt | 604 | 1272 | 112 | 18.04.txt | 650 | 1483 |
| 7 | 03.02.txt | 229 | 373 | 60 | 08.08.txt | 58 | 67 | 113 | 18.05.txt | 524 | 1190 |
| 8 | 03.03.txt | 395 | 764 | 61 | 09.01.txt | 274 | 453 | 114 | 19.01.txt | 738 | 2002 |
| 9 | 03.04.txt | 193 | 327 | 62 | 09.02.txt | 408 | 794 | 115 | 19.02.txt | 1015 | 2896 |
| 10 | 03.05.txt | 335 | 614 | 63 | 09.03.txt | 436 | 864 | 116 | 20.01.txt | 215 | 369 |
| 11 | 03.06.txt | 321 | 600 | 64 | 09.04.txt | 455 | 908 | 117 | 20.02.txt | 340 | 625 |
| 12 | 03.07.txt | 245 | 406 | 65 | 09.05.txt | 380 | 751 | 118 | 20.03.txt | 1052 | 3050 |
| 13 | 03.08.txt | 231 | 373 | 66 | 09.06.txt | 497 | 1070 | 119 | 20.04.txt | 343 | 682 |
| 14 | 03.09.txt | 292 | 612 | 67 | 10.01.txt | 333 | 672 | 120 | 20.05.txt | 451 | 963 |
| 15 | 03.10.txt | 129 | 195 | 68 | 10.02.txt | 807 | 1963 | 121 | 20.06.txt | 344 | 667 |
| 16 | 04.01.txt | 368 | 715 | 69 | 10.03.txt | 614 | 1530 | 122 | 20.07.txt | 395 | 819 |
| 17 | 04.02.txt | 200 | 321 | 70 | 11.01.txt | 537 | 960 | 123 | 20.08.txt | 45 | 58 |
| 18 | 04.03.txt | 275 | 518 | 71 | 11.02.txt | 427 | 911 | 124 | 21.01.txt | 331 | 577 |
| 19 | 04.04.txt | 399 | 845 | 72 | 11.03.txt | 452 | 963 | 125 | 21.02.txt | 324 | 576 |
| 20 | 04.05.txt | 313 | 543 | 73 | 11.04.txt | 373 | 710 | 126 | 21.03.txt | 710 | 1616 |
| 21 | 05.01.txt | 362 | 607 | 74 | 11.05.txt | 464 | 987 | 127 | 21.04.txt | 646 | 1589 |
| 22 | 05.02.txt | 225 | 376 | 75 | 11.06.txt | 324 | 571 | 128 | 21.05.txt | 85 | 125 |
| 23 | 05.03.txt | 228 | 373 | 76 | 12.01.txt | 164 | 259 | 129 | 22.01.txt | 225 | 428 |
| 24 | 05.04.txt | 708 | 1576 | 77 | 12.02.txt | 630 | 1343 | 130 | 22.02.txt | 419 | 944 |
| 25 | 05.05.txt | 150 | 197 | 78 | 12.03.txt | 347 | 700 | 131 | 22.03.txt | 376 | 763 |
| 26 | 05.06.txt | 200 | 314 | 79 | 12.04.txt | 444 | 821 | 132 | 22.04.txt | 382 | 849 |
| 27 | 05.07.txt | 388 | 834 | 80 | 12.05.txt | 434 | 901 | 133 | 22.05.txt | 426 | 878 |
| 28 | 06.01.txt | 203 | 299 | 81 | 12.06.txt | 181 | 298 | 134 | 22.06.txt | 405 | 851 |
| 29 | 06.02.txt | 220 | 381 | 82 | 12.07.txt | 375 | 737 | 135 | 22.07.txt | 285 | 565 |
| 30 | 06.03.txt | 450 | 931 | 83 | 12.08.txt | 859 | 2659 | 136 | 22.08.txt | 1340 | 3661 |
| 31 | 06.04.txt | 129 | 192 | 84 | 13.01.txt | 443 | 937 | 137 | 22.09.txt | 264 | 482 |
| 32 | 06.05.txt | 214 | 368 | 85 | 13.02.txt | 555 | 1249 | 138 | 22.10.txt | 404 | 966 |
| 33 | 06.06.txt | 242 | 436 | 86 | 13.03.txt | 291 | 508 | 139 | 22.11.txt | 786 | 2181 |
| 34 | 06.07.txt | 348 | 626 | 87 | 13.04.txt | 421 | 773 | 140 | 23.01.txt | 265 | 465 |
| 35 | 06.08.txt | 379 | 689 | 88 | 13.05.txt | 889 | 2063 | 141 | 23.02.txt | 498 | 1056 |
| 36 | 06.09.txt | 237 | 376 | 89 | 14.01.txt | 808 | 2139 | 142 | 23.03.txt | 340 | 622 |
| 37 | 06.10.txt | 337 | 641 | 90 | 14.02.txt | 875 | 2318 | 143 | 23.04.txt | 303 | 541 |
| 38 | 06.11.txt | 372 | 690 | 91 | 14.03.txt | 113 | 163 | 144 | 23.05.txt | 455 | 1075 |
| 39 | 06.12.txt | 85 | 112 | 92 | 15.01.txt | 331 | 584 | 145 | 23.06.txt | 506 | 1135 |
| 40 | 06.13.txt | 97 | 153 | 93 | 15.02.txt | 1106 | 3013 | 146 | 23.07.txt | 246 | 393 |
| 41 | 07.01.txt | 315 | 546 | 94 | 15.03.txt | 598 | 1391 | 147 | 23.08.txt | 306 | 549 |
| 42 | 07.02.txt | 319 | 581 | 95 | 15.04.txt | 543 | 1246 | 148 | 23.09.txt | 398 | 807 |
| 43 | 07.03.txt | 406 | 777 | 96 | 16.01.txt | 271 | 512 | 149 | 23.10.txt | 324 | 664 |
| 44 | 07.04.txt | 283 | 516 | 97 | 16.02.txt | 632 | 1320 | 150 | 23.11.txt | 402 | 879 |
| 45 | 07.05.txt | 372 | 715 | 98 | 16.03.txt | 325 | 589 | 151 | 23.12.txt | 439 | 878 |
| 46 | 07.06.txt | 247 | 407 | 99 | 16.04.txt | 461 | 964 | 152 | 23.13.txt | 306 | 565 |
| 47 | 07.07.txt | 138 | 196 | 100 | 16.05.txt | 858 | 2375 | 153 | 24.01.txt | 452 | 908 |
| 48 | 07.08.txt | 607 | 1264 | 101 | 16.06.txt | 731 | 1734 | 154 | 24.02.txt | 705 | 1914 |
| 49 | 07.09.txt | 238 | 407 | 102 | 16.07.txt | 657 | 1557 | 155 | 24.03.txt | 529 | 1247 |
| 50 | 07.10.txt | 280 | 498 | 103 | 16.08.txt | 52 | 67 | 156 | 24.04.txt | 413 | 940 |
| 51 | 07.11.txt | 208 | 325 | 104 | 17.01.txt | 729 | 1775 | 157 | 24.05.txt | 206 | 367 |
| 52 | 07.12.txt | 228 | 387 | 105 | 17.02.txt | 552 | 1216 | 158 | 24.06.txt | 145 | 224 |
| 53 | 08.01.txt | 259 | 428 | 106 | 17.03.txt | 1046 | 2802 | | | | |

Subcorpora – 158

Types – 14.367

Tokens – 141.576

Os valores numéricos que constam da tabela dizem respeito unicamente às palavras gráficas: foram excluídos os números; o hífen foi considerado "delimitador", para que pudessem ser processados os clínicos; regista-se uma muito diminuta percentagem de erros, introduzidos pelas conversões entre aplicações diferentes. Todavia, esses erros distribuem-se aleatoriamente e não comprometem a validade dos dados quantitativos por nós apresentados.

PRIMEIRA PARTE

1. A ESPECIFICIDADE DA INTERAÇÃO VERBAL NA COMUNICAÇÃO LITERÁRIA

Na comunicação literária, a interação entre quem escreve e quem lê assume características que a demarcam da comunicação oral presencial. É, por isso, oportuno assinalar, com Aguiar e Silva (2002, p. 329), que o leitor é uma entidade dinâmica: cabe-lhe preencher os hiatos, as lacunas, as indeterminações que o autor deixa ao longo da urdidura textual. Assim, reclama-se deste uma cooperação heurística e hermenêutica, mediatizada pela utilização de um policódigo partilhado, como refere Umberto Eco, em *Lector in Fabula* (1983, p. 53): «*Uma expressão permanece um flatus vocis enquanto não é correlacionada, por referência a um dado código, com o seu conteúdo estabelecido por convenção [...]*».

A interação entre a entidade escrevente e a entidade leitora implica, não raras vezes, que ambas partilhem a mesma cosmovisão, como se infere de Umberto Eco, (1983, p. 57), quando afirma que «[...] *o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do seu próprio mecanismo generativo*», *i. e.*, no momento da construção do texto, o autor atua segundo a sua conceção de *leitor* – o leitor modelo⁴, o qual assumirá um comportamento semelhante ao do autor, o que significa que, no momento da produção discursiva, o autor constrói uma entidade teórica – o leitor modelo ou leitor ideal, que funciona como «*elemento com relevância na estruturação do próprio texto*» (Silva, 2002, p. 310).

Os dois autores dão conta da importância da entidade leitora, no momento da escrita, como acima referimos, reportando-se à mesma atividade discursiva.

A comunicação literária, como toda a comunicação escrita, realiza-se *in absentia*, *i. e.*, na ausência de um contexto situacional partilhado. Deste modo, o processo literário apresenta-se «*como funcionalmente defectivo*»: a instância escrevente e a instância leitora «*não se encontram presentes fisicamente*», o que impossibilita o esclarecimento de «*dificuldades e distúrbios porventura ocorrentes no ato comunicativo*» (Silva, 2002, p. 202). A comunicação literária é unidirecional, ou seja, «*não é possível a reversibilidade das funções do emissor e do receptor*», o que faz com que, na ausência de uma das entidades, a outra reforce a sua atenção na mensagem, já que é na «*codificação e decodificação desta [que] residem as garantias*

⁴ «*O Leitor Modelo é um conjunto de condições de felicidade textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas a fim de que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial*», (Eco, 1983, p. 65).

mais sólidas de superar os efeitos comunicacionais negativos resultantes da defectividade.» (Silva, 2002, p. 202).

No nosso trabalho, adotámos a terminologia proposta por Aguiar e Silva (2002, p. 227), o qual distingue o *autor empírico* do *autor textual*, possuindo o primeiro «*existência como ser biológico e jurídico-social*», enquanto que o segundo «*existe no âmbito de um determinado texto literário, como uma entidade ficcional, que tem a função de enunciador do texto e que só é cognoscível e caracterizável pelos leitores desse mesmo texto*».

Apesar de o autor textual ser uma entidade «*oculta ou explicitamente presente e atuante no texto literário, é uma entidade ficcional, uma construção imaginária*», tal não significa que não mantenha «*com o autor empírico e histórico relações complexas e múltiplas*». Ou seja, mantêm uma relação de *implicação* e não de *exclusão mútua*, como assinala Aguiar e Silva (2002, pp. 223-231).

O texto literário, veículo da cosmovisão do autor «*só alcança existência plena ao ser lido como texto literário, ao ser objeto de leituras efetuadas por um número indefinido de leitores reais*» (Silva, 2002, p. 312); contudo, antes de ser objeto de leitura, já é «*um artefacto produzido por um emissor, construído em conformidade ou em rutura com determinados códigos, possuindo certas características e marcas semióticas que o individualizam na sua corporeidade e na sua ratio textus*».

Na perspectiva *pragmática*, adotada no presente estudo, deve assinalar-se que os enunciados produzidos pelo autor assumem diferentes objetivos discursivos, cabendo estudar a forma como os “interlocutores” fazem uso de diferentes enunciados, na interação comunicativa, demarcando-se este enfoque de outras abordagens linguísticas (Gouveia, 1996, pp. 383-384):

[...] a pragmática encara as línguas como instrumentos de ação e de comportamento, também eles regidos por regras, dando simultaneamente conta da relação existente entre as línguas enquanto sistemas formais e a sua atualização em situações de uso.

Sendo diferida, a comunicação literária – como toda a comunicação escrita – e não existindo uma situação e um momento de comunicação partilhados, deixa lugar, contudo, para uma abordagem interacional do discurso, «[...] *não é só em contextos de comunicação face-a-face, seja em práticas discursivo-textuais correntes ou ficcionais, que a interação verbal se concretiza, mas também através da comunicação diferida, incluindo a literária, particularmente a narrativa.*» (Rodrigues, 2003, p. 35).

Situado o objeto do nosso estudo, na sua especificidade, no âmbito da atividade discursiva, e no domínio da interação verbal, cabe, agora, delimitá-lo, enquanto narrativa *ficcional*, contrastando com os relatos bíblicos, que pretendem dar conta de factos *históricos*, relativos à Vida de JESUS CRISTO.

Segundo a perspectiva de Reis e Lopes, (2011, p. 160),

A ficcionalidade pode ser concebida em *termos de intencionalidade* [...] entende-se que o fator primeiro da ficcionalidade é a colocação ilocutória do autor e o seu intuito de construir um texto na base de uma atitude de fingimento. A esta perspectiva de abordagem pode associar-se outra, *de tipo contratualista*: neste caso, vigora um acordo tácito entre autor e leitor, acordo consensualmente baseado na chamada «suspensão voluntária da descrença» e orientado no sentido de se encarar como culturalmente pertinente e socialmente aceitável o jogo da ficção (sublinhado nosso).

A *relação contratualista* que possa estabelecer-se entre as duas instâncias não implica um afastamento total da realidade histórica; pelo contrário, como anotam alguns autores, o contacto com o real propicia um carácter mais didático, mais reflexivo (cf. Reis e Lopes, 2011).

No *corpus* estão presentes referências diretas às principais figuras bíblicas, submetidas a uma *modelização ficcional*, *i.e.*, o autor parte de um assunto de conhecimento universal, e constrói o seu próprio discurso, registando-se uma articulação entre alguns temas/*topoi* encontrados na *Bíblia Sagrada* e a criatividade do autor, confluindo na ficção.

2. OS DIFERENTES RECURSOS LINGÜÍSTICOS DEÍTICOS AO SERVIÇO DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA

A referência deítica assume grande importância em qualquer abordagem pragmática indexical. Fernanda Irene Fonseca, na sua tese de doutoramento (1989), apresenta uma visão de conjunto da qual passamos a extrair as considerações que se seguem, dispensando-nos de lhe fazer referências sucessivas.

O termo *deixis*, provém do grego, e remete para o conceito de *demonstração*, *mostração*, *indicação*; como refere a autora o termo remonta à Antiguidade Clássica, com o contributo do gramático grego Apolónio Díscolo, século II d.C., vertido, posteriormente, por Donato para latim, dando-lhe o valor *demonstrativo*, que ainda hoje se encontra na gramática tradicional (cf. Fonseca, 1989, pp. 115-116). A *deixis*, durante séculos, foi votada ao esquecimento, na medida em que era considerada uma subclasse dos pronomes (demonstrativos), reaparecendo no século XX através da proposta de Brugmann, filólogo alemão, ao estudar os demonstrativos indo-europeus, tendo distinguido quatro tipos de mostração: *der-deixis*, *ich-deixis*, *du-deixis* e *jener-deixis*, (*este-deixis*; *eu-deixis*; *tu-deixis*; *aquele-deixis*), ou seja, evidenciou o poder mostrativo da *deixis* ao referir que «*a mostração pressupõe um “lugar” a partir do qual “se mostra” e que constitui, assim, um marco de referência*» (Fonseca, 1989, pp. 117 e 186, nota 4).

A partir da proposta de Brugman, Karl Bühler estuda a *deixis*, inserindo-a na teoria da linguagem. Bühler «*dá forma a uma teoria da significação linguística em que as dimensões pragmáticas estão já claramente contempladas*» (Fonseca, 1989, p. 118). Ao distinguir os conceitos *nomear* e *mostrar*, evidencia que, a par da função representativa da *deixis*, o *nomear*, há a função de *mostrar*, *apontar*.

Karl Bühler fundamenta os seus estudos sobre a função da linguagem, a partir da teoria do duplo campo⁵:

La teoría de los dos campos afirma que el mostrar y presentar [...] pertenece a la esencia del lenguaje natural exactamente igual que la abstracción y la aprehensión conceptual del mundo [...]. Esta es la quintaesencia de la teoría del lenguaje desarrollada aquí. (Bühler, (1934), 1979, p. 95, como citado em Fonseca, 1989, p. 119)

⁵ Cf. Fonseca, (1989, p. 118): «*teoria do duplo campo (s) e segundo a qual se articulam, na linguagem verbal, um campo simbólico (Symbolfeld) e um campo mostrativo (Zeigfeld)*», a sua articulação deu origem ao sistema de campos, que segundo Bühler «*permite explicar a produtividade da linguagem verbal*».

O conceito de *campo*, importado da psicologia por Bühler, tornou-se num marco importante, pois foi a partir dele que foi possível introduzir o conceito de *campo mostrativo*, em que se encontram envolvidos o sujeito e as coordenadas espaço-temporais. A partir do conceito de *campo mostrativo*, proposto por Bühler distingue-se, com o mesmo autor, na linguagem verbal, três categorias de campo mostrativo, correspondendo cada uma destas categorias a um tipo de deixis específico: *deixis ad oculos*, *anáfora* e *deixis am fantasma*, (cf. Fonseca, 1989).

2.1. Deixis ad óculos

A *mostração* é visível “aos olhos”, a situação de enunciação é partilhada pelos interlocutores; contudo, não devem ser descurados os outros sentidos, nomeadamente a audição, em particular, nos invisuais. Em certas condições, é usada quer como um complemento da visão, quer como órgão autónomo de perceção do meio ambiente. Conclui-se que, ao contrário dos outros modos de mostração apresentados por Bühler, a *deixis ad oculos* refere-se a um campo mostrativo *in praesentia*, situação que não se verifica no nosso estudo, ao nível da enunciação, pois a comunicação escrita, como tem sido referido, é diferida. No plano diegético, as interações das personagens ocorrem em dimensões espaço-temporais verosímeis e o seu tratamento narrativo constitui um fator de literariedade e de valor artístico do discurso literário.

2.2. Anáfora (e catáfora)

A anáfora está para o discurso escrito, como a *deixis ad oculos* está para a linguagem verbal, ou seja, possibilita a *mostração* quer a nível mental, no texto oral, quer a nível mental e visual(izável) (cf. Fonseca, 1989, p.123), no texto escrito, partindo, como nos restantes casos, de um lugar de referência – o sujeito da enunciação. No texto escrito é possível a mostração num movimento retrospectivo, o qual se designa por *anáfora*, ou num movimento prospetivo – *catáfora*, como ilustram os extratos que se seguem.

Exemplo de anáfora:

Um pouco antes de chegarem a Ramalá , onde os crentes mais fervorosos ou de mais apurado olfacto juravam sentir já o santíssimo odor de Jerusalém , largaram o grupo o velho Simeão e os seus , que , **como foi dito antes** , em uma aldeia destes sítios vêm recensear - se .
VI Page: 68 b (7e occ.)

Exemplo de catáfora:

Daqui por algumas semanas este menino fará as suas primeiras tentativas para pôr - se de pé e caminhar , irá de mãos ao chão vezes sem conta e ficará a olhar em frente [...]
IX Page: 128 a (1e occ.)

A deixis *ad oculos* e a anáfora assemelham-se, na medida em que a mostração se encontra acessível, embora de forma diferente: no primeiro caso, através da observação direta, envolvendo os sentidos da visão e da audição, no segundo, através de imagens visuais ou auditivas registadas na memória de longa duração (*AML*P).

2.3. Deixis am phantasma

A *deixis am phantasma*⁶ possibilita à instância enunciativa apontar, através de deícticos, objetos, seres, acontecimentos situados num campo mostrativo imaginário, evocados pela memória, ou seja, o sujeito da enunciação apoia-se em dados da memória para reproduzir ou construir o enunciado, o que evidencia, o poder criativo e recreativo da linguagem.

Conclui-se que embora estejamos perante três tipos de mostração diferentes, presentes estão sempre o sujeito da enunciação e as coordenadas espaço-temporais, contribuindo, em uníssono, para a produtividade da linguagem.

Dois mil crucificados é muito homem morto , **mas mais haveriam de parecer - nos se os imaginássemos plantados a intervalos de um quilómetro ao longo duma estrada , ou rodeando , é um exemplo , o país que há - de chamar - se Portugal** , cuja dimensão , na sua periferia , anda mais ou menos por aí . XII Page: 167 c (1e occ.)

⁶ A autora chama à *deixis am phantasma*, deixis fictiva ou deixis narrativa, por se tratar do modo de mostração que o locutor usa na narração e na ficção (cf. Fonseca, 1989).

O fenómeno da deixis foi abordado por diversos autores. Em Portugal, é Herculano de Carvalho que introduz o estudo deste fenómeno na sua *Teoria da linguagem*:

Temos finalmente a *significação deíctica* ou *mostrativa* (a *deixis* [...]), a qual consiste na *significação realizada por certas formas linguísticas que equivalem a um gesto ou, melhor ainda, o acompanham ou esclarecem, mostrando um objeto pertencente ao contexto real (extra-verbal), ou que já foi ou vai ser imediatamente mencionado no contexto verbal.* (1973, p. 209, sublinhado nosso)

Herculano de Carvalho (1973, pp. 209-210) enumerou, como deícticos os determinantes e pronomes demonstrativos, os pronomes pessoais, os determinantes e pronomes possessivos, para além dos advérbios de lugar e tempo.

O referido autor assinala que toda a enunciação tem o sujeito como ponto de referência:

[...] a *mostração surge primariamente como a génese da categoria gramatical pessoa*, quer esta se manifeste num categorema (o pronome pessoal), quer como morfema preso na variação flexional do verbo, quer de ambos os modos simultaneamente. [...] *Partindo pois do "eu" sobre ele assentando o "aqui" e o "agora", fica constituído o campo mostrativo dentro do qual decorre a comunicação entre dois sujeitos, que alternadamente funcionam como emissor e recetor, orientados, na sua capacidade de referência aos objetos externos (mas também internos), por essas três balizas de pessoa, lugar e tempo.* (Carvalho, 1974, p. 666, sublinhado nosso).

Para Irene Fonseca (1996, p. 437), a deixis «*constitui o modo como está gramaticalizada a inseparabilidade entre a linguagem e o contexto*». Na sua tese de doutoramento, a autora referida põe em destaque a função mostrativa e demonstrativa dos deícticos, sublinhando a importância do *sujeito da enunciação*:

Se mostrar verbalmente um objeto implica situá-lo em relação a um marco de referência constituído pelo próprio falante, então essa *mostração atinge igualmente o próprio marco de referência: a mostração verbal de um objeto é sempre também a mostração verbal do sujeito e das suas coordenadas situacionais realizadas pelo próprio sujeito.* (Fonseca, 1989, p. 78, sublinhado nosso).

A autora considera que o estudo da deixis deve incluir outros operadores para além das unidades linguísticas denominadas deícticos:

[...] os deícticos passa[m] a ser estudados como marcas da enunciação no enunciado, marcas da auto-referencialidade da enunciação (a "realidade" a que se referem os deícticos é, antes de mais,

o próprio ato da sua enunciação). Sem deixarem de ser também, uma vez que fazem parte do sistema formal da língua, marcas da inscrição do sujeito na estrutura formal do sistema linguístico. (Fonseca, 1989, p. 79).

Como observa a autora, são os elementos que funcionam como operadores deícticos, enquanto marcas dos actantes da enunciação e respectivas coordenadas espaço-temporais, que permitem definir

[...] o estatuto de participantes num ato verbal – estatuto designado pelos deícticos EU e TU –, instituem-se a si próprios como centro de um sistema de coordenadas espaço-temporais geradoras da possibilidade de referência. É a partir desse sistema de coordenadas – o EU/TU-AQUI-AGORA da enunciação – que se realizam as operações de referência que tornam possível a significação e que constituem a base do funcionamento da deixis. (Fonseca, 1996, p. 439).

Relativamente ao campo mostrativo, há diferentes categorias de deixis: a que se refere à pessoa, ao lugar, ao tempo, ao discurso e à relação social. No nosso estudo, privilegiaremos, essencialmente, a deixis pessoal e a deixis social; secundariamente, a deixis temporal e a deixis espacial, já que também presentes na obra em análise, como no exemplo que se segue de deixis temporal:

Talvez por não se encontrar igualmente desperto em cada um dos seus cinco sentidos , se é que , então , **nesta época de que vimos falando** , não estavam as pessoas ainda a aprender alguns deles ou , pelo contrário , a perder outros que **hoje nos seriam** úteis [...]

II Page: 22 a (1e occ.)

2.4. Deixis pessoal

Os deícticos pessoais permitem identificar os interactantes da interação verbal. Entre esses deícticos figuram categorias linguísticas como os pronomes pessoais, os pronomes e determinantes possessivos, os pronomes e determinantes demonstrativos, o vocativo, e os morfemas de pessoa e número dos verbos.

O marco de referência egocêntrico, como se verifica através do uso dos deícticos pessoais, não se circunscreve a uma postura egocêntrica/individualista, na medida em que no decurso de um ato comunicativo há alternância de papéis, como refere Martins:

[...] o EU não pode ser concebido a não ser por contraste com o TU. O sujeito falante eleva o outro à condição de existência no processo de comunicação. "EU-TU" é um só ente criado pela reciprocidade de dois elementos numa realidade dialética, interativa que é o processo de comunicação. (Martins, n. d., §12).

Como exemplo, apresentamos, em seguida, um extrato do nosso *corpus*, das formas verbais, na primeira pessoa do plural referidas ao autor (plural de modéstia).

Tendo sido Maria Madalena , como é geralmente sabido , tão pecadora mulher , perdida como as que mais o foram , teria também de ser loura para não desmentir as convicções , em bem e em mal adquiridas , de metade do género humano . Não é , porém , por parecer esta terceira Maria , em comparação com a outra , mais clara na tez e no tom do cabelo , que **insinuamos e propomos** , contra as arrasadoras evidências de um decote profundo e de um peito que se exhibe , ser ela a Madalena . I Page: 16 d (1e occ.)

2.5. Deixis social

Para a autora supracitada, deixis social indicia «*a relação hierárquica que se estabelece entre os participantes de um ato de enunciação*» (Fonseca, 1996, p. 442), o posicionamento social e profissional interfere de forma direta na forma como a instância enunciativa comunica: a deixis reserva «*certas formas de referência aos participantes do ato de enunciação, nomeadamente através de formas de tratamento*», (1996, p. 442), fomentando o respeito entre os interactantes.

A deixis social é «*uma deixis pessoal alargada às dimensões sociais da interação entre os participantes no ato de comunicação*» (Fonseca, 1989, p. 182). No *Evangelho* de Saramago verifica-se um certo grau de intimidade, quando a entidade escrevente se refere à entidade leitora como nos exemplos «*amados irmãos*» (OESJC, 2000, p. 352), «*o leitor deste evangelho*» (OESJC, 2000, p. 214); quando o integra no discurso «*[...] Ora, nós sabemos que, numa situação normal, entre gente comum [...]*» (OESJC, 2000, p. 232).

Como exemplo de recursos linguísticos ao serviço da deixis social, podemos referir os pronomes e determinantes demonstrativos, os pronomes e outras formas de tratamento.

2.6. Deixis temporal

A deixis temporal serve-se, de diversos instrumentos linguísticos, entre os quais alguns advérbios de tempo, preposições, conjunções, morfemas verbais de tempo / modo e recursos sintáticos de subordinação temporal, unidades lexicais da língua, formando campos lexicais especializados na representação da cronologia, como as referências horárias, os dias da semana, os meses, as estações do ano, registando-se também, nas diferentes línguas, expressões fixas ou colocacionais de frequência elevada, como *na semana passada, no próximo inverno, daqui a um mês, dentro de pouco tempo*, etc.

Como anota Faria (2011, p. 36), o tempo «*é de natureza deíctica: presente, passado e futuro não são noções absolutas, são relativas ao momento de enunciação*». Os deícticos temporais permitem situar os estados de coisas referidos em relação ao momento da enunciação (*agora*)⁷. O extrato que se segue permite a Saramago confrontar o tempo da história com o tempo atual – estratégia frequente, neste romance.

O remorso de Deus e o remorso de José eram um só remorso , e se **naqueles antigos tempos** já se dizia , Deus não dorme , **hoje estamos** em boas condições de saber porquê , Não dorme porque cometeu uma falta que nem a homem é perdoável . IX Page: 131 f (1e occ.)

2.7. Deixis espacial

Os deícticos espaciais referem *o locus* em que ocorre a interação ou em que se situa um determinado referente.

Estes deícticos permitem dar conta da proximidade ou distância espacial que separa os interactantes. Ao serviço da deixis espacial estão os pronomes e determinantes demonstrativos⁸, os advérbios de lugar⁹, os verbos de movimento, *ir, vir, trazer, levar*,

⁷ Note-se que a partir do AGORA «ancoraram-se outras referências temporais, nomeadamente o ANTES e o DEPOIS», (Faria, 2011, p. 36).

⁸ Próximo do locutor – este, esta, isto;
distante do locutor – aquele, aquela, aquilo;
distante do locutor, próximo do alocutário – esse, essa, isso.

⁹ Próximo do locutor – aqui, cá;
distante do locutor – ali, lá;

«que incluem um sema de direção relativamente ao AQUÍ» (Fonseca, 1996, p. 443). Frequentemente estes verbos formam pares de *opostos binários direcionais* (cf. Vilela, 1994; Cruse, 2000 e Lyons, 1977).

Na obra de que se ocupa o presente estudo, os deícticos espaciais contribuem para uma estratégia de aproximação do leitor ao local em que se situa o narrador (observador) e em que ocorrem os eventos narrados.

Agora os dois homens [João Baptista e Jesus – que ia ser baptizado,] , **tão longe** , estavam frente a frente e falavam com animação , podia - se perceber pelos gestos , pelos movimentos que faziam com os cajados , passado tempo desceram para a água , **daqui não é possível vê - los** porque o relevo da margem os tem escondido [...] XXIII Page: 421 b (1e occ.)

O narrador opta por se posicionar, no espaço diegético, num ponto de observação limitado pela realidade *criada*, mas que, apesar de tudo, o impede de estar próximo da cena que narra, como se se tratasse de uma entidade real, limitada, na sua visão, pelos obstáculos por ele imaginados (narrador participante).

2.8. Relação entre discurso e contexto

Como observa Irene Fonseca, o uso da linguagem dá ao homem a possibilidade de «se “deslocar” *fictivamente*¹⁰, *instituindo outras coordenadas espácio-temporais [...] como geradoras da configuração de outros mundos possíveis*», (1989, p. 210), a relação de dependência que se encontra em diferentes discursos não é de carácter obrigatório.

A relação de dependência que liga o discurso ao seu contexto é uma relação reversível: se a linguagem é dependente do contexto, também se pode dizer que o contexto é dependente da linguagem na medida em que é por ela criado. Trata-se, pois, de uma relação de interdependência. Uma relação dinâmica e dinamizadora: o

próximo do alocutário – aí.

¹⁰ A autora, em nota, explica o uso do termo fictivo, (1989, p. 241): «*Uso o neologismo 'fictivo' em vez do termo corrente 'fictício', para evitar a conotação de 'fantasia' e 'irrealidade' que se liga a este último. [...] fictivo não é sinónimo de fictício: a possibilidade de transposição, de projeção, do marco de referência enunciativo é sempre uma "ficção linguística" independentemente do facto de se tratar da referência a situações reais ou imaginárias*».

discurso e o contexto não são objetos estáveis, são processos entre os quais se estabelece uma interação construtiva (Fonseca, 1989, p. 210).

Indo ao encontro do objeto de estudo da Pragmática, a autora (Fonseca, 1989, p. 212), considera, numa perspetiva construcionista, «*o discurso e o contexto como processos de natureza interativa e cognitiva que reciprocamente se constroem*». A referenciação deíctica contribui, de forma decisiva, para a dinâmica existente entre o discurso e o contexto. Sempre que é produzido um enunciado, são estabelecidas coordenadas espaço-temporais (*hic et nunc*).

Quando a entidade enunciativa constrói o seu mundo, os deícticos permitem estabelecer a ponte entre a linguagem e o contexto, *i.e.*, «*os deícticos constituem pedras angulares das infra-estruturas linguísticas que tornam possível a ficção, isto é, a capacidade inerente às línguas naturais de criarem os seus próprios referentes*», (Fonseca, 1989, p. 215).

3. A DIMENSÃO ACCIONAL DA LINGUAGEM: OS ATOS DE DISCURSO

Durante muito tempo, as línguas naturais foram estudadas, como instrumentos de *representação do mundo*. Enquanto tais, permitiam produzir enunciados assertivos, cujo conteúdo proposicional poderia ser avaliado, nos termos da lógica bivalente, como verdadeiro ou falso. Esta concepção referencialista da linguagem é posta em causa, nos meios da filosofia da linguagem, nos quais surgiu a perspectiva accional do uso das palavras, num contexto em que começava a distinguir-se, com o gerativo-transformacionalismo, a *competência linguística* da *competência comunicativa*. É assim que surge o trabalho do filósofo britânico, John L. Austin, (1962) *How to Do Things with Words* (como fazer coisas com as palavras, *Quand dire c'est faire*), no qual se distinguem duas grandes classes de enunciados: os enunciados *constativos* (*constatives*, em inglês) e os enunciados performativos (*performatives*). Os enunciados *constativos* representam o mundo sobre a forma de asserções, equivalendo a expressões de lógica de primeira ordem – proposições, cujo valor de verdade pode ser afirmado ou negado. Nesta dimensão, a atividade discursiva vive à margem do mundo sem o alterar (*dicere*). Mas Austin identifica enunciados linguísticos, que não sendo constativos, têm como objetivo primordial alterar o mundo. Tais enunciados são por ele denominados enunciados *performativos*. Um ato de discurso performativo constitui, ele próprio, uma ação de transformação do mundo. Como exemplo, podemos referir as palavras de um juiz, proferidas numa sentença (que podem alterar dramaticamente a vida de um ser humano) ou as palavras de um sacerdote, durante a confissão, que concretizam o perdão dos pecados.

Mais tarde, John Searle, numa obra universalmente conhecida, *Speech acts*, (1969 e 1975), desenvolve as ideias de Austin, aprofundando-as. O seu contributo vem pôr em destaque que *todos os atos de fala têm uma dimensão accional, i. e.*, todos constituem ações humanas, todos interferem no mundo, não havendo enunciados exclusivamente “constativos” ou, como propõe Searle, assertivos. Numa interação verbal, ao ser produzido um ato assertivo, o locutor confronta o alocutário, suscitando neste uma atitude de acordo ou de desacordo com a proposição traduzida no enunciado. O ato aparentemente “constativo” tem uma dimensão não apenas *locutória* (referencial), mas, como todos os atos de discurso, tem igualmente uma dimensão ilocutória: não existem atos exclusivamente *constativos*.

Para efeitos do nosso estudo, adotamos a tipologia de Searle (1985) também consignada em obras de grande relevo (e.g., Cruse, 2000), e adaptada ao português por Mateus *et al.* (2003, pp. 73-81). Desta última obra extraímos as definições abaixo apresentadas, que se baseiam, essencialmente, nos *objetivos ilocutórios* específicos.

3.1. Atos ilocutórios assertivos

Os atos ilocutórios assertivos têm, como objetivo ilocutório, «*Relacionar o locutor com o valor de verdade da proposição expressa pelo enunciado.*»

O carpinteiro, chamado **José filho de Heli**, era um **homem novo**, na flor da vida, fizera há poucos dias **trinta e três anos**. XI Page: 166 a (2e occ.)

3.2. Atos ilocutórios diretivos

Os atos ilocutórios diretivos têm, como objetivo ilocutório, «*Tentar que o alocutário realize futuramente uma ação, verbal ou não verbal, que reflita o reconhecimento, por parte desse mesmo alocutário, do conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor.*»

Em relação a esta subclasse de atos de discurso importa fazer uma referência à *força ilocutória*, uma vez que a mesma pode contribuir, em definitivo, para o sucesso ou insucesso da interação verbal. Pensamos ser oportuno distinguir, com Casanova (1996), *ordem* e *manifestação de desejo*.

Como observa Casanova (1996), há um traço que distingue os dois subtipos referidos: a *coercividade*. O «*[...] não cumprimento de uma ordem (legítima) é sancionável, a não satisfação de um desejo não o é*», (p. 430). Por outras palavras, «*a ordem é para ser cumprida o desejo é para ser satisfeito*», (p. 431).

A força ilocutória é uma variável de grande relevância no relacionamento verbal humano, devendo ser utilizados, por isso, em especial no que se relaciona com a ordem, recursos linguísticos de atenuação.

[...] o carpinteiro chegou à entrada da gruta , chamou , Maria , estás aí , e ela respondeu - lhe de dentro , foi neste momento que José percebeu quanto lhe tremiam as pernas , do esforço feito , sem dúvida , mas também , agora , do choque de saber que o filho estava a salvo . Dentro , Maria cortava verduras para a ceia , o menino dormia na manjedoura . Sem forças , José ainda se deixou cair no chão , mas levantou - se logo , dizendo , **Vamo - nos embora , vamo - nos embora** , e Maria olhou - o sem perceber , Que nos vamos embora , perguntou , e ele , Sim , agora mesmo , Mas tu tinhas dito , **Cala - te e enrola as coisas** , enquanto arreio o burro , Não ceamos primeiro , Cearemos no caminho , Não tarda que seja noite , vamo - nos perder , então José deu um grito , **Cala - te** , já disse , **e faz o que te mando** . VIII Page: 111 c (2e occ.)

3.3. Atos ilocutórios compromissivos

O objetivo ilocutório dos atos compromissivos é *«Comprometer o locutor no desenrolar futuro de uma acção expressa no conteúdo proposicional do enunciado.»*

Como exemplos de atos ilocutórios compromissivos, podemos referir a promessa, a jura, a ameaça. Podemos sublinhar, com Gouveia (1996), que o ato compromissivo institui o locutor como a entidade controladora do estado de coisas futuro.

Foi depois de terem comido , toda a família reunida , que Jesus partiu . Despediu - se dos irmãos , um por um , despediu - se da mãe que chorava , disse - lhe , sem compreender porquê , **Duma maneira ou doutra , sempre voltarei** , e , acomodando o alforge ao ombro , atravessou o pátio e abriu a cancela que dava para a rua . XIII Page: 193 c (2e occ.)

3.4. Atos ilocutórios expressivos

Os atos ilocutórios expressivos têm, como objetivo ilocutório, *«Expressar o estado psicológico do locutor sobre o estado de coisas especificado no conteúdo proposicional do enunciado.»*

Atos expressivos, como *felicitar, apresentar pêsames, dar os parabéns, congratular-se*, sendo *«[...] atos institucionais, no sentido em que são fortemente determinados por convenções sociais, ligadas, quer à tradição em geral quer a certas instituições em particular.»* (Gouveia, 1996, p. 398), poderão ser insinceros, sem que

todavia, enquanto atos de discurso, deixem de atingir, pelo menos parcialmente, os objetivos ilocutórios pretendidos, em relação ao alocutário.

Maria estendeu a mão para o filho , quis tocar - lhe , mas ele furtou o corpo , Não me toques , **a minha alma tem uma ferida** , Jesus , meu filho , Não me chames teu filho , tu também tens culpa . São assim os juízos da adolescência , radicais , na verdade Maria estava tão inocente como os meninos assassinados , os homens , minha irmã , é que decidem de tudo , chegou aqui o meu marido e disse , Vamo - nos embora , depois emendou , Afinal não vamos , e sem mais explicações , foi preciso eu perguntar - lhe , Que gritos são aqueles .

XII Page: 188 c (1e occ.)

3.5. Declaração

A declaração tem como objetivo ilocutório «*Fazer com que um dado estado de coisas do mundo coincida com o conteúdo proposicional do enunciado.*»

O sucesso da declaração exige que a situação comunicativa seja institucionalmente adequada e que os participantes (incluindo testemunhas, padrinhos, etc.) sejam detentores de estatutos sociais e profissionais considerados indispensáveis à legitimação e validação do ato declarativo.

3.6. Declarações assertivas

As declarações assertivas têm como objetivo «*Fazer com que um dado estado de coisas do mundo coincida com o conteúdo proposicional do enunciado, relacionando o locutor com o valor de verdade da proposição expressa pelo enunciado.*»

Como a designação sugere, as declarações assertivas partilham aspetos e condições comuns aos atos ilocutórios assertivos e declarativos.

Exultante , o sacerdote levantou as mãos ao céu , Vês tu , ó Pilatos , ele confessa , e tu não podes deixar ir - se com a vida salva quem , diante de testemunhas , se declarou contra ti e contra César . Pilatos suspirou , disse para o sacerdote , Cala - te , e , tornando a Jesus ,

perguntou , Que mais tens para dizer , Nada , respondeu Jesus , Obrigas - me a condenar - te , Faz o teu dever , Queres escolher a tua morte , Já escolhi , Qual , A cruz , **Morrerás na cruz** .
XXIV Page: 442 f (1e occ.)

Concluo , então , que o estrangeiro que devemos amar é aquele que , vivendo connosco , não seja tão poderoso que nos oprima , como é , nos tempos de hoje , o caso dos romanos , Concluis bem , Agora vais dizer - me , segundo o que te aconselhem as tuas luzes , se , chegando nós um dia a ser poderosos , permitirá o Senhor que oprimamos os estrangeiros que o mesmo Senhor mandou amar , Israel não poderá querer XIV Page: 209 j (1e occ.)

3.7. Atos de discurso indiretos

Como lembra Gouveia (1999, p. 401), os atos de discurso *indiretos* permitem concretizar, em simultâneo, mais que um objetivo ilocutório. O recurso à indiretividade permite, *e. g.*, alterar o comportamento do interlocutor, através enunciado interrogativo ou assertivo: «*pode fechar aquela janela?*» ou «*estou a sentir uma forte corrente de ar!*».

O locutor, embora produza um enunciado interrogativo, (ou assertivo) tem como objetivo ilocutório, alterar o comportamento do alocutário. No exemplo referido, o locutor pretende que o seu interactante interprete o enunciado como um pedido, *i. e.*, não espera receber uma resposta como «*posso*»; espera que ele realize a ação de fechar a janela. Contudo, nem sempre é fácil surpreender, num ato de discurso indireto, a verdadeira intenção do interlocutor, sendo necessário que os interactantes partilhem conhecimento prévio comum e as competências comunicativas requeridas.

O recurso ao ato discursivo indireto pode estar ao serviço da cortesia, atenuando a *força ilocutória* de uma ordem ou de um pedido, como no exemplo anterior.

[...] O cordeiro , **marca - se , ou não se marca , Não sou capaz** , disse Jesus , Dá - mo cá , eu trato disso . XVI Page: 258 d (1e occ.)

4. O PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO DE PAUL GRICE

No artigo *Logic and Conversation*, Paul Grice (1975) apresenta uma reflexão sobre o comportamento verbal, na conversação, que será retomada, posteriormente, por diversos autores. Parte do suposto de que as interações humanas assentam no *princípio da cooperação*, tanto na realização de tarefas não verbais como na conversação – no diálogo. Segundo o autor, este princípio, prescreve um conjunto de normas, que incidem em quatro categorias: *quantidade, qualidade, relação e modo* («*Quantity, Quality, Relation, and Manner.*»), (Grice, 1975, p. 45).

A *categoria de quantidade* refere-se à quantidade de informação a ser facultada, numa interação verbal. A esta categoria correspondem duas máximas:

- Faz com que a tua contribuição seja tão informativa quanto o requerido (pela finalidade da conversação).
- Não faças com que a tua contribuição seja mais informativa do que o requerido. (Grice, 1975, p. 45).

A *categoria de qualidade*, está relacionada com a veracidade e consistência da informação e corresponde à supermáxima «*Procura que a tua contribuição seja verdadeira*» (Grice, 1975, p. 46). Desta supermáxima decorrem duas máximas mais específicas:

- Não digas o que crês ser falso.
- Não digas aquilo para que não tens provas. (Grice, 1975, p. 46).

Na *categoria de relação*, o autor apresenta uma única máxima: «*Sê relevante*» (Grice, 1975, p. 46). Contudo, assinala que, no decurso do ato comunicativo, os temas sucedem-se, o que torna difícil determinar a relevância dos contributos dos participantes.

Enquanto as três categorias indicadas se referem *ao que é dito* a *categoria de modo* refere-se à *organização do discurso*, correspondendo à supermáxima genérica «*Sê claro*» (Grice, 1975, p. 46), atualizável pelas máximas:

- evita a obscuridade de expressão;
- evita a ambiguidade;

- sê breve (evita a prolixidade);
- sê ordenado. (Grice, 1975, p. 46).

O autor refere, ainda, que podem ser acrescentadas outras máximas à máxima de modo, dependendo da complexidade do enunciado.

Um conceito de grande pertinência operatória é o conceito de *implicatura*, proposto pelo autor.

Na interação verbal, as máximas referidas *podem ser violadas*: de forma grosseira, se algum dos participantes se recusa a colaborar; de forma justificada, se não há condições que permitam cumprir uma das máximas.

Assim, se alguém pergunta «que horas são?», poderemos abandonar a máxima da quantidade, respondendo «o sol já se pôs», se uma resposta mais informativa não está ao nosso alcance. Arriscar facultar uma resposta incerta, entraria em conflito com a máxima da qualidade.

Importa, contudo, salientar que a *introdução de uma implicatura* deve ter uma justificação, quando viola uma das máximas conversacionais, uma vez que sobre o alocutário recai o ónus de fazer inferências, por vezes múltiplas, para obter a informação desejada. Grice divide as implicaturas em duas classes: as *implicaturas convencionais* e as *implicaturas conversacionais*. As primeiras representam custos moderados de processamento lógico (inferência), as segundas podem requerer um esforço considerável de processamento, sem garantia de obtenção da informação desejada, e podendo ser posteriormente canceladas, irresponsabilizando o interlocutor que a introduziu. Certas insinuações, com consequências positivas ou destrutivas, recorrem a esta forma de “notação invisível”.

Assim, nem sempre os interactantes respeitam as máximas conversacionais, optando por introduzir implicaturas, umas vezes por delicadeza, outras, de forma consciente (Faria, 2012, p. 29).

No nosso *corpus*, este processo de implicitação ocorre com alguma frequência:

[...] De que demónio falas , Do pastor com quem o meu filho andou durante quatro anos , a governar um rebanho que ninguém sabe para que serve , Ah , o pastor , Conhece - lo , **Andámos na mesma escola** , [...]

XIX Page: 312 e (1e occ.)

Para terminar, refira-se que Paul Grice, para além das máximas referidas, enuncia outras de âmbito estético, social ou moral. A máxima «*Seja educado*» («*Be polite*», Grice, 1975, p. 47) revela a preocupação do autor em relação à importância da cortesia.

5. CORTESIA E INTERAÇÃO VERBAL

A cortesia linguística tem suscitado grande interesse, no âmbito da análise da interação verbal, nomeadamente com Erving Goffman, Robin Lakoff, Geoffrey Leech, Penelope Brown, Stephen Levinson e Catherine Kerbrat-Orecchioni.

Em Portugal, também têm surgido, nas últimas décadas, algumas publicações sobre esta dimensão da competência comunicativa. Recentemente, a tese de doutoramento de David Rodrigues (desenvolvida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), dá conta do *estado da arte* neste domínio.

Na perspetiva do autor supracitado, a *cortesia linguística* é uma área relevante de investigação, e centra-se nos seguintes objetivos:

[...] *identificar* aquelas formas, construções e práticas, realizadas tanto em interações verbais estritas (conversas, diálogos, entrevistas...) como em interações verbais latas (as restantes práticas não especificamente dialogais) e *descrever* e *sistematizar* os meios e mecanismos linguísticos e discursivo-textuais que realizam, explicam e explicitam tais formas, construções e práticas. (Rodrigues, 2003, p. 243, sublinhado nosso)

5.1. Proposta de Erving Goffman

No ato comunicativo, cada interactante deve procurar “mostrar o melhor de si”, *i. e.*, uma imagem positiva. Erving Goffman denomina *face-work* (trabalho da face) esta tarefa de preservação da própria imagem:

The term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is as image of self delineated in terms of approved social attributes – albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself. (Goffman, 1967, p. 5).

Parte-se do princípio de que o indivíduo, para além de querer ser aceite em sociedade, quer ser havido em consideração, quer que as suas opiniões sejam valorizadas, nos diferentes círculos em que se movimenta, o que o conduz a *preservar a sua face*, a optar pela diplomacia, nos diferentes contextos comunicacionais: «*The members of every social circle may be expected to have some knowledge of face-work*

and some experience in its use. In our society, this kind of capacity is sometimes called *tact, savoir-faire, diplomacy, or social skills*» (Goffman, 1967, p. 13).

Relacionado com o conceito de *face*, o autor desenvolveu o conceito de *território*¹¹, que corresponde ao espaço pessoal que deve ser preservado de toda a ameaça de intrusão ou violação.

5.2. Proposta de Robin Tolmach Lakoff

Lakoff centra-se também nas normas de conduta que devem nortear o ato comunicativo, propondo duas regras, que designa como *Máximas da competência pragmática: a máxima da clareza e a máxima da cortesia*.

Por um lado, é reforçada a importância da clareza no discurso, evitando interpretações erróneas; por outra parte, evidencia-se a importância dos atos linguísticos corteses no sucesso da interação verbal.

Lakoff baseia-se no *princípio da cooperação* de Grice, nas máximas da *quantidade, da qualidade, da relação e modo* (cf. Grice, 1975, p. 45) e da delicadeza, «*Be polite*», (Grice, 1975, p. 47). A partir das primeiras quatro daquelas máximas é desenvolvida a máxima de *clareza*; a partir da máxima da delicadeza, Lakoff concebe para a sua máxima da cortesia três regras: *não importune, ofereça alternativas, faça com que o seu interlocutor se sintam bem* (cf. Rodrigues, 2003, p. 109).

Estas duas máximas da *competência pragmática* (clareza e cortesia) podem entrar em conflito; nessa situação, a cortesia deve impor-se à clareza, se a clareza puder resultar em ofensa, gerando a degradação (em caso extremo, a cessação, por conflito) da interação verbal.

Lakoff nas máximas referidas limita-se a conceptualizar princípios elementares da convivência humana. Nem sempre basta a clareza para o sucesso de uma interação

¹¹ Kerbrat-Orecchioni, (1992, pp. 167-168), resume os vários *territórios do eu* propostos por Goffman:
«-le corps et ses divers prolongements (vêtements, poches, sac à main, dont on supporte mal qu'ils sont indiscrètement fouillés);
- l'ensemble des réserves matérielles de l'individu (le "à moi": mon assiette, ma voiture, ma femme, etc.) auxquelles autrui ne saurait avoir accès sans autorisation explicite de leur propriétaire ou protecteur légitime ("touche pas à mon pote");
- le territoire spatial: sa "place", son "chez soi", cette sorte de "bulle" à l'intérieur de laquelle on évolue et dont le diamètre varie selon certains paramètres qu'il revient à la proxémique d'étudier;
- le territoire temporel, et en particulier le temps de parole auquel on estime avoir droit (d'où le caractère potentiellement offensant des interruptions);
- les réserves d'information enfin, ses secrets et ses jardins secrets.»

humana, nomeadamente durante uma discussão acesa, em que pode ocorrer a agressão irreparável da face do interlocutor.

Na escrita de Saramago, por exemplo, a propósito de rituais sagrados, na tradição da cultura judaico-cristã (como a imolação) a clareza chega a constituir-se afronta, quando é apresentada uma descrição muito *clara*, mas que pode atentar contra os princípios da delicadeza:

As pobres avezinhas não sabem ao que vão , embora o cheiro de carne e de penas queimadas que paira no ar não devesse enganar ninguém , **sem falar de cheiros muito mais fortes , como o do sangue , ou o da bosta dos bois arrastados para o sacrifício e que de premonitório medo se borram desgraçadamente .** VII Page: 98 b (1e occ.)

5.3. Proposta de Geoffrey Leech

Segundo Geoffrey Leech, no relacionamento verbal, o enfoque deve ser colocado nas regras sociais que podem conduzir à eficácia e adequação dos discursos. A sua proposta tem como suporte as conceptualizações relativas à dimensão ilocutória da comunicação verbal e às taxonomias dos atos de discurso.

Parte do *princípio de cooperação* de Paul Grice (1975), privilegiando e desenvolvendo os aspetos relativos à delicadeza. Assim, dedica-se ao *princípio da cortesia*, através de uma aproximação normativa, explicitada em seis máximas: *a máxima do tato, a máxima da generosidade, a máxima da aprovação, a máxima da modéstia, a máxima do consentimento (ou do acordo) e a máxima da simpatia (tendo, cada uma das máximas referidas, duas submáximas)*. A sua classificação, que resumimos, em seguida, tem como base a *ratio custo versus benefício* para os interactantes:

- A máxima de *tato* aconselha o locutor a *minimizar o investimento do alocutário*;
- A máxima de *generosidade* aconselha o locutor a *maximizar o benefício do alocutário*;
- A máxima de *aprovação* determina que o locutor deve *evitar o uso de asserções de censura*;
- A máxima de *modéstia* aconselha o locutor a *evitar o autoelogio*;
- A máxima de *acordo* preconiza o *consenso entre os interactantes*;

- A máxima de *simpatia* prescreve atos de delicadeza *que conduzam ao bem-estar entre os interactantes*.

A taxonomia que acabamos de apresentar, centra-se, em suma, na valorização da face do alocutário em detrimento da do locutor.

5.4. Proposta de Penelope Brown e Stephen C. Levinson

A *racionalidade* e a *face* são dois conceitos convocados pelos autores para conceptualizar a forma de agir do indivíduo: a *racionalidade* relaciona-se preferencialmente com as máximas da quantidade, da qualidade, da relação e de modo de Grice; o conceito de *face*, retomado de Goffman, é, agora, subdividido em duas dimensões a *face negativa* e a *face positiva*. A face negativa concerne «*the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction - i.e. to freedom of action and freedom from imposition*», a face positiva «*the positive consistent self-image or "personality" (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants*», (Brown e Levinson, 1996, p. 61

Os atos verbais e não verbais que possam ameaçar a face positiva e/ou negativa dos interactantes designaram-nos os autores por *atos ameaçadores de face* («*face threatening acts*» - FTA).

Num contexto de interação, podem eventualmente surgir *atos ameaçadores de face*, que podem ser reunidos, em quatro categorias, que passamos a enumerar, seguindo, de perto, a sinopse de Rodrigues (2003):

- *Atos ameaçadores da face positiva do alocutário*: todos os atos que podem lesar a autoestima do outro, como a crítica, a refutação, a advertência, a injúria, o insulto, a zombaria.

- Atos ameaçadores da face negativa do alocutário: todas as violações de natureza verbal como as perguntas indiscretas ou estúpidas, os atos diretivos e não-verbal, como os contactos corporais indevidos, agressões visuais, ofensas proxémicas.
- Atos ameaçadores da face positiva do locutor: todos os comportamentos auto degradantes, como a confissão, pedir desculpa, autocríticas.
- Atos ameaçadores da face negativa do locutor: todos os atos que afetam o território daquele que os realiza, como as ofertas, promessas.

5.5. Proposta de Catherine Kerbrat-Orecchioni

Kerbrat-Orecchioni apresenta uma proposta de descrição e análise da cortesia verbal, na qual defende que, a par dos *atos ameaçadores de face* («*face threatening acts*» - *FTA*), existem os *atos valorizadores de face* («*face flattering acts*» - *FFA*), que permitem valorizar as faces dos interactantes. Assim, divide os atos linguísticos em dois grandes grupos: os essencialmente negativos e os essencialmente positivos (Kerbrat-Orecchioni, 1996, p. 54):

[...] l'ensemble des actes de langage se répartissant alors en deux grandes familles, selon qu'ils ont sur les faces des effets essentiellement **négatifs** (comme l'ordre ou la critique), ou essentiellement **positifs** (comme le compliment ou le remerciement).

Na obra *La conversation*, a autora (1996, p. 54) define cortesia negativa e cortesia positiva:

Cortesia Negativa

«*La politesse négative est de nature abstentionniste ou compensatoire: elle consiste à éviter de produire un FTA, ou à en adoucir par quelque procédé la réalisation – que ce FTA concerne la face négative (ex.: ordre) ou la face positive (ex.: critique) du destinataire.*»

Cortesia Positiva

«*La politesse positive est au contraire de nature productionniste: elle consiste à effectuer quelque FFA pour la face negative (ex.: cadeau) ou positive (ex.: compliment) du destinataire.*»

Assim, a cortesia negativa passa pela abstenção e pela compensação, tendo como objetivo evitar ou reparar atos que atentem contra a cortesia; a cortesia positiva prescreve comportamentos linguísticos que valorizem a face do interlocutor.

A autora também distingue os conceitos de *face negativa* e *face positiva*. A face negativa é relacionada com a noção de *território* de Goffman e representa a vontade de que os nossos desejos, crenças e necessidades não sejam impedidos ou invadidos por outros; a face positiva traduz a vontade de que os outros procedam de modo a aumentarem a nossa autoestima, *i. e.*, que nos elogiem ou nos digam aquilo que nós queremos ouvir de nós próprios.

Na interação verbal humana, intervêm pelo menos dois actantes, a quem cabe a preservação das suas faces, como se representa na figura 1, adaptada a partir do trabalho de Rodrigues, (2003, p. 135).

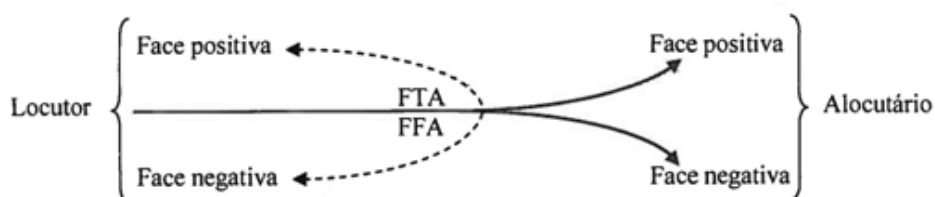


Figura 1. Representação do efeito boomerang na realização de um FTA e / ou FFA.

A face positiva e/ou negativa do alocutário é, em primeiro lugar, diretamente atingida pelos atos *FFA* e *FTA* (representados pelas setas contínuas); em segundo lugar, é também indiretamente atingida pelos atos *FFA* e *FTA* (representado pelas setas tracejadas), a face positiva e/ou negativa do locutor. Deste modo, o locutor, ao lesar a face do alocutário, está indiretamente a valorizar e/ou desvalorizar a sua própria face como no efeito *boomerang*, (cf. Rodrigues, 2003).

Baseada na proposta de Brown e Levinson e de Leech, a autora propõe um sistema de cortesia assente em três eixos norteadores, que passamos a resumir a partir de Rodrigues (2003, p. 137).

«1- Eixo dos princípios que regem os comportamentos verbais que o locutor deve adotar em relação a si próprio (*princípios L-orientados*) e em relação ao seu alocutário (*princípios A-orientados*).

2- Eixo dos princípios que relevam da *cortesia negativa versus cortesia positiva*.

3- Eixo dos princípios que dizem respeito à *face negativa versus face positiva*.»

Como se infere da autora, as regras de cortesia pretendem contribuir para a eficácia da interação verbal humana: através delas são regulados «*les comportements que le locuteur doit adopter envers son partenaire d'interaction*» e «*les attitudes que le locuteur doit adopter vis-à-vis de lui-même*» (Kerbrat-Orecchioni, 1996, pp. 50-51).

As diferentes propostas de reflexão, decorrentes da análise conversacional, embora situadas preferencialmente no plano *normativo*, facultam-nos alguma convergência que se traduz em conceitos operatórios, como o de *território* e de *face*, pertinentes para o estudo da interação verbal através da escrita.

5.6. Processos linguísticos de cortesia negativa versus positiva

O uso da linguagem, ou seja, a competência comunicativa acompanha o desenvolvimento integral da criança em especial a aquisição e o desenvolvimento da linguagem.

Kerbrat-Orecchioni propõe um inventário dos processos linguísticos específicos da cortesia negativa (*substitutivos* e *acompanhantes*) e da cortesia positiva (*intensificadores*). Os processos verbais de cortesia negativa, designou-os de «*adoucisseurs*»¹², e divide-os em *substitutivos* e *acompanhantes*.

Os *atenuadores substitutivos* permitem substituir um ato ameaçador, por um menos lesivo. A partir de Rodrigues (2003), são apresentados alguns dos *atenuadores* presentes na língua portuguesa:

¹² Embora não haja consenso relativamente à tradução do conceito, seguiremos a proposta de David Rodrigues, que «*adoucisseurs*» traduz por *atenuadores* (Rodrigues, 2003, pp. 147-148, nota de rodapé 53).

- adoção de atos de discurso indiretos;
- os modos e tempos verbais, os verbos modalizadores e os advérbios que permitem alterar o valor modal das asserções dos verbos;
- a substituição do singular pelo plural, (como o caso do plural de modéstia);
- as figuras de estilo como o eufemismo e a metáfora.

Os atos ameaçadores, *i. e.*, descorteses, podem ser acompanhados por fórmulas que lhes confirmam suavidade, os *atenuadores acompanhantes*, que são vários, como realça o estudo de Rodrigues (2003):

- *fórmulas de cortesia especializadas*;
- *enunciados “preliminares”* ;
- *pedidos de desculpa, justificações, explicações*;
- *atos ilocutórios indiretos – que permitem atenuar a força ilocutória, e. g., pedidos em vez de ordens*;
- *elogios*.

Além da apresentação de diferentes processos de cortesia negativa, *atenuadores substitutivos ou acompanhantes*, a autora apresenta *processos de cortesia positiva*, que se fazem acompanhar, normalmente, por *intensificadores*. Os *agradecimentos*, as *ofertas*, os *elogios*, os *convites*, os *cumprimentos*, as *fórmulas de boas-vindas* são exemplo de atos valorizadores de face.

A autora denominou os marcadores linguísticos e discursivo-textuais que manifestam as distâncias horizontal (proxémica) e vertical (taxémica) dos intervenientes no ato comunicativo por *relacionemas horizontais e relacionemas verticais*. Os *relacionemas horizontais* podem ser *indicadores ou construtores*, devido à sua natureza, *i. e.*, se manifestam uma relação já existente, ou se proporcionam a construção de uma relação, respetivamente. Os *relacionemas verticais* denominou-os por *taxemas*, que subdividiu em *taxemas de posição alta* e *taxemas de posição baixa*.

Passamos a apresentar, a partir do estudo de Rodrigues (2003, pp. 154-155), alguns exemplos de relacionemas horizontais e relacionemas verticais.

Relacionemas horizontais

- *formas de tratamento*, pronominais e nominais conjugados com os morfemas verbais de tempo/modo, número/pessoa;
- escolha de *temas*: não se fala, por regra, de temas íntimos ou pessoais a estranhos, tal como “não se fala de corda em casa de enforcado”, mesmo que (ou sobretudo em) se tratando de pessoa íntima;
- *níveis de língua*: as situações formais exigem, por regra, registos elevados, enquanto as informais se associam a registos mais ou menos familiares.

Taxemas (relacionemas verticais):

- *formas de tratamento*, pronominais e nominais em articulação com os morfemas de tempo/modo e número/pessoa; os modos e tempos verbais, os verbos volitivos e verbos auxiliares modalizantes.
- *organização dos turnos de fala (ou tomadas de vez)*, do ponto de vista quantitativo (e.g., falar mais e durante mais tempo é sinal de posição alta) e do ponto de vista qualitativo (e.g., as interrupções e as intrusões são também entendidas como taxemas de posição alta).
- *organização estrutural da interação verbal*: àquele que ocupa uma posição alta cabe, regra geral, abrir e fechar as sequências dialogais. Estes taxemas, como os anteriores, não se aplicam à comunicação escrita de que nos ocupamos, no presente estudo.
- *atos de discurso diretivos e “avaliativos”*: quem ocupa uma posição alta pode realizar *FTA*, como a ordem, proibição, autorização, conselho, crítica, e censura.

No seu estudo, Rodrigues (2003) sublinha a importância da *face* de terceiros no decurso do ato comunicativo, quando há referência direta e ou indireta a um indivíduo, *in praesentia* ou *in absentia*. Uma asserção pode *ferir* (processo de desfiguração), *construir* (processo de figuração) ou *restaurar* (processo de refiguração).

Assinala também que a par do sistema de cortesia já existente, é importante elaborar um para a descortesia, *i. e.*, os processos linguísticos descorteses devem, igualmente, ser objeto de estudo da cortesia linguística. O seu uso determina o *poder* e a *distância social* entre os interactantes; a um ato descortês pode suceder-se um ato cortês, capaz de reparar, ao menos parcialmente, os efeitos negativos do anterior.

SEGUNDA PARTE

1. EVANGELHO DE JOSÉ SARAMAGO, OS EVANGELHOS CANÓNICOS E OS ESCRITOS APÓCRIFOS

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa* (Casteleiro, 2001), *evangelho* «do lat. *evangelium* < gr. *ευαγγέλιον* ‘boa nova’» apresenta múltiplas entradas, das quais destacamos:

1. Rel. (com maiúsc.) a doutrina ou os ensinamentos de Jesus Cristo.
3. Rel. (com maiúsc.) Cada um dos quatro livros sagrados onde se relata a vida de Cristo e que fazem parte do Novo Testamento.

O *Novo Testamento* é constituído pelos quatro evangelhos (São Marcos, São Mateus, São Lucas e São João); os Atos dos Apóstolos; vinte e uma epístolas dos apóstolos (catorze atribuídas a Paulo, uma a Tiago, duas a Pedro, três a João e uma a Judas); o Apocalipse, atribuída a autoria a João.

O *Antigo Testamento* é composto por 48 Livros, organizados em quatro conjuntos, Pentateuco (5), Livros Históricos (16); Livros Sapienciais (7); Livros Proféticos (20), consoante o tema tratado.

Os textos que integram a *Bíblia Sagrada* são designados por *textos canónicos*; entendendo-se por *canónico* «do lat. *canonicus*» conforme aos cânones da Igreja, (cf. Casteleiro, 2001).

A seleção dos textos a integrar nas Sagradas Escrituras constituiu-se tarefa complexa e morosa (cf. Svetsítskaia, 1990). Era elevado o número de textos que se ocupavam da vida e dos ensinamentos de JESUS CRISTO: «*as obras incluídas no Novo Testamento foram em tempos apenas uma parte da vasta literatura cristã dos séculos I e II*» (Svetsítskaia, 1990, p. 178). O prólogo de São Lucas, entre outros textos, indicia que tinham sido escritas e ou estavam a ser escritas obras semelhantes à que Lucas se propõe a apresentar: «*Já que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram [...] resolvi eu também [...] expor-tos por escrito e pela sua ordem, illustre Teófilo, a fim de que reconheças a solidez da doutrina em que foste instruído.*» (Lc 1).

Diversas pesquisas arqueológicas, efetuadas no Egípto¹³, comprovam a existência de outros textos que não foram incluídos nas Sagradas Escrituras, nomeadamente: o Evangelho de Pedro; o Evangelho de Tomé; o Evangelho de Filipe, o Evangelho da Verdade, entre outros (cf. Svetsítskaia, 1990, p. 177ss.).

Os textos que não se encontram integrados nas Sagradas Escrituras, no *Antigo Testamento* e no *Novo Testamento*, passaram a ser designados *apócrifos*, significando *apócrifo* oculto, de autenticidade suspeita, (cf. Casteleiro, 2001).

O número elevado de textos que procuram relatar diferentes momentos da Vida de JESUS e algumas divergências que encontramos dentro dos próprios textos canónicos (e.g., Mt 2,1 vs Lc 2,1-7) têm suscitado dúvidas e questões que permanecem ainda sem resposta.

As indeterminações têm estimulado o aparecimento de trabalhos que abordam a Vida de JESUS CRISTO, assim como a de outras figuras bíblicas, nomeadamente MARIA MADALENA, JOSÉ, MARIA, JUDAS DE ISCARIOTE, PÔNCIO PILATOS e do próprio LÚCIFER.

O *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, referido, sempre, pelo autor, como – simplesmente – o *evangelho*, [sic], – e, doravante, designado, neste estudo, por «OESJC», caindo sob o escopo da escrita ficcional, não pode instituir-se como um relato alternativo aos textos bíblicos quasi homónimos, ou como um trabalho de reconstituição histórica dos factos referidos na *Bíblia Sagrada*.

Tabela 2. Pregação de JOÃO BAPTISTA

| OESJC | Mt | Mc | Lc | Jo |
|--|---|----|--|----|
| «[...] Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que está para chegar, deveis é produzir frutos de arrependimento sincero e não vos iludirdes a vós mesmos dizendo que tendes por pai a Abraão , pois eu vos digo que Deus pode, destas brutas pedras, suscitar novas vergôntes a Abraão, deixando - vos a vós desprezados , vede que já o machado se encontra à raiz das árvores , e por isso toda aquela que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo [...]», XXIII Page: 418 m (1e occ.) | «Apelo de João à conversão - Vendo, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao seu baptismo, disse-lhes: « Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que está para vir? Produzi, pois, frutos dignos de conversão e não vos iludais a vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão! Pois, digo-vos: Deus pode suscitar, destas pedras, filhos de Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores , e toda a árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo» (Mt3,7-10) | | «João dizia, então, às multidões que acorriam para serem baptizadas por ele: « Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que está para chegar? Produzi frutos de sincero arrependimento e não comeceis a dizer para convosco: Nós temos Abraão como pai; pois eu vos digo que Deus pode, destas pedras, suscitar filhos a Abraão. O machado já se encontra à raiz das árvores ; por isso, toda a árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo.» (Lc 3,7-9) | |

13 Nos lugares de Ossirinco (1897 e 1904); em Nag Hammadi (1945), em Jebel Qarara, província de Al-Minya (1978) – no Egito, só para citar alguns.

Contudo, como mostraremos em capítulos posteriores, o discurso de *OESJC*, só é compreensível no contexto dos quatro evangelhos da *Bíblia Sagrada*, nomeadamente, no que diz respeito ao espaço físico e político-social, às ações, aos nomes das personagens – massivamente “importados” dos textos bíblicos – e, inclusivamente à utilização reiterada de texto reproduzido dos textos bíblicos, como pode observar-se nos extratos do nosso *corpus paralelo* que figuram nos quadros sinópticos representados pelas tabelas 2 e 3, respetivamente, em relação à pregação de JOÃO BAPTISTA e à fala de DEUS, no momento do batismo de JESUS.

Tabela 3. Ato de fala expressivo de DEUS dirigido a JESUS CRISTO

| <i>OESJC</i> | <i>Mt</i> | <i>Mc</i> | <i>Lc</i> | <i>Jo</i> |
|--|---|--|--|-----------|
| «Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca, e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, <i>Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência.</i> » XXIV Page: 444 d (1e occ.) | «É uma voz vinda do Céu dizia: <i>«Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado»</i> » (Mt 4,17) | «É do céu veio uma voz: <i>«Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus todo o meu agrado.»</i> » (Mc 1,11) | «É do Céu veio uma voz: <i>«Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu agrado.»</i> » (Lc 3,22) | |

2. CONSTITUIÇÃO DOS *CORPORA*

2.1. O *corpus* da obra de Saramago

A obra de que nos ocupamos, neste estudo, está dividida em partes, mas sem títulos. Decidimos, para efeitos do pré-processamento (anotação do *corpus*), enumerar cada uma das partes, designando-as por *capítulos*, precedidos de uma “introdução”, constituída por um excerto do *Evangelho de São Lucas*. O *corpus* principal fica, assim, constituído por 25 elementos (*subcorpora*), como explicita a tabela 4, perfazendo um total de 14.397 *formas gráficas*¹⁴ (*types*), com a frequência total de 168.761 *ocorrências* (*tokens* – cf. Sinclair, 1991, p. 32).

Tabela 4. Frequência das formas gráficas presentes nos diferentes capítulos de *OESJC*

| CAPÍTULOS | TIPOS (Types) | OCORRÊNCIAS (Tokens) | TYPE/TOKEN RATIO |
|------------|------------------|-------------------------|------------------|
| Introdução | 66 | 79 | 0,83544 |
| I | 969 | 2.388 | 0,40578 |
| II | 933 | 2.294 | 0,40671 |
| III | 1.531 | 4.645 | 0,32960 |
| IV | 1.086 | 2.942 | 0,36914 |
| V | 1.487 | 4.277 | 0,34767 |
| VI | 1.848 | 5.894 | 0,31354 |
| VII | 2.115 | 6.619 | 0,31953 |
| VIII | 1.677 | 5.534 | 0,30304 |
| IX | 1.627 | 4.840 | 0,33616 |
| X | 1.337 | 4.165 | 0,32101 |
| XI | 1.637 | 5.102 | 0,32085 |
| XII | 2.068 | 7.718 | 0,26795 |
| XIII | 1.768 | 5.530 | 0,31971 |
| XIV | 1.456 | 4.620 | 0,31515 |
| XV | 1.852 | 6.234 | 0,29708 |
| XVI | 2.418 | 9.118 | 0,26519 |
| XVII | 2.213 | 8.283 | 0,26717 |
| XVIII | 1.919 | 6.883 | 0,27880 |
| XIX | 1.451 | 4.898 | 0,29624 |
| XX | 1.997 | 7.233 | 0,27610 |
| XXI | 1.493 | 4.483 | 0,33304 |
| XXII | 3.008 | 12.568 | 0,23934 |
| XXIII | 2.479 | 9.629 | 0,25745 |
| XXIV | 1.578 | 5.600 | 0,28179 |

Subcorpora=25; *types*=14.367; *tokens*=141.576

¹⁴ Entre as formas gráficas, de diversa natureza, figuram as palavras gráficas (*word forms* – Sinclair, 1991, p. 28; CLUL, 1987, p. 328).

Observámos que o texto em estudo mantém, com os textos bíblicos, uma relação evidente de intertextualidade, em vários níveis de análise, incluindo o vocabulário, grupos sintáticos e mesmo unidades frásicas de extensão variável. Assim, compilámos um segundo *corpus contrastivo*, constituído por quatro *subcorpora*, correspondentes aos quatro evangelhos do *Novo Testamento*, como explicitado na tabela 5.

Tabela 5. Constituição do *corpus* contrastivo

| EVANGELHO | TIPOS | OCORRÊNCIAS | FREQ. RELATIVA (%) |
|-----------|----------------|-----------------|----------------------------|
| | <i>(Types)</i> | <i>(Tokens)</i> | <i>(Type/ token ratio)</i> |
| MATEUS | 3.486 | 22.205 | 0,08747 |
| MARCOS | 2.571 | 13.056 | 0,15699 |
| LUCAS | 3.838 | 22.690 | 0,19692 |
| JOÃO | 2.455 | 18.014 | 0,16915 |

A figura 2 ilustra a extensão dos *subcorpora* referidos. A fim de podermos ter acesso a uma visão contrastiva eficaz, procedemos ao *alinhamento* de todos os *corpora*, obtendo assim *um corpus paralelo*, através do recurso ao aplicativo *Aligner* do sistema *WordSmith Tools*.

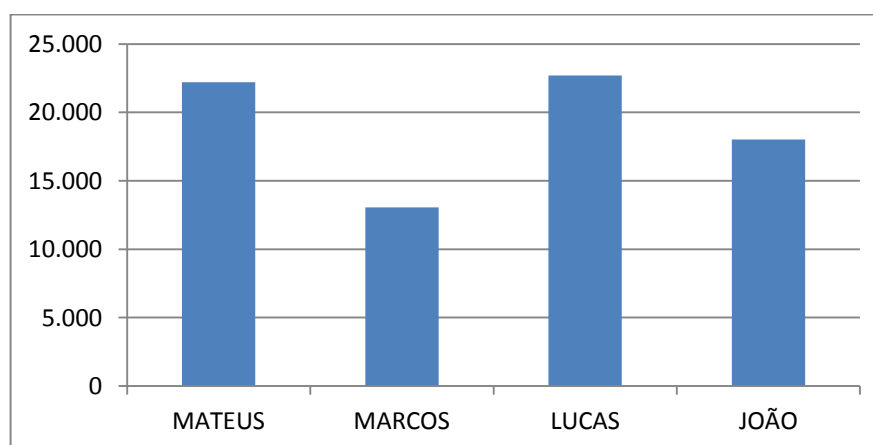


Figura 2. Dimensão relativa dos quatro elementos do *corpus* contrastivo.

O alinhamento dos *corpora* paralelos é anotado por *balizas XML (tags)* pelos sistemas *WordSmith Tools* e *NOOJ*, ambos operando com unidades frásicas delimitadas pelas balizas *TU (Text Units)*. Apresenta-se, em seguida, um extrato da saída (*output*) dos procedimentos do referido alinhamento, em relação à sequência narrativa «*a purificação do templo*», nos cinco *corpora* paralelos.

MT

<TU> Purificação do templo - Jesus entrou no templo e expulsou dali todos os que nele vendiam e compravam. Derrubou as mesas dos cambistas e as bancas dos vendedores de pombas, dizendo-lhes: «Está escrito: A minha casa há-de chamar-se casa de oração, mas vós fazeis dela um covil de ladrões.» </TU>

MA

<TU> Purificação do templo - Chegaram a Jerusalém; e, entrando no templo, Jesus começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo; deitou por terra as mesas dos cambistas e os bancos dos vendedores de pombas, e não permitia que se transportasse qualquer objecto através do templo. </TU>

<TU> E ensinava-os, dizendo: «Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? Mas vós fizestes dela um covil de ladrões.»</TU>

<TU> Os sacerdotes e os doutores da Lei ouviram isto e procuravam maneira de o matar, mas temiam-no, pois toda a multidão estava maravilhada com o seu ensinamento. Quando se fez tarde, saíram para fora da cidade.</TU>

LC

<TU> Purificação do templo - Depois, entrando no templo, começou a expulsar os vendedores. E dizia-lhes: «Está escrito: A minha casa será casa de oração; mas vós fizestes dela um covil de ladrões.» </TU>

JO

<TU> Purificação do templo - Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. Encontrou no templo os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas nos seus postos. Então, fazendo um chicote de cordas, expulsou-os a todos do templo com as ovelhas e os bois; espalhou as moedas dos cambistas pelo chão e derrubou-lhes as mesas; e aos que vendiam pombas, disse-lhes: «Tirai isso daqui. Não façais da Casa de meu Pai uma feira.» </TU> <TU> Os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da tua casa me devora. Então os judeus intervieram e perguntaram-lhe: «Que sinal nos dás de poderes fazer isto?» Declarou-lhes Jesus, em resposta: «Destruí este templo, e em três dias Eu o levantarei!» Replicaram então os judeus: «Quarenta e seis anos levou este templo a construir, e Tu vais levantá-lo em três dias?» Ele, porém, falava do templo que é o seu corpo.</TU>

SA

<TU> Porém, chegados às portas da cidade, logo se viu que maiores diferenças de variedade e número na multidão não as havia, e que, como de costume, iam ser precisos muito tempo e muita paciência para abrir caminho e chegar ao Templo.</TU> <TU> Não foi assim, contudo.</TU> <TU> O aspecto dos treze homens, quase todos descalços, com os seus grandes cajados, as barbas soltas, os pesados e escuros mantos sobre túnicas que parecia terem visto o princípio do mundo, fazia afastar agente amedrontada, perguntando uns aos outros, Quem são estes, quem é o que vai à frente, e não sabiam responder, até que um que tinha descido da Galileia disse, É Jesus de Nazaré, o que diz ser filho de Deus e faz milagres, E aonde vão, perguntava-se, e como a única maneira de o saberem era seguirem-nos, foram muitos atrás deles, de modo que ao chegarem à entrada do Templo, da parte de fora, não eram treze, mas mil, mas estes ficaram-se por ali, à espera de que os outros lhes satisfizessem a curiosidade.</TU> <TU> Foi Jesus para o lado onde estavam os cambistas e disse aos discípulos, Eis o que viemos fazer, acto contínuo começou a derrubar as mesas, empurrando e batendo a eito nos que compravam e vendiam, com o que se levantou ali um tumulto tal que não teria deixado ouvir as palavras que proferia se não se desse o estranho caso de soar a sua voz natural como um estentor de bronze, assim, Desta casa que deveria ser de oração para todos os povos, fizestes vós um covil de ladrões, e continuava a deitar as mesas abaixo, fazendo espalhar e saltar as moedas, com enorme gáudio de uns quantos dos mil que correram a colher aquele maná.</TU> <TU> Andavam os discípulos no mesmo trabalho, e por fim já os bancos dos vendedores de pombas eram também atirados ao chão, e as pombas livres, voavam por sobre o Templo, rodopiando doidas, além, em redor do fumo do altar, onde não iriam ser queimadas porque havia chegado o seu salvador.</TU> <TU> Vieram os guardas do Templo, armados de bastões, para castigar e prender ou lançar fora os desordeiros, mas, para seu mal, encontraram-se com treze rudes galileus que, de cajado nas mãos, varriam quem ousava fazer-lhes frente e gritavam, Venham mais, venham todos, que Deus para todos chegará, e carregavam sobre os guardas, e destroçavam as bancas, de súbito apareceu um archote aceso, em pouco tempo tinham pegado fogo os toldos, uma outra coluna de fumo se erguia no ar, alguém gritou, Chamem os soldados romanos, mas ninguém fez caso, acontecesse o que tivesse de acontecer, os romanos, era da lei, não entrariam no Templo.</TU> <TU> Acudiram mais guardas, estes de espada e lança, aos quais foram juntar-se um que outro cambista e vendedor de pombas, resolvidos a não deixarem só em mãos alheias a defesa dos seus interesses, e a sorte das armas, aos poucos, começou a virar, que se esta luta, como nas cruzadas, a queria Deus, não parecia que pusesse nela o mesmo Deus empenho bastante para que a vencessem os seus.</TU> <TU> Nisto estávamos, quando no alto da escadaria apareceu o sumo sacerdote, acompanhado dos seus pares e dos anciãos e escribas que fora possível chamar à pressa, e deu uma voz que em nada ficou a dever àquela de Jesus, disse ele, Deixai-o ir desta vez, que, se voltar cá, então o cortaremos e lançaremos fora, como ao joio quando está em excesso na seara e ameaça afogar o trigo.</TU> <TU> Disse André para Jesus, que a seu lado brigava, Bem é que digas que vieste trazer a espada e não a paz, agora já sabemos que cajados não são espadas, e Jesus disse, No braço que brande o cajado e maneja a espada é que se vê a diferença, Que fazemos então, perguntou André, Tornemos a Betânia, respondeu Jesus, não é a espada que ainda nos falta, mas o braço.</TU> <TU> Recuaram em boa ordem, com os cajados apontados aos apupos e escárnios da multidão, que a mais bravos cometimentos não se atrevia, e em pouco tempo puderam sair de Jerusalém, posto o que, cansados todos, maltratados alguns, tomaram o caminho de regresso.</TU>

<TU> Quando entraram em Betânia, notaram que os vizinhos que apareciam às portas os olhavam com expressões de piedade e desgosto, mas aceitaram-nas como coisa natural, visto o lastimoso estado em que voltavam da peleja.</TU>

Nesta tarefa, o processamento computacional foi apenas *assistido*, dadas as dificuldades que o texto de Saramago suscita, por não seguir as normas de pontuação vigentes, e por utilizar parágrafos de grande extensão, como no exemplo acima apresentado. No processamento automático das línguas, a pontuação forte, («.», «!» e «?») serve de referência para a *segmentação* do *corpus* em *unidades textuais de processamento* (*Text Units – TU*). A escrita de Saramago oferece enormes obstáculos aos *parsers* desenhados para o tratamento das línguas ocidentais, uma vez que estes se baseiam, no processamento automático de *corpora*, nos sinais de pontuação. O alinhamento do *corpus* de Saramago, por utilizar apenas os sinais «.» e «,», exige o recurso a complexas *expressões regulares de pesquisa* para a localização das *barreiras delimitadoras das unidades frásicas*. É importante sublinhar que a unidade de tratamento utilizada, nestes sistemas, é a frase, cuja delimitação operacional assenta na *pontuação forte*, tratando-se, por isso, da “*frase gráfica*”.

3. ASPETOS DA ESTRUTURA DA DIEGESE E DA NARRATIVA

Ao envergar um título que remete para a *primeira obra impressa* e - ainda hoje - a obra com um estatuto “editológico” (cf. Baudet, 1995) tão elevado (referimo-nos à *Bíblia Sagrada*), a designação *O Evangelho segundo Jesus Cristo, constitui*, em si mesma, uma *abertura* estratégica para a leitura da *opus* de Saramago.

Estamos perante mais um *evangelho* – o *evangelho* dos *evangelhos*? Mas a presunção catapulta-se a um supremo patamar: *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, em vez de o *evangelho* segundo o último dos “*evangelistas*”, *José Saramago*. Saramago iria instituir para si próprio um estatuto privilegiadíssimo, verdadeiramente *transcendente*, de entidade *eleita*, como verdadeiro intérprete do que seria o *Verbum Dei, i. e., Verbum Jesu Christi*. Sendo os textos bíblicos, nomeadamente os do *Novo Testamento*, do conhecimento praticamente universal. O título adotado, apela para um poder quase sobrenatural, pelo que promete referenciar do conhecimento prévio e pelas expectativas que suscita, em relação a toda a narrativa que se adivinha da obra, preconizada como o *verdadeiro evangelho, tout court*.

Assim, era espectável, do ponto de vista da estratégia comunicacional, que o grande público iria reagir, com grande veemência, negativa ou positiva, ao próprio título.

Todavia, para o público mais restrito dos especialistas da área da produção literária, não seria espectável que tal confusão se instalasse: em primeiro lugar, pelo estatuto *de escritor*, reconhecido pela comunidade literária; em segundo, devido à chave de decodificação constituída pelo próprio subtítulo: *Romance*, que impõe, desde logo, que se trata de uma obra de *ficção*, não vinculada à *verdade* dos factos narrados, mas apenas a um maior ou menor grau de sua *verosimilhança*. Fica arredada, por esta via, a dimensão demasiado pretensiosa que o título poderia sugerir, esvaindo-se na ficcionalidade da obra literária, nomeadamente, do romance.

E a partir do ato editológico da publicação, o autor perde todo o seu poder sobre as múltiplas leituras, interpretações e reações à sua escrita. Trata-se de um ato consumado, historicamente definitivo, como a decisão de Pôncio Pilatos¹⁵ e sobre a qual pronunciou a frase, também citada por Saramago (ocupando toda uma das

¹⁵ «Pilatos redigiu um leltreiro e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus» [...] Então, os sumos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: «Não escrevas ‘Rei dos Judeus’, mas sim: ‘Este homem afirmou: Eu sou o Rei dos Judeus’.» Pilatos respondeu: «O que escrevi, escrevi.» (Jo 19, 17-22).

páginas preliminares do romance), podendo também remeter-nos para o carácter inexoravelmente definitivo¹⁶ da publicação do seu *Evangelho*:

Quod scripsi , scripsi . PILATOS Introdução Page: 10 b (1e occ.)

O carácter consumado do ato da publicação, enquanto facto editológico, anula qualquer explicação com que o autor, *a posteriori*, possa pretender justificar as suas «verdadeiras intenções». É o que sucede com o “esclarecimento”, em *Diálogos com José Saramago* (Reis, 1998, p. 89) em que o autor empírico sublinha:

O *Evangelho* pode ser entendido como um evangelho, não no sentido rigoroso, porque evangelho significa *boa nova*: *não creio que ali se trate de uma nova tão excelente*, quando o que ali se faz é *desmontar uma história* que nos tem sido relatada desde os textos evangélicos até às biografias de Jesus ou às vidas de Jesus contadas no cinema. Portanto, ele é evangelho porque, no fundo, é um relato possível, *um relato imaginado do que teria sido a vida de Jesus*.

Como sublinha Odete Jubilado (2010, p. 37): «[...] *através do título e subtítulo o autor intervém na escolha do leitor, criam entre si um contrato [...]*», uma vez que o título traduz, cataforicamente, a proposta do autor.

Deve também ser anotado, com Vergílio Ferreira, a propósito da sua obra *Manhã submersa*, que «*Um romance só muito raramente é pura construção imaginativa. [...] O meu romance Manhã submersa é todo ele praticamente assente em factos "reais". E em alguns nem os nomes inventei.*» (1994, pp. 113-114)

Tal significa que *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, ao trazer para o universo da ficção a Vida de JESUS CRISTO, e, subsequentemente, aspetos da história do povo judeu e das relações deste povo com o Império Romano, não se converte, por esse facto, numa obra de carácter histórico nem numa narrativa concorrente com as dos textos bíblicos. Mas podemos considerar que a adoção do título, dos nomes das entidades humanas e divinas e dos conteúdos universalmente conhecidos, pode constituir uma verdadeira estratégia editorial, aspeto que não interessa ao âmbito deste estudo, caindo no escopo de disciplinas como a *sociologia da literatura*, (cf. Reis, 1981, p. 78 ss).

O carácter ficcional do romance não impede o escritor de fazer pesquisas minuciosas relativas ao universo de referência de que se ocupa, como fazem os historiadores e cronistas.

¹⁶ «O *letreiro* (o *títulum* do Direito romano) era o resumo da ata da sentença a ser enviada para os arquivos do tribunal de César; por isso já não podia ser modificada depois de ditada e executada a sentença. Estava escrito em hebraico, em latim e em grego, como era obrigatório, por serem as três línguas oficiais do Império Romano.» (Jo 19, nota 19-22).

Nas páginas preliminares da obra, é colocado, servindo de lema o prólogo do evangelista São Lucas¹⁷:

Já que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram , como no - los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra , **resolvi eu também , depois de tudo ter investigado cuidadosamente desde a origem , expor - tos por escrito e pela sua ordem** , ilustre Teófilo , **a fim de que reconheças a solidez da doutrina em que foste instruído .**

LUCAS , 1 , 1 - 4 Introdução Page: 9 b (1e occ.)

Sem que Saramago faça referência ao programa doutrinário e metodológico do prólogo do texto bíblico referido, pode o leitor associar os ideais expressos no referido texto, à cultura e conhecimentos aprofundados que o romance de Saramago aparentemente reflete sobre a *história*, *geografia* e a *cultura* dos povos que, na Antiguidade Clássica, sob o Império Romano, habitavam no Oriente como pode exemplificar o extrato que se segue.

Maria [...] Limitou - se [...] a atender ao seu marido , [...] para [...] renovar - lhe no prato as rústicas **iguarias** , **o pão ázimo** , **a febra de cordeiro** , **as ervas amargas** , e também umas certas bolachas feitas de **moinha de gafanhotos secos** , petisco que Ananias prezava muito por ser de tradição na sua família , mas a que alguns dos convidados torciam o nariz [...]

IV Page: 50 d (1e occ.)

17 Teófilo pode referir-se a qualquer «*amigo de Deus*», *i. e.*, «*qualquer cristão ou mesmo pagão*» a quem o evangelista se dirige no prólogo do seu Evangelho (cf. Lc 1, nota 3).

3.1. A estrutura da diegese de OESJC

Por razões expositivas, dividimos a *diegese* (a história da personagem principal) em três partes: *a concepção, nascimento e infância de Jesus* (até aos 13 anos de idade); *a adolescência e juventude* (até aos 18 anos de idade); *a vida adulta*. Passamos a sumariar as sequências cuja *cardinalidade funcional* (cf. Reis e Macário, 2011) é indispensável para o desenvolvimento da *intriga*, apresentando igualmente, pelas mesmas razões, segmentos discursivos que funcionam como *catálises* (*pausas descritivas*, cf. Reis e Macário, 2011). A tabela 6 dá conta, de forma muito sucinta, da distribuição da narrativa pelos diferentes capítulos de OESJC (figurando, na primeira coluna, referências aos textos bíblicos em que a intertextualidade é explícita).

Tabela 6. A estrutura da diegese de OESJC

| Evangelhos canónicos | Diegese de OESJC |
|----------------------|---|
| | A CONCEÇÃO, NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS |
| | (II) <i>A vida quotidiana de José e Maria</i> |
| | (III) <i>A visita do Mendigo (Diabo) a Maria e anúncio da gravidez de Maria</i> |
| | (IV) <i>O decreto de César Augusto – o recenseamento obrigatório</i> |
| | (V) <i>A viagem a Belém para o cumprimento do decreto</i> |
| Lc | (VI) <i>O nascimento de Jesus</i> |
| Lc | (VII) <i>O cumprimento dos rituais judaicos (circuncisão e purificação)</i> |
| Mt | (VIII) <i>A morte dos inocentes e sonho de José</i> |
| | (IX) <i>A educação de Jesus (e dos seus irmãos)</i> |
| | (X) <i>A dominação e revolta dos judeus</i> |
| | (XI) <i>A crucifixão de José</i> |
| | (XII) <i>Jesus herda o sonho de José e toma conhecimento da matança dos inocentes</i> |
| | A ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE |
| | (XIII) <i>Partida da casa materna em busca das origens</i> |
| | (XIV) <i>A ida ao templo, a visita ao túmulo dos inocentes, visita à cova com a escrava Zelomi</i> |
| | (XV) <i>A aparição do Pastor na cova e vida comum com Pastor</i> |
| | (XVI) <i>O encontro com Deus no deserto e expulsão da “casa” de Pastor</i> |
| | A VIDA ADULTA |
| Mt ; Mc ; Lc; Jo | (XVII) <i>O primeiro milagre (pesca) e o romance com Maria de Magdala</i> |
| | (XVIII) <i>O afastamento definitivo da família, início da vida comum com Maria de Magdala e a humilhação por viver com a prostituta</i> |
| | (XIX) <i>Visita do anjo a Maria, explicação da paternidade divina de Jesus</i> |
| Mt; Mc; Lc; Jo | (XX-XXI) <i>Outros milagres</i> |
| | (XXII) <i>Encontro com Deus e Pastor na barca: o plano de Deus</i> |
| Mt; Mc ; Lc; Jo | (XXIII a) <i>Início da pregação, milagres</i> |
| Mt; Mc; Lc; Jo | (XXIII b) <i>A pregação de João Baptista e batismo de Jesus</i> |
| Mt; Mc; Lc ; Jo | (XXIII c) <i>A expulsão dos cambistas do templo e a morte de Lázaro</i> |
| Mt; Mc; Lc; Jo | (XXIV) <i>A decapitação de João Baptista e a crucifixão e morte de Jesus</i> |
| Mt; Mc; Lc; Jo | (I) <i>A crucifixão de Jesus «in ultimas res»</i> |

3.2. Dos eventos narrados nos textos bíblicos à diegese de *OESJC*: síntese contrastiva

A CONCEÇÃO, NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS

- Nos textos sagrados, MARIA DE NAZARÉ concebe do ESPÍRITO SANTO, «*O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus*» (Lc 1,35); em *Evangelho* de Saramago, o casal, Maria e José, têm relações sexuais, embora o primogénito tenha paternidade divina.

- O estado de gravidez de MARIA nos textos sagrados é anunciado por um anjo¹⁸; em *Evangelho* é o Diabo, disfarçado de mendigo, que informa Maria da sua gravidez.

- O motivo da deslocação de Nazaré a Belém é o mesmo, nos textos sagrados (cf. Lc 2,1-5) e no *Evangelho* de Saramago: o édito de César Augusto, que obriga a que todos têm que se recensear na sua cidade natal.

- O nascimento de JESUS ocorreu em condições semelhantes: nos textos sagrados MARIA «*teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria*» (Lc 2,7); em Saramago, numa gruta que tinha servido de estábulo «*envolto em panos, [e em repouso], na manjedoura*» (*OESJC*, 2000, p. 83).

- São cumpridos os rituais judaicos, a circuncisão do menino e a purificação de MARIA, tanto nos textos canónicos (Lc 2,21-24) como no *Evangelho* de Saramago.

¹⁸ «*Ao sexto mês, o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o Anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o Anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-Se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de Seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.» Maria disse ao Anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?» O Anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a Sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus [...]» (Lc 1, 26-38).*

- Nos textos canônicos, o ANJO ordena a José que fuja para o Egito, para que Herodes não encontre o Menino (Mt 2,13-15); em *OESJC*, José ouve, casualmente, uma conversa entre os soldados de Herodes, através da qual fica a saber da iminente morte dos inocentes. Sem tempo para fugir de Belém, refugia-se na cova, onde o menino nasceu.

- A ordem de Herodes de «*matar todos os meninos de Belém e de todo o seu território [...]*» (Mt 2,16) é executada, nos evangelhos canônicos e no *Evangelho de Saramago*.

- Em *OESJC*, surge em José um forte sentimento de culpa, por não ter avisado as famílias de Belém sobre a decisão de Herodes, passando a ser perseguido, todas as noites, por um sonho, no qual vive a trágica decisão de ir matar o filho a Belém.

- Os textos bíblicos são omissos em relação ao papel de JOSÉ, na educação de JESUS. Apenas é referido que «*Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens*» (Lc 2,51). E fazia-se contrastar essa sabedoria e poder com a sua origem humilde: «*Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?*» (Mc 6,3). Em *OESJC*, Jesus é ensinado pelo pai «*nos segredos e tradições da arte carpinteira*» (*OESJC*, 2000, p. 134) e é acompanhado nos estudos religiosos.

- A revolta do povo judeu, liderada por Judas o Galileu, referida nos textos sagrados (Act 5, nota 37) é também retomada em *OESJC*, conduzindo à crucifixão e morte de José.

- Ao contrário dos textos canônicos, que não fazem referência à orfandade de JESUS, em *OESJC*, Jesus fica órfão de pai aos 13 anos. Ao tomar conhecimento da morte dos meninos de Belém, condena José, herdando a sua culpa, e abandonando a casa materna.

A ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE DE JESUS

- Nos textos canônicos, aos 12 anos, JESUS acompanhou, pela festa da Páscoa, os pais a Jerusalém. Concluídos os preceitos religiosos, «*sem que os pais o soubessem*», não regressou com eles a Nazaré. Passados três dias, «*encontraram-no*

no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos quantos o ouviam, estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas» (Lc 2,41-46). Em OESJC, Jesus, aos 13 anos, parte de casa sozinho, e dirige-se ao templo, para que os anciãos lhe expliquem o seu sentimento de culpa; o seu conhecimento sobre as Escrituras e a sua eloquência são elogiados na sinagoga.

- Os textos canónicos referem que «[...] Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado no Jordão por João» (Mc 1,9); em OESJC, Jesus, a partir dos 13 anos, não voltará a viver em Nazaré. Do templo, em Jerusalém, dirige-se para Belém para esclarecer as circunstâncias do seu nascimento. Na cova onde nasceu, Jesus é abordado por Pastor, o Diabo, e com ele passa a viver durante quatro anos, no vale de Ayalon.

- Jesus vive na companhia de Pastor (Diabo) durante quatro anos; não havendo correspondência nos textos sagrados.

- Em OESJC, aos 18 anos, é narrado um encontro entre Jesus e Deus no deserto, onde este lhe promete poder e glória (cf. OESJC, 2000, p. 263). Este encontro não tem qualquer correspondência, nos textos bíblicos.

A VIDA ADULTA DE JESUS

- JESUS encontra os primeiros discípulos no mar da Galileia: «*Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão, chamado Pedro, e seu irmão, André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: «Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens. E eles deixaram as redes imediatamente e seguiram-no»* (Mt 4, 18-21); em OESJC, também foi no mar da Galileia que Jesus conheceu os primeiros discípulos (Simão e o irmão, André, e os filhos de Zebedeu).

- JESUS, de todos os que o seguiam escolheu apenas 12 discípulos¹⁹ «*convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles»* (Lc 6,12-16); em OESJC são os homens que decidem segui-lo, não tendo sido feita qualquer seleção.

¹⁹ «[...] Jesus foi para o monte fazer oração e passou a noite a orar a Deus. Quando nasceu o dia convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos: Simão, a quem chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago, João, Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de

- JESUS reúne os discípulos através da pregação – «*Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu*» (Mt 4,17); em *OESJC*, a pregação tem início depois de reunidos os discípulos.

- O primeiro milagre de JESUS tem lugar em Caná, quando converteu a água em vinho (cf. Jo 2,6-10); em *OESJC*, o milagre de Caná é o terceiro. O primeiro milagre ocorre durante a pesca, na barca de Simão e André.

- MARIA MADALENA segue JESUS, depois de a ter curado por estar possessa por «*sete demónios*» (Lc 8,2); também está presente nos momentos de crucifixão e morte (Mt 28,55-56) e da ressurreição (Mc 16,9); em *OESJC*, Maria de Magdala vive maritalmente com Jesus, acompanhando-o, também, na crucifixão e morte.

- JESUS realiza milagres deliberadamente; em *OESJC*, a personagem homónima realiza milagres sem compreender como o faz, sendo os próprios discípulos a lembrar-lhe «*És o filho de Deus, podes fazê-lo.*» (*OESJC*, 2000, p. 360).

- JESUS «*foi levado pelo Espírito ao deserto, onde esteve durante quarenta dias, e era tentado pelo diabo*» (Lc 4, 1-13); em *OESJC*, ocorre o encontro da personagem principal com Deus e Pastor, numa barca, no mar, durante quarenta dias.

- JESUS vem ao mundo para resgatar o homem do pecado «*Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito*» (Jo 3,16-17); em *OESJC*, a personagem principal tem como missão alargar a influência de Deus, para que este venha a ser «*Deus de muito mais gente*» (*OESJC*, 2000, p. 370).

- Em *OESJC*, a ação de João Baptista é decalcada nos textos bíblicos, até à citação das suas próprias palavras. É ele que batiza Jesus, sendo também preso e decapitado, a mando de Herodes.

- LÁZARO é ressuscitado por JESUS – «*Lázaro, vem cá para fora! O que estava morto saiu de mãos e pés atados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário. Jesus disse-lhes: Desligai-o e deixai-o andar.*» (Jo, 11,43-44); em *OESJC*, Jesus é impedido, por Maria de Magdala, de ressuscitar Lázaro.

Alfeu, e Simão, chamado o Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor.» (Lc 6,12-16).

- JESUS, na companhia dos discípulos, expulsa os vendilhões do templo²⁰; em OESJC, é praticamente reproduzida a narração bíblica. Contudo, Jesus é mais violento: «*ato contínuo começou a derrubar as mesas, empurrando e batendo a oito nos que compravam e vendiam*» (OESJC, 2000, p. 425).

- JUDAS ISCARIOTE traiu Jesus²¹: «*[...] Judas procurava uma oportunidade para entregar Jesus*» (Mt 26, 14-16); em OESJC, Judas Iscariote cumpre o pedido de Jesus. Em ambas as narrativas a prisão de Jesus decorre da denúncia por parte de Judas Iscariote (cf. OESJC, 2000, p. 437).

A sequência diegética de Saramago segue muito de perto os relatos bíblicos: apresentação ao Sumo Sacerdote, apresentação ao Rei Herodes e, por fim, condenação a Pilatos.

- JESUS é preso e conduzido «*a casa do Sumo Sacerdote, onde se juntaram todos os sumos sacerdotes, os anciãos e os doutores da Lei*» (Mc 14,53) onde foi interrogado «*És Tu o Messias [...]?* Jesus respondeu: *Eu sou.*» (Mc 14,61-62) e «*[...] todos sentenciavam que Ele era réu de morte*» (Mc 14,64). Em OESJC, Jesus é, igualmente, levado ao conselho dos anciãos, onde afirma: «*Eu sou o rei dos Judeus.*» (OESJC, 2000, p. 440).

- Nos textos bíblicos, o tribunal judaico (os sumos sacerdotes, os anciãos e os doutores da Lei) entrega JESUS a Pilatos que lhe pergunta: «*És Tu o rei dos Judeus?* Jesus respondeu-lhe *Tu o dizes*» (Mc 15,2); em Saramago também Jesus é mandado ao procurador dos romanos – Pilatos, onde assume, depois de interrogado, ser «o rei dos Judeus» (OESJC, 2000, p. 442).

- A condenação de JESUS é proferida por Pilatos nos textos bíblicos: «*Pilatos, desejando agradar à multidão, soltou-lhes Barrabás; e, depois de mandar flagelar, entregou-o para ser crucificado.*» (Mc 15,15). Em OESC é Pilatos quem profere a sentença, todavia, é Jesus quem escolhe a forma de execução:

[...] Pilatos [...] perguntou , Que mais tens para dizer , Nada , respondeu Jesus , Obrigas - me a condenar - te , Faz o teu dever , **Queres escolher a tua morte** , Já escolhi , Qual , **A cruz** , Morrerás na cruz . XXIV Page: 442 f (1e occ.)

²⁰ «*Derrubou as mesas dos cambistas e as bancas dos vendedores de pombas*» (Mt 21,12).

²¹ «*[...] um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os sumos sacerdotes e disse-lhes: «Quanto me dareis, se eu vo-lo entregar?»*» (Mt 26,14-16).

- Pilatos, nos textos canônicos, «*redigiu um letreiro e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.»*» (Jo 19,19); em *OESJC*, é o condenado quem pede para que o letreiro seja colocado:

Os olhos de Jesus , enfim , procuraram e fixaram os olhos de Pilatos , Posso pedir - te um favor , perguntou , Se não for contra a sentença que ouviste , **Peço - te que mandes pôr por cima da minha cabeça um letreiro em que fique dito , para que me conheçam , quem sou e o que sou** , Nada mais , Nada mais . XXIV Page: 442 g (1e occ.)

- À semelhança do narrado nos textos canônicos (cf. Mt 26,69-75), em Saramago o discípulo Pedro nega três vezes conhecer Jesus.

- A crucifixão de JESUS é narrada nos textos canônicos; em *OESJC* a crucifixão é descrita, a partir de uma gravura.

- Na hora da morte, JESUS, nos textos sagrados dirige-se ao Pai: «*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.*» (Lc 23,46); em *OESJC*, dirige-se aos homens: «*Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez*» (*OESJC*, 2000, p. 444).

Em conclusão, verifica-se que o autor embora baseando-se nos textos bíblicos, construiu um universo ficcional que inverte (pervertendo mesmo) o narrado nos textos sagrados, nomeadamente, desvirtuando a concepção de JESUS, a anunciação da gravidez de MARIA, o papel de JESUS no mundo, a relação de JESUS com MARIA DE MAGDALA, a ressurreição de LÁZARO, a denúncia de JUDAS ISCARIOTE.

Os episódios que se referem à adolescência e juventude da personagem principal, como a morte de José e conseqüente orfandade de Jesus, o remorso de José, que veio a ser herdado pelo primogénito, a vida em comum com Pastor (Diabo), o encontro com Deus no deserto e, posteriormente, no mar, com a presença do Diabo, foram criados pelo narrador.

Todavia, há sequências bíblicas que foram decalcadas: a viagem de JOSÉ e MARIA a Belém para cumprirem o recenseamento decretado por César Augusto; o nascimento de JESUS; o cumprimento dos rituais judaicos (a circuncisão de JESUS e a purificação de sua mãe); o martírio dos inocentes, a mando de Herodes.

Por fim, importa sublinhar que foram rejeitados os episódios bíblicos referentes à ressurreição de JESUS.

4. CORTESIA E TRATAMENTO DAS PERSONAGENS

Do que anteriormente ficou dito, infere-se que o reconto, ainda que ficcional, dos episódios dos textos sagrados reclama um contexto compatível com as normas de cortesia. Como Saramago refere, trata-se de *história arqui-conhecida* (cf. OESJC, 2000, p. 127), mas que, não sendo uma história qualquer, moldou toda a vida e cultura de muitos povos, fazendo parte, ainda hoje, da vida e da cultura desses povos. Com efeito, a história de uma religião, atualmente vigente, não se reporta apenas ao passado, mas está presente na vida atual. Quando uma narrativa se ocupa do passado dos povos, a narrativa desse passado deve respeitar o património memorial desses mesmos povos, ainda que se trate do romance histórico que, tendo em conta factos e pessoas que constituem *território* das respetivas comunidades e suas culturas, não deixam de ser *intrusivos* em relação ao respeito da memória coletiva ou das pessoas da atualidade. O mesmo pode ser afirmado em relação à escrita auto ou hetero-biográfica que é, de igual modo, intrusiva em relação à memória dos antepassados – a qual cai, como na situação anterior, no escopo da cortesia ou da descortesia. Nas narrativas que enfocam a história das religiões, o aspeto que acaba de ser referido assume dimensões críticas. É que o passado continua presente e as entidades, por via da fé e da crença, não pertencem ao passado apenas, sendo actantes do *modus vivendi* presente. A escrita autobiográfica, ficcional ou não, implica o território da memória, exigindo *face-work* das entidades implicadas.

Neste contexto, o romance de Saramago não pode deixar de afetar os leitores atuais, interactantes. Dependendo das crenças, esta escrita pode constituir um ataque direto à face de muitos dos leitores – aqueles que vivem o cristianismo. Leitores ateus ou agnósticos (teístas), pela via do respeito pelos direitos dos seus semelhantes, valores que a nossa cultura preserva, nem só em relação aos seres humanos, mas até aos animais e restantes seres que partilham o mesmo macro sistema ecológico e que, portanto, também são afetados por esses mesmos valores. A narrativa de Saramago, apesar de ficcional, invade, de múltiplas formas, positiva ou negativamente a face do leitor virtual. O estatuto ficcional de uma escrita não escapa ao âmbito do *trabalho da face*. A relação entre o narrador e o narratário, do mesmo modo que numa conversação, pode resultar numa relação de confronto (não cooperação) e ataque direto às faces dos leitores (virtuais) ou basear-se no princípio da cooperação.

Da parte do narrador (autor virtual) é reconhecida a mesma preocupação, em relação à preservação da sua face, como se infere de Vergílio Ferreira, na sua escrita autobiográfica (*Conta-corrente 1*):

Se puséssemos por escrito tudo o que nos passa por dentro, seríamos monstruosos. Sou absolutamente incapaz de me «confessar» seja a quem for, nem que seja a mim próprio [...] se não me ponho nu na rua, não é por medo [...]. É um problema de decência, de respeito por nós [...] (1880, p. 43).

Em relação ao romance, o mesmo envolve idênticas preocupações: «*Um romance é um biombo: a gente despe-se por detrás*» (Ferreira, 1980, p. 11).

O *Evangelho* de Saramago dirige-se ao leitor atual, como abaixo veremos, e, os meios linguísticos que utiliza na sua escrita – a um tempo, afetam a dimensão do respeito pela memória, enquanto dimensão importante da sua face e da face dos leitores. Com efeito, trata-se de uma espécie de “autobiografia coletiva” a que o narratário não consegue ficar indiferente, no plano das lutas religiosas, da diferença de credos, ou simplesmente, no plano do respeito pelos direitos humanos consagrados na cultura contemporânea. Qualquer forma de comunicação realizada com ou sem o “bombo” do carácter ficcional, não pode ser realizada, de forma feliz (*happy*), se não respeitar o princípio cooperativo da convivência humana – da interação verbal em meio social, que prescreve normas sociais que incluem os princípios da cortesia (que atrás explicitámos e em cujo escopo cai toda a comunicação humana).

Na escrita de Saramago, existem dois planos de interação com o leitor virtual: a interação direta, que resulta do diálogo com este e a interação pelo modo como preserva ou desfigura a face das entidades que a sua escrita contempla através de uma intertextualidade explícita e declarada, e de uma correferencialidade muito ambígua, já que o próprio narrador admite tratar-se de uma história «afinal arqui-conhecida» (OESJC, 2000, p. 127), o que torna ténues as fronteiras entre a ficção, da diegese do romance e os factos da história da Vida de CRISTO. As personagens podem ser, num romance, valorizadas ou desvalorizadas, dependendo da construção ou desconstrução da sua face positiva por múltiplos processos linguísticos dos quais, por limites inerentes ao âmbito desta investigação, apenas abordaremos alguns. No romance de Saramago, o território e as faces das personagens (e, indiretamente do narratário) são valorizadas e desvalorizadas por múltiplas estratégias do discurso literário, nomeadamente, dos nomes que lhe atribui, da substituição dos mesmos por denominações prestigiantes ou depreciativas e, da

sua caracterização, quer através das ações que realizam, quer dos atos de fala que produzem. É de alguns destes aspetos que passamos a ocupar-nos.

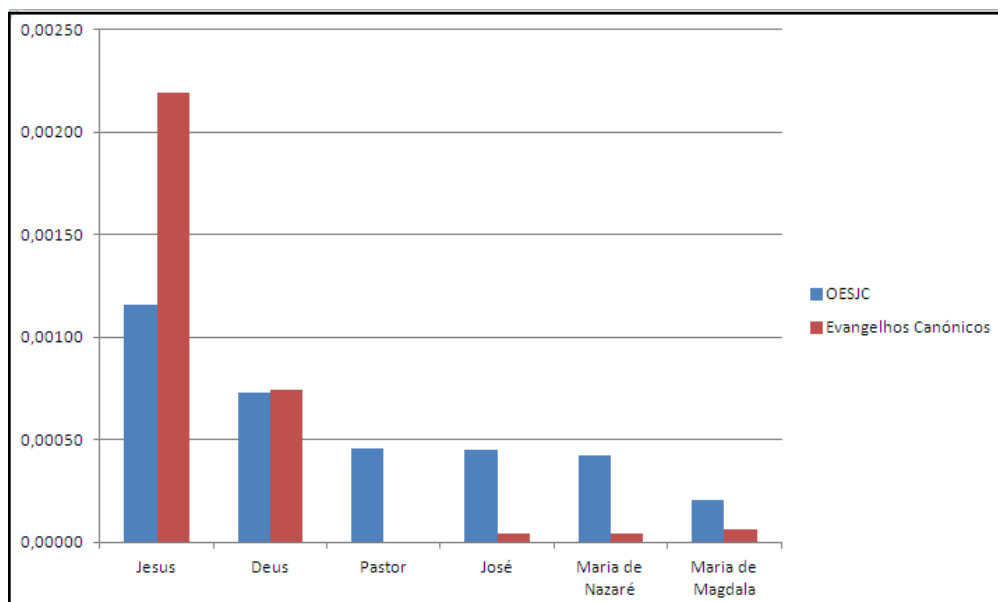


Figura 3. A frequência relativa das formas que designam as personagens em *OESJC* e as ENTIDADES homónimas, nos textos Bíblicos.

A figura 3 ilustra uma visão sinóptica das principais personagens do romance de Saramago, em relação às entidades correspondentes dos textos Bíblicos. Apenas não existe correspondência clara para a personagem Pastor.

4.1. Caracterização das personagens: o exemplo de José e Maria

Enquanto nos textos bíblicos, JOSÉ e MARIA constituem uma família pobre e humilde, mas valorizada em todas as dimensões humanas, nomeadamente nos planos ético e religioso, o que conduziu a que na nossa tradição ocidental seja venerada como a SAGRADA FAMÍLIA, na narrativa de Saramago a personagem principal nasce de um casal de judeus destituídos dessas qualidades, que passaram a ser património das

convicções e crenças (e devoções) de uma parte significativa da humanidade, como atestam a adoção dos respetivos nomes na formação dos antropónimos, designações toponímicas e de festividades, monumentos, etc., e o próprio calendário cristão (litúrgico) em múltiplas línguas.

A família de Jesus desce dois níveis, na escala dos valores religiosos e humanos: é destruído o dogma da IMACULADA CONCEIÇÃO, no primeiro nível. No segundo nível, não se trata do casal que o ocidente venera como a SAGRADA FAMÍLIA mas de um homem e de uma mulher pouco exemplares. Por outro lado, o relacionamento sexual, necessário, nesta intriga, ao nascimento de Jesus, é-nos descrito como uma rotina puramente carnal.

Ao contrário dos textos bíblicos, a diegese de *OESJC*, dá especial relevo às personagens José e Maria. José desaparece da história, no capítulo XI, com a sua crucifixão e morte, sem qualquer culpa, mas por causa de, por engano dos soldados romanos, haver sido confundido com algum soldado judeu rebelde e por sobrar uma cruz das quarenta que o exército preparara para dominar a revolta do povo judeu. A própria personagem Deus, mais tarde, dirá a Jesus que «*Foi um trágico engano dos romanos, esse pai morreu inocente e sem culpa*» (*OESJC*, 2000, p. 365).

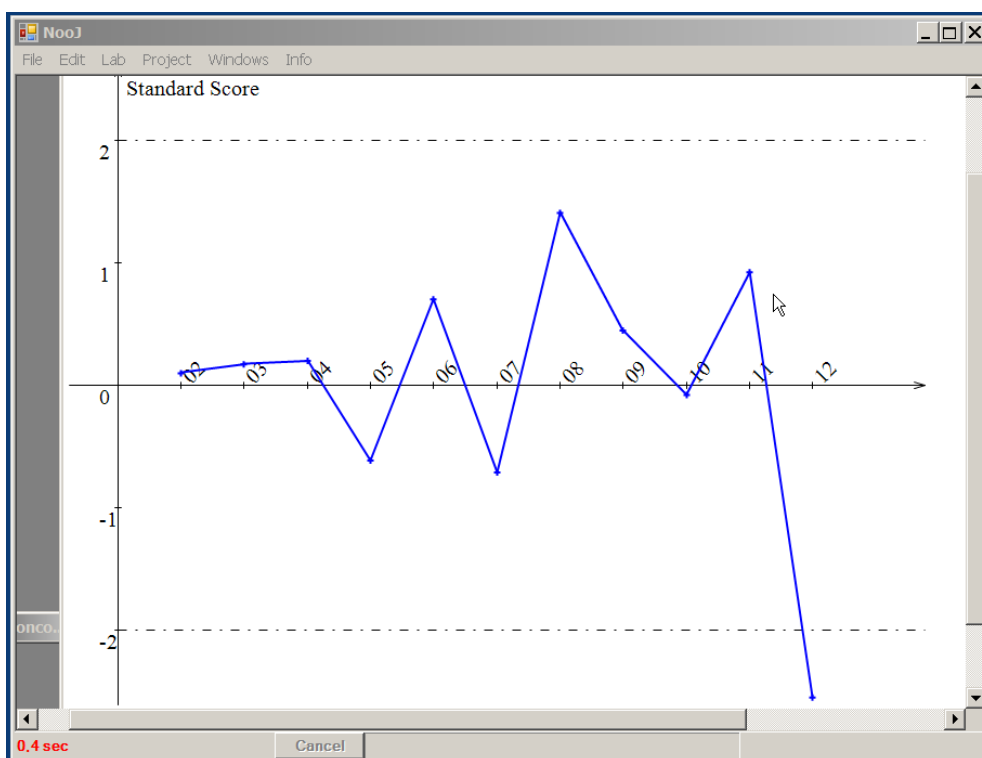


Figura 4. A presença de José, ao longo dos 12 capítulos da primeira parte da diegese.

Em termos de verosimilhança, parece estarmos perante a necessidade de eliminar da narrativa uma das personagens centrais da primeira parte do romance: uma solução *ex machina*. A figura 4 representa o percurso e a centralidade desta personagem na primeira parte da diegese (capítulos II-XI) e o seu desaparecimento súbito. A curva traduz os valores reduzidos (*zi scores* ou *valores padrão*, calculados a partir do desvio padrão da população de *palavras gráficas*).

O nome próprio constitui um marco essencial e único na definição das fronteiras de uma entidade ou de uma personagem. A invocação do nome invade indelevelmente o território individual. Assim, a *referência* às personagens pode ser atualizada através do nome próprio (socialmente consagrado pelo uso de maiúscula inicial, na comunicação escrita) não sendo indiferente a anteposição de determinantes.

A substituição dos nomes pelo nome da profissão ou pelo nome que o relaciona com a família ou com o lugar onde nasceu ou habita correlaciona-se com os juízos de valor sobre as entidades nomeadas. Como mostram os extratos das concordâncias²² das figuras 5 e 7, os nomes das personagens José e Maria, têm substitutos anafóricos que não contribuem para a valorização das faces das referidas personagens.

| Text | Before | Seq. | After |
|-----------|--|------------------------|---|
| 03-01.not | da sua pouca idade, é | este José | do mais piedoso e justo que em |
| 09-06.not | sabia que os pesadelos de | José | , como uma sama da alma, não o |
| 09-06.not | corpo . Entre os bens de | José | e os bens de Job, a única |
| 09-06.not | filhos e duas filhas tinha | José | , levando o carpinteiro a vantagem de ter |
| 09-06.not | chamar-se trabalho infantil . A | José | pai, quando ao trabalho voltava depois da |
| 11-04.not | este sol que vai nascer . | José | pensou, Vou-me embora, aqui já não |
| 05-04.not | teoria como na prática, jamais | o carpinteiro | pensaria em responder, usando da simples lógica |
| 05-04.not | ondulantes chamas da fogueira, disse | o carpinteiro | , Se, chegada o último dia do recenseamento |
| 06-10.not | que deram a José . Então | o carpinteiro | encheu-se de coragem e em voz |
| 12-03.not | foram tão demorados, no entanto | o carpinteiro | levou para o outro mundo tudo quanto |
| 11-06.not | outro, os crucificados iam morrendo . | O carpinteiro | , chamado José filho de Heli, era um |
| 05-01.not | vizinho Ananias, partiu de Nazaré | o carpinteiro José | com sua mulher, caminho de Belém, aonde |
| 05-04.not | um discreto murmúrio de aprovação, | o carpinteiro José | , claramente, levava o vencimento do debate, a |
| 07-05.not | esposa mais amada de Jacob, | o carpinteiro José | deixou cair os braços e pender a |
| 07-09.not | dizer, O Templo, e agora | o carpinteiro José | , apoiado à balastrada, olha e diz, O |
| 08-04.not | o denunciasses, dizendo, Esse é | o carpinteiro José | , pai dum rapaz que ainda não tem |
| 08-07.not | mataram . A mesma noite cobre | o carpinteiro José | e as mães das crianças de Belém |
| 10-02.not | batalha os direitos de Deus, | o carpinteiro José | ficou em casa, com os seus nove |
| 10-03.not | casa e as da alma, | o carpinteiro José | e seu filho Jesus debatiam, entre o |
| 07-06.not | pormenor que mostra não estar | o carpinteiro nazareno | muito em dia com as relações de |
| 09-02.not | não serviu de nada, pois | o nosso carpinteiro | ouviu e calou, foi a correr salvar |
| 01-01.not | mulher é a viúva de | um carpinteiro | chamado José e mãe de numerosos filhos |
| 02-01.not | tapála, nada mais fácil para | um carpinteiro | , ajustar e pregar uma simples régua de |
| 05-07.not | pai este nada que sou, | um carpinteiro | de Nazaré, esse viver que lhe desejás |
| 15-02.not | quem és, nasceste filho de | um carpinteiro | de obra grossa chamado José e de |
| 06-08.not | vimos analisando minuciosamente, mas mesmo | um rústico carpinteiro | tem direito aos seus pudores, imagina-se |

Figura 5. Concordância das designações da personagem José.

²² Uma concordância pode definir-se como «Uma coleção de *ocorrências* de uma *palavra gráfica* acompanhada do seu *co-texto* antecedente e subsequente. (cf. Sinclair, 1991, p. 32, sublinhado nosso).

Como explicita a concordância, a forma «José» é substituída por outras fórmulas de referência como «o carpinteiro», «um carpinteiro», «um rústico carpinteiro». A designação «o nosso carpinteiro» poderia remeter para a informalidade do diálogo com o leitor virtual. Todavia, pode induzir uma leitura mais hostil, em relação aos valores e crenças de muitos leitores: a caricatura que o demiurgo faz da personagem José não parece que possa ser *partilhada* pelo universo virtual do leitor cristão, não fazendo sentido o deíctico plural possessivo «nosso», por não remeter para uma visão pretensamente comum.

A face de José é *desfigurada* através da caracterização, quer direta quer indireta, remetendo-o para o nível mais medíocre, em relação a todas as personagens da sua *construção ficcional*, em todos os aspetos, dos quais passamos a destacar:

Miséria extrema

Viviam José e Maria num **lugarejo** chamado Nazaré, terra de pouco e de poucos, na região de Galileia, em uma casa igual a quase todas, como um **culo torto** feito de tijolos e barro, **pobre entre pobres** . III Page: 29 a (1e occ.)

[...] Job , antes de Deus lhe ter duplicado os bens , já era proprietário de sete mil ovelhas , três mil camelos , quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas , sem contar os escravos , em quantidade , e **José tem aquele burro que conhecemos e nada mais**. [...] e uma ranchada de filhos para sustentar] IX Page: 134 c (1e occ.)

Hábitos de vida privada (território “devassado” pelo narrador) que denotam degradação social e pessoal:

[...] eis que um sinal de urgência o distraiu da preocupação incipiente, uma instante **necessidade de urinar** [...] II Page: 23 g (1e occ.)

Encaminhou-se para um alpendre baixo, que era a **barraca do jumento**, e aí se aliviou, escutando, com uma **satisfação meio consciente**, o ruído forte do **jacto de urina** sobre a palha que cobria o chão . II Page: 24 b (1e occ.)

Os hábitos de louvar a Deus e rezar são parodiados:

[...] José aproximou-se da talha das abluções , inclinou-a , fez correr a água sobre as mãos , e depois , enquanto as enxugava na própria túnica , **louvou a Deus por [...] ter formado e criado no homem os orifícios e vasos que lhe são necessários à vida** , que se um deles se fechasse ou abrisse , não devendo, certa teria o homem a sua morte . II Page: 24 c (1e occ.)

Louvido sejas tu , Senhor , nosso Deus , rei do universo , que **deste ao galo inteligência para distinguir o dia da noite** , isto disse José , e o galo cantou terceira vez .

II Page: 23 d (1e occ.)

Louvido sejas tu , Senhor , nosso Deus , rei do universo , **por não me teres feito mulher** .

II Page: 27 d (1e occ.)

Louvido sejas tu , Senhor , por isto , **por aquilo , por aqueloutro** .

II Page: 25 f (1e occ.)

Uma descrição do «*rústico carpinteiro*», depreciativa, irónica e contraditória.

[...] apesar da sua pouca idade , é **este José** do mais piedoso e justo que em Nazaré se pode encontrar, exacto na sinagoga, pontual no cumprimento dos deveres , e não tendo sido a sua fortuna tanta que o tivesse dotado Deus duma facúndia capaz de o **distinguir dos mortais comuns** , **sabe discorrer com propriedade** e comentar com acerto , mormente se vem a propósito **introduzir no discurso alguma imagem ou metáfora relacionadas com o seu ofício** , por exemplo , a **carpintaria do universo**. III Page: 29 e (1e occ.)

[...] **nunca na sua breve vida será capaz de produzir parábola que se recorde**, dito que merecesse ter ficado na memória das gentes de Nazaré [...] III Page: 29 a (1e occ.)

Um rústico carpinteiro (condenado pelo narrador que lhe destinou uma vida breve) que na sinagoga não se distingue dos «*mortais comuns*», e que nunca será capaz de produzir parábola que se recorde, mas *sabe discorrer com propriedade utilizando imagens e metáforas com por exemplo a «carpintaria do universo»*.

Mediocridade profissional

Já sabemos ser José carpinteiro de ofício, regularmente hábil no mester, porém **sem talento para perfeições** sempre que lhe encomendem obra de mais finura .

III Page: 29 c (1e occ.)

Como se não bastasse ao narrador desfigurar repetidamente a face de José, também recorreu a Zaquias, um dos sacerdotes do Templo, que José tanto frequentava, para conseguir atingir José com maior intensidade dramática (cena dialogada):

[...] Ora tu , José , **que carpinteiro me estás saindo** , que **nem és capaz de fazer uma cama** , agora que tens aí a mulher grávida . III Page: 42 e (1e occ.)

E, para Saramago, José não foi capaz de «*carpinteirar*» uma *cama* para a esposa grávida:

[...] foi no mês seguinte [...] que finalmente, arrefecendo já os dias, José se resolveu a **carpinteirar um rústico catre**, que para cama digna desse nome já sabemos que não lhe chega a ciência [...] IV Page: 44 f (1e occ.)

O narrador não se abstém de desfigurar a face de José, mesmo perante a dramática eminência de este ver matar o seu primogénito pelos soldados de Herodes: hesitando entre a necessidade de o salvar e o salário que vai perder, ponderando a probabilidade de «*reunir ambos os proveitos*»

[...] **angústia - o o pensamento** de que os soldados poderão ir já a caminho , armados terrivelmente de lança , punhal e ódio sem causa , e se por desgraça é a cavalo que vão , trotando estrada abaixo como de passeio , então não há quem os alcance , **quando chegar estará o meu filho** morto , infeliz menino , Jesus da minha alma , ora é neste momento da mais sentida aflição que um **pensamento estúpido** entra como um insulto na cabeça de José , o **salário , o salário da semana que vai ser obrigado a perder** [...]

VIII Page: 108 f (1e occ.)

Por fim, a desfiguração da face de José não cessa, nem mesmo na derradeira hora do martírio:

[José] falhou talvez a oportunidade de salvar - se quando o soldado que tinha o martelo disse ao sargento , **Este é o que se dizia sem culpa** , o sargento hesitou um instante , exactamente o instante em que José **deveria ter gritado** , **Estou inocente** , mas não , **calou - se** , **desistiu** , então o sargento olhou , terá pensado que a precisão simétrica sofreria se a última crux não fosse usada , que quarenta é uma conta redonda e perfeita , fez um gesto , os cravos foram espetados , José gritou e continuou a gritar , depois levantaram - no em peso , suspenso dos pulsos atravessados pelos ferros , e depois mais gritos , o prego comprido que lhe furava os calcanhares , **oh meu Deus , este é o homem que criaste , louvado sejas , já que não é lícito maldizer - te** . XI Page: 165 a (1e occ.)

Nesta sequência, o último ato de discurso expressivo é ambíguo, quanto ao enunciador, seguindo uma prática frequente, em Saramago, a confusão do discurso do narrador com o das personagens (por vezes, apenas o *discurso interior* destas).

A desfiguração da personagem José é colocada em destaque com a exaltação das qualidades do burro (também designado por «*jumento*», «*resignado animal*», «*besta*») como a fortaleza, a paciência, a resignação de «*um santo alpinista para ajudar*».

[...] se não fosse ter a Providência dotado os burros que criou de uma paciência infinita e não menor fortaleza , poucos passos seriam andados [...] V Page: 55 a (1e occ.)

O único defeito que a solução apresenta , supondo que lhe vão dar o emprego , é a distância a que está o local do trabalho , uma boa hora e meia de caminho , ou mais , a andar bem , que **de cá para lá tudo são subidas , sem um santo alpinista para ajudar , salvo se levar consigo o burro** , mas então terá José para resolver o problema de onde deixar em segurança o animal [...] VII Page: 91 c (1e occ.)

Enquanto o burro sem que fosse «*gritada nenhuma ordem*» cumpria o seu dever, motivado, embora, por uma «*manjedoura cheia*», José só constrói o «*rústico catre*», tão necessário a Maria, após ter sido advertido pelo ancião.

[...] **Não foi gritada nenhuma ordem** , José não usou a chibata , mas **o certo é que o burro recomeçou a andar mais espevitado de ânimo** , [...] vai ligeiro , como quem ouviu dizer que tem a manjedoura cheia à sua espera e finalmente descanso de valer a pena , mas o que ele não sabe é que ainda vai ter de calcorrear um bom pedaço de caminho antes de chegar a Belém [...] VI Page: 74 b (1e occ.)

E a desafortunada personagem, é confundido com qualquer rebelde e capturado, pelos soldados, **exactamente quando ia procurar o burro** que havia sido roubado, o seu único património («**aquele burro que conhecemos e nada mais**»). IX Page: 134 c (1e occ.)

Quando , depois de ter vagueado pela cidade durante mais de uma hora , ainda com uma última esperança de encontrar **o animal roubado** , se dispunha a regressar a Nazaré , **prenderam - no os soldados romanos que tinham cercado Séforis** . [...] XI Page: 162 a (1e occ.)
[...] E o burro , encontraram - no , **Nem vivo , nem morto**.
XII Page: 178 b (2e occ.)

Como mostra a figura 6 (a evolução dos valores de frequência – valores padrão), a personagem José e o seu único bem fazem um percurso diegético paralelo e têm fim simultâneo, abandonando a diegese de *OESJC*.

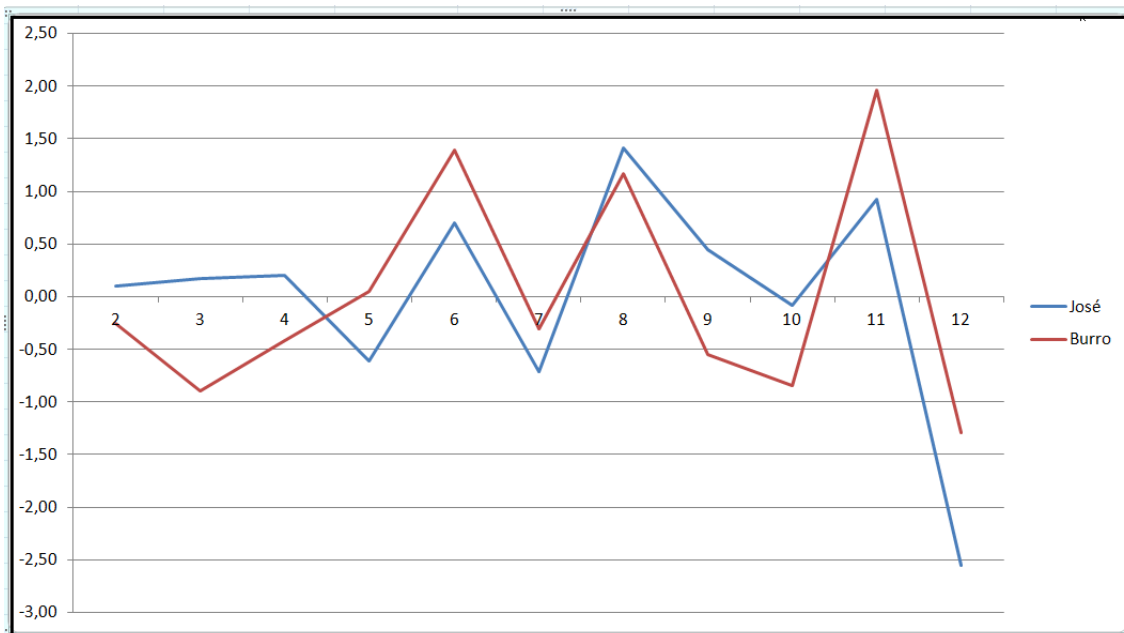


Figura 6. A evolução dos valores de frequência (valores padrão) de «José» e «burro», ao longo dos 12 capítulos da primeira parte.

Se a personagem José foi tão depreciada, ao ponto de o próprio Saramago reconhecer ter sido «*injusto*», pelos «*comentários pejorativos*», que foi fazendo desde o início do seu *Evangelho*, em relação a Maria, subverte, por completo, a imagem (face) da MÃE DE JESUS, tão venerada no mundo cristão.

Os substitutos anafóricos do nome próprio

Como referido atrás, o nome da personagem Maria é substituído por outras designações conotadas negativamente, inventariadas na concordância da figura 7, como «*cardadora de lã*», «*rapariguinha frágil*», ou simplesmente «*mulher do carpinteiro*».

| Text | Before | Seq. | After |
|-----------|--|-----------------------------|-------------------------------------|
| 02-03.not | derramou no sagrado interior de | Maria | , sagrados ambos por serem a |
| 02-03.not | José sobre o corpo de | Maria | . Enquanto ela puxava para baixo |
| 02-03.not | pela primeira vez, se ouviu | Maria | , e humildemente dizia, como de |
| 03-01.not | III <03-01> [29] Viviam José e | Maria | num lugarejo chamado Nazaré, terra |
| 03-02.not | <03-02> Sobre os dotes de | Maria | , por enquanto, só procurando muito |
| 03-02.not | moedas . Apesar da fraca figura, | Maria | trabalha como as mais mulheres |
| 03-02.not | transporte das madeiras . Descalça vai | Maria | à fonte, descalça vai ao |
| 03-03.not | dolorosa, onde descansar a cabeça . | Maria | segurava a escudela no côncavo |
| 05-07.not | já o seu filho, e | a Maria | viu-a como se fosse |
| 20-06.not | em sinal de respeito, mas | a outra Maria | lançou-lhe os braços, apertou |
| 15-02.not | chamado José e de uma | cardadora de lã | chamada Maria, Como o sabes |
| 17-04.not | carpinteiro e da sua mãe | cardadora de lã | , dos seus oito irmãos, e |
| 01-01.not | o seu lado esquerdo, Maria, | mãe de Jesus | , [16] esse mesmo a quem acabamos |
| 01-01.not | com distraída mão, a extenuada | mãe de Jesus | , levanta, sim, para o alto |
| 20-03.not | dia em que estamos, a | mãe de Jesus | , para ela, fora só isso |
| 20-03.not | para ela, fora só isso, | mãe de Jesus | , agora sabe, porque depois o |
| 20-06.not | não falavam, até que a | mãe de Jesus | fez à outra sinal para |
| 19-01.not | anjo entrou em casa de | Maria de Nazaré | , e foi o mesmo que |
| 20-03.not | Maria de Magdala pensa em | Maria de Nazaré | . Até este dia em que |
| 20-03.not | Magdala, [331] que dor irá sentir | Maria de Nazaré | quando lho disserem, porém não |
| 20-03.not | si mesma como se fosse | Maria de Nazaré | e, levantando-se donde estava |
| 20-06.not | dele, passou ao lado de | Maria de Nazaré | , e as duas mulheres, a |
| 20-08.not | <> <20-08> | Maria de Nazaré | e o filho não se |
| 04-05.not | do inaudível, mas que a | mulher de José | podia sentir na pele, e |
| 08-06.not | anjo, A paz seja contigo, | mulher de José | , seja também a paz com |
| 02-03.not | ter dito aquilo . Depois, a | mulher do carpinteiro | José levantou-se da esteira |
| 03-08.not | conforme os sinais dados pela | mulher do carpinteiro | , e nenhuma vizinha soube dar |
| 05-04.not | sabê-lo definitivamente quando à | mulher do carpinteiro | José apareceu um anjo, que |
| 03-02.not | mulher casada, não passa duma | rapariguinha frágil | , por assim dizer dez-réis |
| 20-05.not | tão deprimente s como uma | viúva com muitos filhos | , resolveu levar apenas dois, o |
| 12-05.not | agora estavam chorando todos, a | viúva e os seus nove filhos | , e ela não sabia a |

Query 31/547

Figura 7. Concordância das designações da personagem Maria.

Aspetto físico «dez-réis de gente»

Sobre os dotes de Maria , por enquanto , só procurando muito , e mesmo assim não acharíamos mais do que é legítimo esperar de quem não fez sequer dezasseis anos e , embora **mulher casada** , não passa duma **rapariguinha frágil** , por assim dizer **dez - réis de gente** , que também naquele tempo , sendo outros os dinheiros , não faltavam destas moedas . [...]

III Page: 29 e (1e occ.)

O trabalho árduo de Maria

Apesar da **fraca figura** , Maria **trabalha como as mais mulheres** , **cardando** , **fiando** e **tecendo** as roupas da casa , **cozendo** todos os santos dias o pão da família no forno doméstico , descendo à fonte para **acarretar a água** , depois encosta acima , pelos íngremes carreiros , um gordo cântaro à cabeça , uma infusa apoiada no quadril , e indo depois , ao cair da tarde , por

esses caminhos e descampados do Senhor , a **apanhar gravetos de lenha** e a **rapar restolhos** , levando por acrescento um cesto com que **recolherá as bostas secas do gado** , e também esses **cardos** e **espinhosas** que abundam nas declivosas alturas de Nazaré , do melhor que Deus foi capaz de inventar para acender um lume e entrançar uma coroa . **Todo este arsenal reunido daria uma carga mais própria para ser trazida a casa no lombo do burro** , não fosse a poderosa circunstância de estar **a besta adstrita ao serviço de José** e ao transporte das madeiras . III Page: 29 e (1e occ.)

[...] **Descalça vai Maria à fonte** , **descalça vai ao campo** , com os seus **vestidos pobres** que no trabalho mais se sujam e gastam , e que é preciso estar sempre a **lavar** e **remendar** , para o marido vão os panos novos e os cuidados maiores , **mulheres destas com qualquer coisa se contentam** .

III Page: 30 a (1e occ.)

Não cabendo, neste estudo, a análise estilística de *OESJC*, cabe contudo assinar o facto de Saramago sistematicamente aproveitar textos pré-construídos, em geral, *expressões fixas (cinco-réis de gente)* e, algumas vezes partes de textos como «*Descalça vai Maria à fonte*» (evocando o poema de Camões, por contraste: ali não havia «verdura» para confortar os pés de Maria). A pessimista visão do mundo do narrador, encontra em cada ente criado, a propósito ou a despropósito, a «*mão desajeitada*» de Deus e o mal inerente a esses entes: os *cardos* e as *espinhosas* servem para *acender o lume* mas servem também para «*entrançar uma coroa*» (de espinhos!)

O estado de gravidez de Maria é referido de forma muito depreciativa e descortês: para isso servem as fraseologias e colocações «*aparecer de balão*», «*da noite para o dia*» e a expressão hiperbólica «*da barriga à boca*», para além do adjetivo «*prenha*», variante de «*prenhe*», pertencendo a um registo sociolinguístico popular e contendo o *sema conotativo* <para animais>.

A barriga de Maria crescia sem pressa , tiveram de passar - se semanas e meses antes que se percebesse às claras o seu estado , e , não sendo ela de dar - se muito com as vizinhas , por tão modesta e discreta ser , a surpresa foi geral nas redondezas , como se ela tivesse **aparecido de balão da noite para o dia** . IV Page: 44 a (1e occ.)

[...] Aquele que além estais vendo é José , e a mulher , a que **vai prenha da barriga à boca** , sim , o nome dela é Maria , vão os dois a Belém recensear - se , e se é verdade que em nada adiantariam estas nossas benévolas identificações é porque vivemos numa terra de tal modo abundante em nomes predestinados que facilmente por aí se encontram **Josés e Marias** de todas as idades e condições [...] VI Page: 76 a (1e occ.)

Os hábitos de louvar a Deus e orar são ridicularizados, à semelhança do que acontece com José

Louvado sejas tu, Senhor, **que me fizeste conforme a tua vontade** [...]

II Page: 27 e (1e occ.)

Louvado sejas tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, **que fazes sair o pão da terra**.

III Page: 35 c (1ère occ.)

Louvado seja o Senhor **que me deu um filho sábio**, a mim que sou uma pobre ignorante [...]

XVI Page: 254 e (1e occ.)

Não é justa nem piedosa

Ao **contrário de José, seu marido, Maria não é piedosa nem justa**, porém não é sua a culpa dessas mazelas morais, a culpa é da língua que fala, senão dos homens que a inventaram, pois nela as palavras justo e piedoso, simplesmente, não têm feminino.

III Page: 30 d (1e occ.)

para além da sua condição cultural de mulher, é subvalorizada, ao instanciar a classe «fêmeas»

Maria **vai à sinagoga**, entra pela porta lateral, que a lei impõe às mulheres, e se, é um supor, **lá se encontram ela e trinta companheiras, ou mesmo todas as fêmeas de Nazaré**, ou toda a população feminina de Galileia, ainda assim terão de esperar que cheguem ao menos dez homens para que o serviço do culto, em que só como passivas assistentes participarão, possa ser celebrado. III Page: 30 c (1e occ.)

Maliciosa, como todas as mulheres “inocentes”. Saramago, como abaixo referiremos, utiliza a expressão «*Em verdade, em verdade vos digo*», utilizada na pregação de JESUS, como garantia da força ilocutória das asserções, premonições proferidas.

Alegrou-se José em seu coração porque, não querendo confessá-lo, intimidava-o a ideia de ter de ir enfrentar-se sozinho com a mulher, por aquele seu modo particular de estar agora, de olhos baixos, é certo, segundo manda a discipulação, mas também com **uma indisfarçável expressão provocadora, a expressão de quem sabe mais do que tenciona dizer, mas quer que se note**. Em verdade, em verdade vos digo, não há limites para a malícia das mulheres, sobretudo as mais inocentes. III Page: 39 b (3e occ.)

Aludindo à cerimónia judaica da *purificação*, cumprida por Maria, após o parto, o narrador insiste que a mesma, como todas as mulheres, nunca será verdadeiramente pura.

Maria está outra vez limpa , de verdadeira pureza não se fala , evidentemente , que a tanto não poderão aspirar os seres humanos em geral e as mulheres em particular , foi o caso que com o tempo e o recolhimento se lhe normalizaram os fluxos e os humores , tudo voltou ao que era antes [...] VII Page: 101 g (1e occ.)

O narrador, como em José, recorre ao discurso de outras personagens, para desvalorizar Maria. Neste caso, o narrador distribui a Pastor (Diabo), o papel de desrespeitar a face de Maria, como nos diálogos que se seguem, entre Pastor e a mãe de Jesus, quando este a visita para lhe explicar que Jesus é filho de Deus:

Ficou Maria muito assombrada com a notícia [...] e perguntou , Então Jesus é filho de mim e do Senhor , **Mulher , que falta de educação** , deves ter cuidado com as hierarquias , com as precedências , do Senhor e de mim é que deverias dizer , Do Senhor e de ti , Não , do Senhor e de ti , Não me baralhes a cabeça , responde - me ao que te perguntei , [...] XIX Page: 311 c (1e occ.)

Dessa parte também estou informado , Mas que irá ele ter de fazer em vida para merecer as maravilhas que o Senhor lhe prometeu , Ora , ora , tu crês , **ignorante mulher** , que essa palavra exista aos olhos do Senhor , que possa ter algum valor e significado o que presunçosamente chamais merecimentos , em verdade não sei que é que vos - julgais , quando não passais de míseros escravos da vontade absoluta de Deus , Nada mais direi , **sou realmente a escrava do Senhor , cumpra - se em mim segundo a sua palavra** [...] XIX Page: 313 a (1e occ.)

Como se observa no primeiro extrato, nesta narrativa, todas as contradições podem ocorrer, ao serviço dos jogos verbais, conseguidos também à custa de uma pontuação que não permite ao leitor distinguir facilmente os turnos de fala. Em enunciado anterior, o narrador contradiz esta “falta de educação” de Maria. Com efeito, quando Jesus perguntou a sua mãe se já tinha visto o anjo (Pastor) outras vezes, e ela respondeu «*Na estrada, quando fomos, teu pai e eu, a Belém, para o recenseamento*» (OESJC, 2000, p. 253). Neste aspeto (e somente neste aspeto), parece ser transcrita a fórmula de cortesia utilizada nos Textos Sagrados, «teu pai e eu». Quando JESUS se afastou dos pais e ficou no templo, MARIA, quando O encontrou, disse: «*Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!*» Ele respondeu-lhes: «*Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?*» (Lc 2,48).

No segundo extrato, o narrador serve-se igualmente da voz de Pastor, para que Maria seja considerada «*ignorante mulher*». E a mesma voz de Pastor, passa da segunda pessoa do singular «*tu*» para uma deixis da segunda pessoa do plural, de referência ambígua mas que, numa das leituras, toma, como referência alocutária, não apenas Maria mas também o narratário. Como resposta, Maria reproduz, quase literalmente, o enunciado bíblico «*sou realmente a escrava do Senhor, cumpra-se em mim segundo a sua palavra*» (OESJC, 2000, p. 313), enunciado de consagração que já havia pronunciado antes - «*Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*» (OESJC, 2000, p. 27) tomado do *Evangelho de São Lucas* «*Eis a serva do SENHOR, faça-se em mim segundo a tua palavra.*» (Lc 1,38).

Dos exemplos apresentados, conclui-se que o narrador desfigura a face de Maria pelas designações que a referem, pelos defeitos que lhe atribui, chegando a associar o seu trabalho ao de um animal de carga.

5. A INTERAÇÃO DIRETA COM O LEITOR VIRTUAL

5.1. O primeiro contacto

Como pode inferir-se do que acima ficou referido, a primeira iniciativa do leitor, com base em motivações de natureza diversa, e nas expetativas que construiu em relação à qualidade artística (literariedade) e à sua institucionalização editológica nos sectores internacionais interessados na *ars litterae*, dizíamos, a primeira iniciativa do leitor consiste no acesso deliberado ao texto, cujo título sugere uma temática que lhe serve de motivação.

Mas o primeiro contacto de interação inicia-se com a manipulação do livro e dos elementos paratextuais e, acima de tudo, com o início da comunicação – a leitura.

Antes mesmo de iniciar a leitura, confronta-se com uma imagem gráfica densa, sem os espaços em branco, que decorrem, naturalmente, do uso do parágrafo de extensão normal. Nesta obra, os parágrafos são longos, preenchendo mais que uma página, resultando na vastidão de uma mancha gráfica densa e sem pontos visuais de referência, facilitadores da tarefa do leitor, como ilustrado na figura 8.

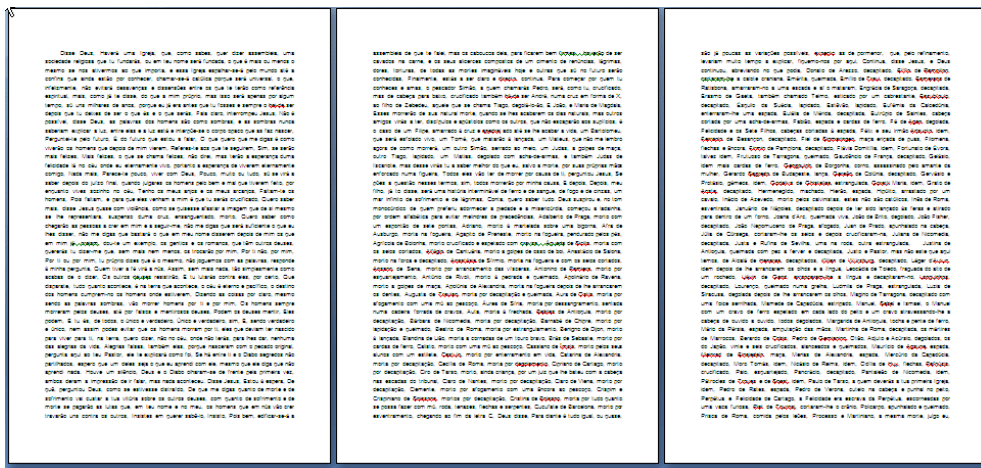


Figura 8. A densidade gráfica do texto de Saramago: três das 11 páginas do parágrafo 8.º (capítulo XXII, pp. 379-388).

Relacionado com a mancha gráfica referida está a transgressão (desvio deliberado e sistemático) do sistema de escrita vigente, o qual onera a tarefa do leitor, que terá

que se adaptar a este novo código, unilateralmente imposto, condição necessária para acesso ao *sentido*.

Não cabendo, no âmbito desta investigação, o recurso a um *corpus de referência do português contemporâneo*, recorreremos, para efeitos meramente explanatórios, ao nosso *corpus contrastivo*: os quatro textos evangelhos canônicos. A tabela 7 dá conta dos valores de frequência, nos dois *corpora*.

Tabela 7. Os sinais de pontuação, em *OESJC* e nos evangelhos canônicos

| | <i>OESJC</i> | | | EVANGELHOS CANÓNICOS | | |
|---------------------------|---------------------------|------------|----------------|---------------------------|------------|----------------|
| | Extensão do <i>corpus</i> | Frequência | Freq. Relativa | Extensão do <i>corpus</i> | Frequência | Freq. Relativa |
| Vírgula | 141.576 | 21289 | 0,150371532 | 421.818 | 7147 | 0,01694333 |
| Ponto | 141.576 | 2354 | 0,016627112 | 421.818 | 3454 | 0,00818837 |
| Dois pontos | 141.576 | 0 | 0 | 421.818 | 1866 | 0,00442371 |
| P. e vírgula | 141.576 | 0 | 0 | 421.818 | 657 | 0,00155754 |
| P. de exclamação | 141.576 | 0 | 0 | 421.818 | 657 | 0,00155754 |
| P. de interrogação | 141.576 | 0 | 0 | 421.818 | 611 | 0,00144849 |

Ao longo de todo o romance, são utilizados apenas a *vírgula* e *ponto (final)*, como mostram a tabela 7 e a figura 9.

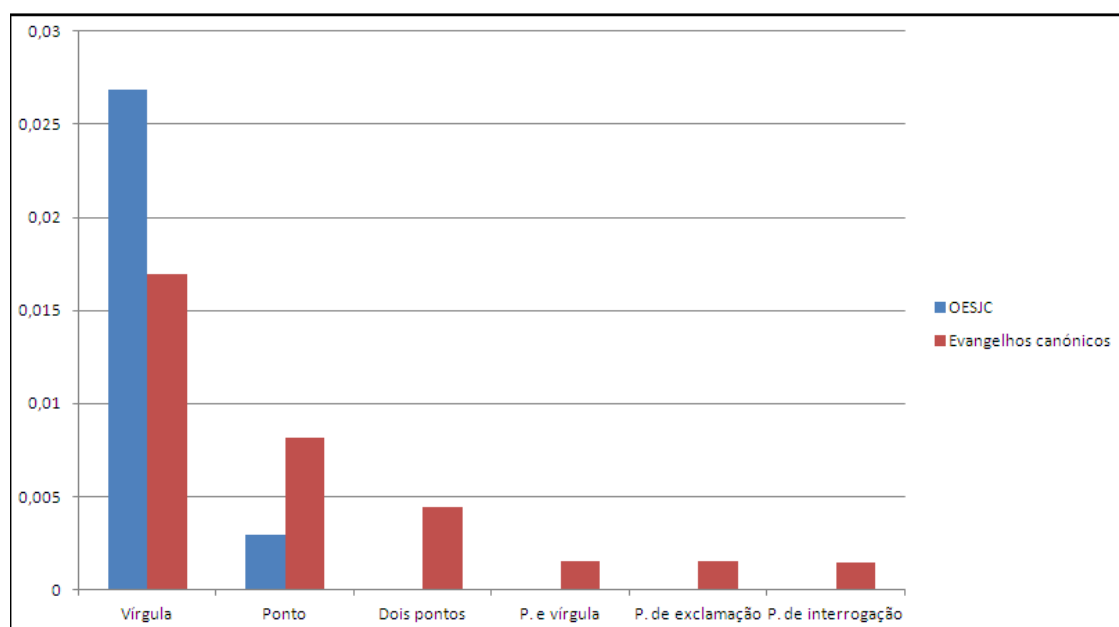


Figura 9. A frequência relativa dos sinais de pontuação em *OESJC* e no *corpus* de contraste.

Constituirá a adoção dessa prática uma estratégia favorável a uma comunicação eficaz?

5.2. O ónus da leitura: pontuação e *coeficiente de legibilidade*

Há muito que foram realizados estudos experimentais sobre a *legibilidade* dos textos escritos, (cf. e, g., Henry, 1975) dando conta dos múltiplos fatores que afetam o *coeficiente de legibilidade dos mesmos*. Trata-se de uma *variável complexa multifatorial*, de inquestionável importância para o *rendimento na leitura*, e a *ergonomia cognitiva, i, e., na relação custo benefício, no acesso à informação* do texto escrito. Em vários domínios disciplinares, desde a teoria matemática da informação (cf. Fiske, 1993), até à psicologia e à psicolinguística (cf. Bento, 1996a e Carroll, 1983), foram desenvolvidos muitos experimentos sobre vários aspetos do processo na leitura (cf. Bento, 1996a, Balula, 2007).

Os referidos estudos demonstram que a leitura constitui um processo complexo. Na fase do processamento visual, as unidades linguísticas vão sendo registadas na *Memória de Curto Prazo (MCP - Working memory*, cf. Smith, 1982) até serem encontradas outras unidades que com elas se articulem, para o cálculo de *informação relevante*. Na comunicação escrita, como atrás sublinhado, os interactantes não partilham a mesma situação comunicativa, nem existe realimentação (*feedback*). O código escrito é limitado, constituindo-se tão somente numa fonte de índices, a partir dos quais o leitor formula hipóteses e, através de processos de inferência, poderá ter sucesso no tratamento das unidades sógnicas do qual resultará o obtenção ou construção de sentido.

Neste processo, os sinais de pontuação são necessários. Para além de informarem sobre a reconstrução da pauta melódica (*entoação*) e das *pausas fonéticas*, permitem identificar os diferentes *tipos de frases* e os diferentes constituintes, dentro da mesma frase.

A partir destes índices, o leitor terá de decodificar as entidades fonéticas e delimitar as unidades frásicas, encaixes sintáticos, etc. para o posterior e subsequente processamento semântico.

A leitura do *Evangelho* de Saramago apresenta-se como tarefa onerada, em custos de processamento. Como dos sinais gráficos de pontuação apenas ocorre a vírgula e o ponto (final), gera-se ambiguidade, o que impõem ao leitor um esforço desproporcionado, obrigado, permanentemente, a fazer retorno a segmentos de texto anteriores, até encontrar os elementos que completem o *puzzle*. O tempo e

quantidade de dados envolvidos neste processamento não são compatíveis com a capacidade e tempo de retenção da MCP. O desvio das normas de pontuação vigentes em conjunto com a utilização de parágrafos muito extensos conduzem à ambiguidade, muitas vezes insolúvel, e.g., quando o discurso das personagens e do narrador se imbricam irremediavelmente, no *discurso indireto livre*.

Assim, é contrariado o princípio da máxima do modo de Grice (1975) e a máxima da cortesia de Leech (1996), que aconselha a minimizar o custo de processamento para o leitor. Os sinais gráficos de pontuação são elementos facilitadores de uma comunicação eficaz. E como estes sinais têm valores normalizados (aprendidos na escola), e funcionam *por oposição*, dentro do *sistema de escrita, a liberdade poética* traz custos redobrados à tarefa da leitura. Ainda que justificável, no discurso poético de Saramago, este desvio tem consequências colaterais de avultada importância, sobretudo em relação ao público mais jovem, para o qual são adequados *modelos* de escrita através dos quais possa apreender as normas vigentes. Acresce que a tarefa da leitura, nestas condições, faz demasiado apelo aos mecanismos decifrativos próprios de uma leitura rudimentar, dificultando a obtenção de níveis elevados de compreensão e de (re)construção de sentido. Por outra parte, a ausência de pontuação permite ao narrador a ambiguidade e a indeterminação, a vários níveis do processamento semântico, sobrepondo-se e confundindo-se, com frequência, a voz do narrador com a das personagens, dando origem a múltiplas leituras, transformando a tarefa da leitura num jogo de adivinhas (“*puzzle*”) sem soluções. Podemos questionar se esta forma de textualização constitui, *uma estratégia de comunicação* ou uma estratégia de *entropia*.

O que acaba de ser referido pode ser exemplificado no extrato que se segue: uma *cena dialogada*, que tem lugar na barca, onde ocorre a sequência central da narrativa de Saramago: o encontro das personagens Deus, Jesus e Pastor, no qual a *entidade destinadora* (Deus) determina o futuro da personagem principal e de Pastor. No extrato que se segue, Jesus quer saber *quem verdadeiramente é e qual o seu papel* nos desígnios diegéticos de Saramago.

Disse Jesus , Vim saber quem sou e o que terei de fazer daqui em diante para cumprir , perante ti , a minha parte do contrato . Disse Deus , São duas questões , portanto temos de ir por partes , por qual queres começar , Pela primeira , quem sou eu , perguntou Jesus , Não o sabes , perguntou Deus por sua vez , Julgava saber , julgava que era filho do meu pai , A que pai te referes , Ao meu pai , ao carpinteiro José filho de Heli , ou de Jacob , não sei bem , O que morreu crucificado , Não pensava que houvesse outro , Foi um trágico engano dos romanos , esse pai morreu inocente e sem culpa , Disseste esse pai , isso significa que há outro , Admiro - te , és um rapaz esperto , inteligente , Neste caso não foi a inteligência que me serviu , ouvi - o da boca do Diabo , Andas com o Diabo , Não ando com o Diabo , foi ele quem veio ao meu encontro , E que foi que ouviste da boca do Diabo , Que sou teu filho . Deus fez , compassado , um gesto afirmativo com a cabeça e disse , Sim , és meu filho , Como pode um homem ser filho de Deus , Se és filho de Deus , não és um homem , Sou um homem , vivo , como , durmo , amo como um homem , portanto sou um homem e como homem morrerei , No teu lugar , não estaria tão certo disso , Que queres dizer , Essa é a segunda questão , mas temos tempo , que respondeste tu ao Diabo que disse que eras meu filho , A esse respeito nada , fiquei à espera do dia em que te encontrasse , e a ele expulsei - o do possesso que andava atormentando , chamava - se Legião e era muitos , Onde estão agora , Não sei , Disseste que os expulsaste , Com certeza sabes melhor do que eu que , quando se expulsam diabos de um corpo , não se sabe para onde vão , E por que hei - de eu saber dos assuntos do Diabo , Sendo Deus , tens de saber tudo , Até um certo ponto , só até um certo ponto , Que ponto , O ponto em que começa a ser interessante fazer de conta que ignoro , Pelo menos saberás como e porquê sou teu filho e para quê , Observo que estás muito mais despachado de espírito , e mesmo um tanto impertinente , considerando a situação , do que quando te vi pela primeira vez , Era um rapaz assustado , agora sou um homem , Não tens medo , Não , Tê - lo - ás , descansa , o medo chega sempre , até a um filho de Deus , Tens outros , Outros , quê , Filhos , Só precisava de um , E eu , como vim eu a ser teu filho , Tua mãe não to disse , Minha mãe sabe , Enviei - lhe um anjo a explicar - lhe como as coisas se tinham passado , pensei que to tivesse contado , E quando estive esse anjo com minha mãe , Deixa - me ver , se não erro muito os cálculos , foi depois de teres saído de casa pela segunda vez e antes de fazeres aquela do vinho em Caná , Então , minha mãe soube e não mo disse , contei - lhe que te vi no deserto e não acreditou , mas tinha de acreditar depois de aparecer - lhe o anjo , e não o quis reconhecer perante mim , Deves saber como são as mulheres , vives com uma , que eu sei , têm lá uns melindres , uns escrúpulos , que só elas , Que melindres , que escrúpulos , Bem vêes , eu tinha misturado a minha semente na semente de teu pai antes de seres concebido , era a maneira mais fácil , a que menos dava nas vistas , E estando as sementes misturadas , como podes estar certo de que sou teu filho , É verdade que nestes assuntos , em geral , não é prudente mostrar certeza , ainda menos absoluta , mas eu tenho - a , de alguma coisa me serve ser Deus , E por que foi que quiseste ter um filho , Como não tinha nenhum no céu , tive de arranjá - lo na terra , não é original , até em religiões com deuses e deusas que podiam fazer filhos uns com os outros , tem - se visto vir um deles à terra , para variar , suponho , de caminho melhorando um pouco uma parte do género humano pela criação de heróis e outros fenómenos , E este filho que sou , para que o quiseste , Por gosto de variar , não foi , escusado seria dizê - lo , Então porquê , Porque estava precisado de quem me ajudasse aqui na terra , Como Deus que és , não devias precisar de ajudas , Essa é a segunda questão . XXII Page: 365 d (1e occ.)

5.3. O primeiro parágrafo: a primeira sequência narrativa

A narrativa inicia-se (*in ultimas res*) com a descrição do cenário da crucifixão da personagem principal:

O sol mostra - se num dos cantos superiores do **rectângulo** , o que se encontra à esquerda de quem olha , representando , o astro - rei , uma cabeça de homem donde jorram raios de aguda luz e sinuosas labaredas , tal uma rosa - dos - ventos indecisa sobre a direcção dos lugares para onde quer apontar , e essa cabeça tem um rosto que chora , crispado de uma dor que não remite , lançando pela boca aberta **um grito que não poderemos ouvir** , pois **nenhuma destas coisas é real** , o que temos diante de nós **é papel e tinta , mais nada** .

I Page: 13 b (1e occ.)

Como toda a escrita envolve *papel e tinta*, o leitor pode concluir que se trata dos materiais de escrita. Entretanto, já na primeira linha tinha surgido a palavra *retângulo* não interpretável, no contexto verbal coocorrente. Todavia, à medida que prossegue na leitura, na página 16, surge um elemento igualmente desconexo: *gravador*:

Tal como a primeira desta trindade de mulheres , mostra os longos cabelos soltos , caídos pelas costas , mas estes têm todo o ar de serem louros , se não foi pura casualidade a diferença do traço , mais leve neste caso e deixando espaços vazios no sentido das madeixas , o que , obviamente , **serviu ao gravador** para aclarar o tom geral da cabeleira representada .

I Page: 16 a (1e occ.)

Neste momento, é necessário interromper a leitura e regressar à primeira linha para formular uma hipótese provisória: talvez esteja o narrador a descrever *uma gravura*. Na página 17, ocorre um outro segmento de texto que parece também ele confirmar a hipótese anterior:

Apenas uma mulher que tivesse amado tanto quanto imaginamos que Maria Madalena amou poderia olhar desta maneira , com o que , derradeiramente , fica feita a prova de ser ela esta , só esta , e nenhuma outra , excluída portanto a que ao lado se encontra , Maria quarta , de pé , meio levantadas as mãos , em piedosa demonstração , mas de olhar vago , fazendo companhia , **neste lado da gravura** , a um homem novo , pouco mais que adolescente , que de modo amaneirado a perna esquerda flecte , assim , pelo joelho , enquanto a mão direita , aberta , exhibe , numa atitude afectada e teatral , o grupo de mulheres a quem coube representar , no chão , a acção dramática. I Page: 17 g (1e occ.)

Entretanto, o narrador introduz os seus comentários e distrai o leitor, em relação ao “*puzzle*” que construiu:

Com tais razões não pretendemos afirmar que Maria Madalena tivesse sido , de facto , **loura** , **apenas nos estamos conformando com a corrente de opinião maioritária que insiste em ver nas louras , tanto as de natureza como as de tinta , os mais eficazes instrumentos de pecado e perdição** . I Page: 16 c (1e occ.)

Ao descrever a próxima personagem, coloca ele próprio as suas suposições, facultando ao leitor um outro índice: a falta das cores:

Este personagem , tão novinho , com o seu cabelo aos cachos e o lábio trémulo , é João . Tal como José de Arimateia , também esconde com o corpo o pé desta outra árvore que , lá em cima , no lugar dos ninhos , levanta ao ar um segundo homem nu , atado e pregado como o primeiro , mas este é de cabelos lisos , deixa pender a cabeça para olhar , se ainda pode , o chão , e a sua cara , magra e esquelética , dá pena , ao contrário do ladrão do outro lado , que mesmo no transe final , de sofrimento agónico , ainda tem valor para mostrar - nos um rosto que facilmente imaginamos rubicundo , corria - lhe bem a vida quando roubava , não **obstante a falta que fazem as cores aqui** . I Page: 17 a (1e occ.)

Entretanto, é necessário acompanhar o pensamento do narrador, as conclusões que extrai, de outras hipóteses por ele formuladas;

Magro , de cabelos lisos , de cabeça caída para a terra que o há - de comer , duas vezes condenado , à morte e ao inferno , este mísero despojo **só pode ser o Mau Ladrão** , rectíssimo homem afinal , a quem sobrou consciência para não fingir acreditar , a coberto de leis divinas e humanas , que um minuto de arrependimento basta para resgatar uma vida inteira de maldade ou uma simples hora de fraqueza . I Page: 17 c (1e occ.)

O extrato seguinte parece confirmar a hipótese do leitor: a lua com uma argola na orelha:

Por cima dele , também chorando e clamando como o sol que em frente está , vemos **a lua em figura de mulher , com uma incongruente argola a enfeitar - lhe a orelha** , licença que nenhum artista ou poeta se terá permitido antes e é duvidoso que se tenha permitido depois , apesar do exemplo . Este sol e esta lua iluminam por igual a terra , mas a luz ambiente é circular , sem sombras , por isso pode ser tão nitidamente visto o que está no horizonte , ao fundo , torres e muralhas , uma ponte levadiça sobre um fosso onde brilha água , umas empenas góticas , e lá por trás , no testudo duma última colina , as asas paradas de um moinho . I Page: 17 d (1e occ.)

Um elemento dificultador: a *deixis espacial*. O narrador observador parece estar presente no cenário, mas a uma distância que não lhe permite ver com nitidez o tecido que o soldado leva na mão. O narrador pode deixar o local onde escreve para se “deslocar” ao espaço ficcional da crucificação:

A mesma impressão de final de festa é dada por aquele soldado de infantaria que já dá um passo para retirar - se , levando , suspenso da mão direita , **o que , a esta distância , parece um pano , mas que também pode ser manto ou túnica** , enquanto dois outros militares dão sinais de imitação e despeito , se é possível , de tão longe , decifrar nos minúsculos rostos um sentimento , como de quem jogou e perdeu . | Page: 18 a (1e occ.)

Lá atrás , no mesmo campo onde os cavaleiros executam um último volteio , um homem afasta - se , virando ainda a cabeça para este lado . Leva na mão esquerda um balde e uma cana na mão direita . **Na extremidade da cana deve haver uma esponja , é difícil ver daqui** , e o balde , **quase apostaríamos , contém água com vinagre** . Este homem , um dia , e depois para sempre , será vítima de uma calúnia , a de , por malícia ou escárnio , ter dado vinagre a Jesus ao pedir ele água , quando o certo foi ter - lhe dado da mistura que traz , vinagre e água , refresco dos mais soberanos para matar a sede , como ao tempo se sabia e praticava .
| Page: 19 e (1e occ.)

Entretanto o capítulo termina, deixando mais dúvidas que certezas: as do escrevente que, cumulativamente também são do leitor.

Sobra uma pergunta que, naturalmente, pode ser formulada: se o narrador está a descrever uma gravura, de que gravura se trata? Nos elementos paratextuais, não figura qualquer gravura. É necessário ir indagar, para concluir uma reconstrução mais completa do sentido. Depois de algumas pesquisas, o leitor será informado de que, na capa das primeiras edições da obra, figurava, de facto, uma gravura de Albrecht Dürer que deixou de constar nas últimas edições e que está reproduzida na figura 10.

Não resta, assim, qualquer vínculo entre o que o narrador descreve e a referida gravura e a dúvida passará de provisória a definitiva.

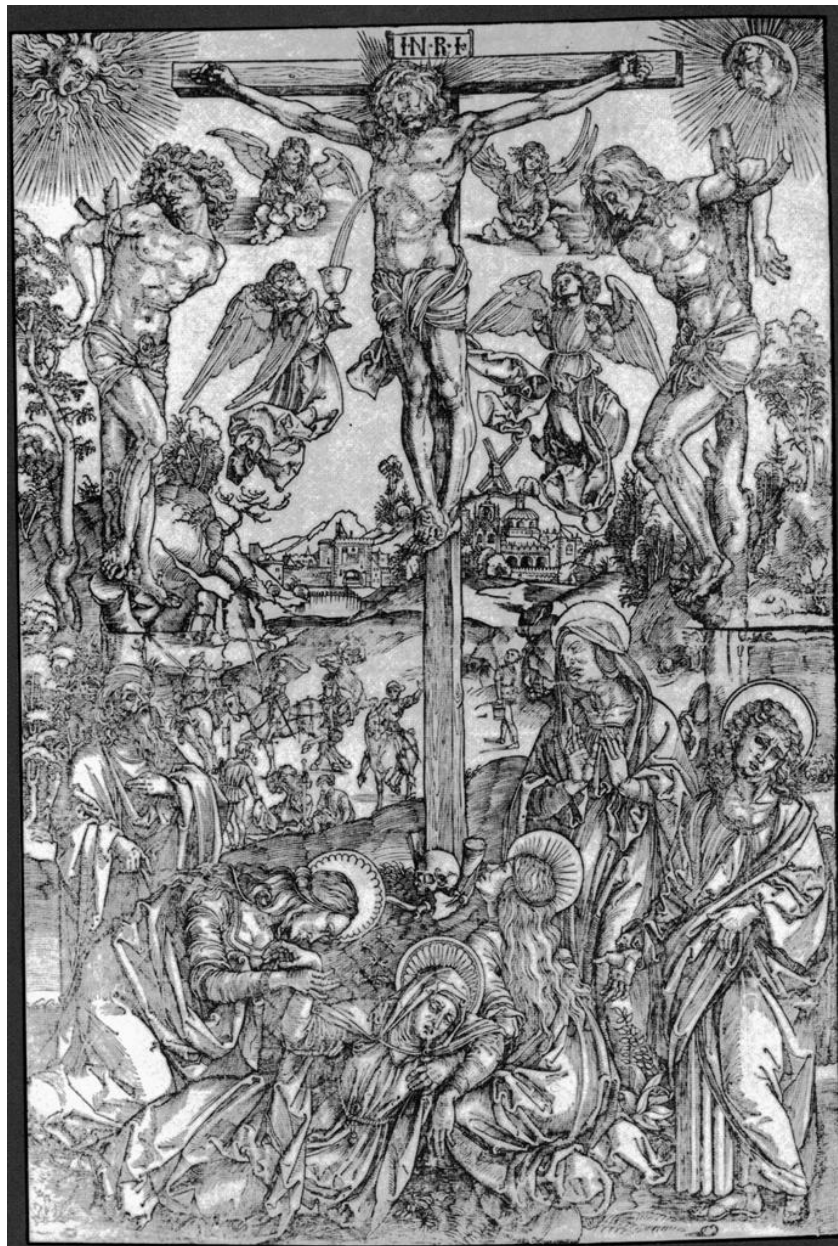


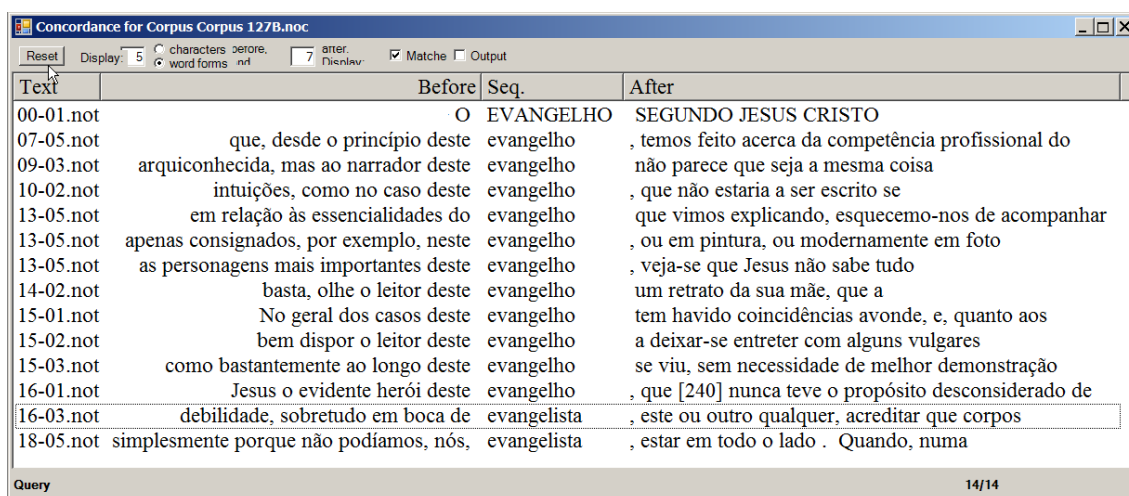
Figura 10. Gravura de Albrecht Dürer,
(OESJC, 1997, reprodução autorizada pela editora Caminho).

6. DEIXIS PESSOAL – DISPOSITIVOS LINGUÍSTICOS DE REFERÊNCIA AO NARRADOR E AO NARRATÁRIO

6.1. Autorreferência

6.1.1. O evangelista e o evangelho

Saramago institui-se, perante o leitor virtual, como *evangelista*. No nosso *corpus*, a palavra «*evangelista*» regista duas ocorrências e «*evangelho*» 12, como explicita a concordância da figura 11.



The screenshot shows a window titled "Concordance for Corpus Corpus 127B.noc". It features a search interface with fields for "characters before" (set to 5) and "characters after" (set to 7), and checkboxes for "Match" and "Output". Below the interface is a table with four columns: "Text", "Before", "Seq.", and "After". The table lists 14 concordance entries. The 16th entry is highlighted with a dotted border. At the bottom, a "Query" field is visible on the left and "14/14" on the right.

| Text | Before | Seq. | After |
|-----------|--|-------------|--|
| 00-01.not | | O EVANGELHO | SEGUNDO JESUS CRISTO |
| 07-05.not | que, desde o principio deste | evangelho | , temos feito acerca da competência profissional do |
| 09-03.not | arquiconhecida, mas ao narrador deste | evangelho | não parece que seja a mesma coisa |
| 10-02.not | intuições, como no caso deste | evangelho | , que não estaria a ser escrito se |
| 13-05.not | em relação às essencialidades do | evangelho | que vimos explicando, esquecemo-nos de acompanhar |
| 13-05.not | apenas consignados, por exemplo, neste | evangelho | , ou em pintura, ou modernamente em foto |
| 13-05.not | as personagens mais importantes deste | evangelho | , veja-se que Jesus não sabe tudo |
| 14-02.not | basta, olhe o leitor deste | evangelho | um retrato da sua mãe, que a |
| 15-01.not | No geral dos casos deste | evangelho | tem havido coincidências avonde, e, quanto aos |
| 15-02.not | bem dispor o leitor deste | evangelho | a deixar-se entreter com alguns vulgares |
| 15-03.not | como bastantemente ao longo deste | evangelho | se viu, sem necessidade de melhor demonstração |
| 16-01.not | Jesus o evidente herói deste | evangelho | , que [240] nunca teve o propósito desconsiderado de |
| 16-03.not | debilidade, sobretudo em boca de | evangelista | , este ou outro qualquer, acreditar que corpos |
| 18-05.not | simplesmente porque não podíamos, nós, | evangelista | , estar em todo o lado . Quando, numa |

Figura 11. Concordância das formas «*evangelho*» e «*evangelista*» em OESJC.

As unidades lexicais «*evangelho*» «*evangelista*» são correlatas. Aplicando a estes dois lexemas a conceptualização de Pustejovsky apresentada na publicação *The generative lexicon* (Pustejovsky, 1991), teremos, para «*evangelho*»:

- O papel agentivo (*agentive role*) – atualizado por *evangelista*;

- O papel *télico* (*telic role*) – atualizado em *evangelho* e *leitor*,
- O papel *formal* (*formal role*) - atualizado nas propriedades formais do artefacto *estético*.

Assim, «*evangelho*» depende, na ordem *ontogenésica*, de «*evangelista*», que traz à existência o *evangelho*, que, por sua vez, tem como finalidade a leitura facultada ao leitor. Por outra parte, as propriedades formais do artefacto artístico, ao serem referidas pelo narrador, induzem a passagem do discurso ao *metadiscurso*.

Neste quadro conceptual, é oportuno analisar as duas ocorrências:

Ocorrência 16.03

A propósito do momento em que Jesus se prepara para cumprir o ritual judaico da imolação do cordeiro pascal, vivendo na companhia de Pastor, o narrador, assumindo o estatuto de «*evangelista*» (como «*outro qualquer*»), situando-se no tempo em que Jesus tinha 13 anos, através da *deixis temporal* «*aqui há uns anos*», e *espacial* «*por estes páramos*», questiona o papel que, segundo a *Bíblia Sagrada*, tiveram os astros na identificação, pelos Magos, do local de nascimento de JESUS («*Vimos a sua estrela no Oriente e vimos adorá-lo* (o Menino JESUS, Mt 2,2):

Apesar do que de mau lhe tem sucedido , **apeteceria dizer** que a este rapaz uma boa estrela o cuida e defende , se não fosse suspeitosíssima debilidade , **sobretudo em boca de evangelista** , **este ou outro qualquer** , acreditar que corpos celestes tão afastados do nosso planeta possam produzir efeitos decisivos na existência de um ser humano , por muito que a esses astros tenham invocado , estudado e relacionado os solenes magos que , se é verdade o que se diz , teriam andado por estes páramos aqui há uns anos , sem mais consequência que ver o que viram e ir à vida . XVI Page: 245 e (1e occ.)

Ocorrência 18.05

«*evangelista*» ocorre na sequência diegética do regresso de Jesus à casa de Maria de Magdala. No encontro das duas personagens, o narrador explica:

[...] a história de Jesus que já conhecemos foi ali narrada , incluindo , até , certos pormenores que então não achámos que merecessem a pena , e muitos e muitos pensamentos que deixámos escapar , não porque Jesus no - los disfarçasse , mas simplesmente **porque não podíamos** , **nós , evangelista** , **estar em todo o lado** . XVIII Page: 308 f (2e occ.)

Neste extrato, o narrador justifica a restrição do conteúdo da sua narrativa, argumentando com os limites *convenientes* do “campo de visão”, colocando, no mesmo nível, os planos discursivo e metadiscursivo, estratégia a que frequentemente recorre.

A unidade lexical «*evangelho*»

Ocorrência 07.05

Como atrás referimos, a personagem José foi objeto de um trabalho de caracterização que resultou num cumulativo elenco de comentários desfiguradores da sua face (e, indiretamente, da face do leitor virtual que venera a entidade JOSÉ, consagrada nos textos bíblicos). Como é prática do escrevente o recurso à ironia, nunca poderemos concluir se o extrato que se segue deve ser interpretado como discurso atenuador do ataque à face da personagem ou se, pelo contrário, deve ser visto como um reforço final de depreciação, só articulável com o desfecho irrisório do percurso desta personagem: a “expulsão” da história, através da pouco verosímil e injustificada execução na cruz, como golpe final “de misericórdia”.

José passou sem dificuldade as provas de aptidão a que ligeiramente o submeteu um contramestre de carpinteiros , resultado inesperado que nos deveria fazer reflectir se não teremos andado a ser algo injustos nos comentários pejorativos que , **desde o princípio deste evangelho** , temos feito acerca da competência profissional do pai de Jesus .

VII Page: 92 c (1e occ.)

De resto, logo no capítulo III, Saramago, atualizando o seu estatuto demiúrgico de onisciência e onipotência, informa o leitor que a José destinará uma vida breve: «[...] *nunca na sua breve vida será capaz de produzir parábola que se recorde [...]*» (OESJC, 2000, p . 29).

Como, nos textos bíblicos, o agente da anunciação natalícia é o ANJO GABRIEL, enviado por DEUS (Lc 1,26-35), como referido em páginas anteriores, e em Saramago este papel é atribuído a um anjo (disfarçado de *mendigo*) que traz vestígios aparentes do inferno (a terra “incandescente”), o “*evangelista*”, discriminando o universo dos leitores virtuais, previne-se em relação às vozes daqueles que venham a protestar, acautelando:

Não faltará já por aí quem esteja protestando que semelhantes miudezas exegéticas em nada contribuem para a inteligência de uma história afinal arquiconhecida , **mas ao narrador deste evangelho não parece que seja a mesma coisa** , tanto no que toca ao passado como no que ao futuro há - de tocar , ser - se anunciado por um anjo do céu ou por um anjo do inferno , as diferenças não são apenas de forma , são de essência , substância e conteúdo , é verdade que quem fez uns anjos fez os outros , mas depois emendou a mão .

IX Page: 127 a (1e occ.)

Contudo, na ficção paradoxal de Saramago, acaba por parecer «*a mesma coisa*», uma vez que a representação do *Bem* e do *Mal* pelas personagens subverte as expectativas do leitor baseadas nas narrativas bíblicas, na «*história arquiconhecida*» (cf. OESJC, 2000, p. 127).

6.1.2. Nós – Plural de modéstia ou de majestade?

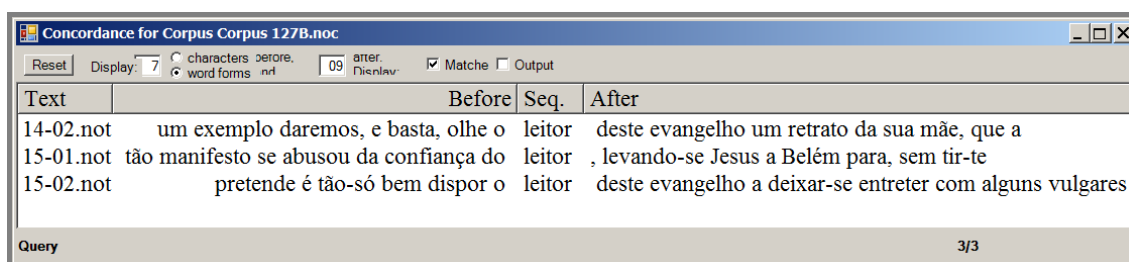
O narrador referencia-se preferencialmente através dos morfemas verbais da 1.^a pessoa do plural, com ou sem a presença do deítico pronominal «nós». Em muitas ocorrências, este pronome pessoal toma como instância única o narrador, demarcando-o claramente do narratário, pelos poderes ilimitados que o mesmo se atribui, a onisciência e a onipotência – poderes *transcendentes* que, no universo ficcional, são permitidos e exercidos, tendo como únicos limites os sugeridos pelas «*regras de bem contar contos*», que o narrador tenha decidido estabelecer, dependendo do grau de *ciência* que decidiu adotar. Parece tratar-se, por isso, do plural majestático:

O caso mais extremo seria o de uma pessoa que , sem fortes e objectivas razões de queixa quanto à sua saúde e bem - estar , suspirasse melancolicamente , *Atrás de tempo , tempo vem* , só por ser de natureza pessimista e atreita a prever o pior . Não seria de todo crível que Jesus , na sua idade , andasse com estas palavras na boca , qualquer que fosse o sentido em que as usasse , **mas nós , sim** , que , **como Deus , tudo sabemos do tempo que foi , é e há - de ser** , nós podemos pronuncia - las , murmurá - las ou suspirá - las enquanto o vamos vendo entregue à sua faina de pastor [...] XVI Page: 239 d (1e occ.)

6.2. Referência ao narratário

6.2.1. A forma «leitor»

A designação «leitor» ocorre apenas três vezes, em todo o *corpus*, inventariadas na concordância da figura 12.



| Text | Before | Seq. | After |
|-----------|---|--------|--|
| 14-02.not | um exemplo daremos, e basta, olhe o | leitor | deste evangelho um retrato da sua mãe, que a |
| 15-01.not | tão manifesto se abusou da confiança do | leitor | , levando-se Jesus a Belém para, sem tir-te |
| 15-02.not | pretende é tão-só bem dispor o | leitor | deste evangelho a deixar-se entreter com alguns vulgares |

Query 3/3

Figura 12. Concordância da forma «leitor» em OESJC.

Na primeira ocorrência, a propósito de Jesus estar a sair do templo pela porta por onde «transportado na barriga da mãe, tinha saído treze anos antes, já prestes a vir ao mundo» (OESJC, 2000, p. 213), Saramago interage com o narratário, em *discurso diretivo*:

Não se suponha, porém, que Jesus pensa este pensamento, é por de mais conhecido que as evidências da obviedade cortam as asas ao pássaro inquieto da imaginação, um exemplo daremos, e basta, olhe o leitor deste evangelho um retrato da sua mãe, que a represente grávida dele, e diga - nos se é capaz de se imaginar ali dentro. XIV Page: 214 a (1e occ.)

Não poderemos saber, se se trata de uma espécie de confronto com o leitor, já que, em contexto anterior, estes juízos de valor parecem remeter para preconceitos judaicos atribuídos à personagem José, embora não seja possível resolver a ambiguidade da própria voz do discurso:

Agora com o coração mais desanuviado de preocupações, [José] pensou que estaria bem perguntar a Maria como ia ela de dores, porém não pronunciou a palavra, lembremo - nos de que tudo isto é sujo e impuro, desde a fecundação ao nascimento, aquele terrífico sexo da mulher, vórtice e abismo, sede de todos os males do mundo, o interior labiríntico, o sangue e as humidades, os corrimentos, o rebentar das águas, as repugnantes secundinas, meu Deus, por que quiseste que os teus filhos dilectos, os homens, nascessem da imundície, quando bem melhor fora, para ti e para nós, que os tivesses feito de luz e transparência, ontem, hoje e

amanhã , o primeiro , o do meio e o último , e assim igual para todos , sem diferença entre nobres e plebeus , entre reis e carpinteiros , apenas **colocarias um sinal assustador** naqueles que , crescendo , estivessem destinados a tornar - se , sem remédio , imundos . VI Page: 78
b (1e occ.)

Embora assumidas pela voz do narrador, estas asserções, relevam, aparentemente, de uma abordagem irónica *ab absurdo*. São, introduzidas pela forma verbal «*lembro-nos*», que introduz um ato diretivo, deixando ao leitor uma indeterminação aparentemente insolúvel. O sistema de pontuação adotado facilita a sobreposição e confusão de pontos de vista, não existindo qualquer critério que permita *resolver*, sem ambiguidade, a ironia que parece existir, no contexto da depreciação dos preconceitos do povo judeu e da cerimónia da purificação de Maria.

A segunda ocorrência da forma «*leitor*» surge a propósito da verosimilhança e das «*regras de bem contar contos*». A passagem das considerações metadiscursivas ao discurso narrativo é uma forma de Saramago assegurar, permanentemente, o efeito de surpresa.

Dizem os entendidos nas regras de bem contar contos que os encontros decisivos , tal como sucede na vida , deverão vir entremeados e entrecruzar - se com mil outros de pouca ou nula importância , a fim de que o herói da história não se veja transformado em um ser de excepção a quem tudo poderá acontecer na vida , salvo vulgaridades . E também dizem que é esse o processo narrativo que melhor serve o sempre desejado efeito de verosimilhança , pois se o episódio imaginado e descrito não é nem poderá tornar - se nunca em facto , em dado da realidade , e nela tomar lugar , ao menos que seja capaz de o parecer , não como no relato presente , em que de modo tão manifesto **se abusou da confiança do leitor** , **levando - se Jesus a Belém** para , sem tir - te nem guar - te , dar de caras , mal chegou , com a mulher que esteve de aparadeira no seu nascimento [...] XV Page: 222 c (1e occ.)

A terceira ocorrência decorre do ato compromissivo do narrador, e da sua onipotência demiúrgica, em relação à diegese e à participação das personagens na mesma.

Daqui a quatro anos Jesus encontrará Deus . Ao fazer esta inesperada revelação , quiçá prematura à luz das regras do bem narrar antes mencionadas , o que se pretende é tão - só bem dispor o leitor deste evangelho a deixar - se entreter com alguns vulgares episódios de vida pastoril , embora estes , adianta - se desde já para que tenha desculpa quem for tentado a passar à frente , nada de substancial venham trazer ao principal da matéria . XV Page: 228 d (1e occ.)

6.2.2. «Vocês»

| Text | Before | Seq. | After |
|-----------|---|-------|--|
| 06-03.not | Maria a testemunhar as outras mulheres, | Vocês | viram algum homem, vinha algum homem no grupo das mulheres |
| 11-05.not | ele manda-te em paz, [163] E | vocês | , Os romanos têm-nos crucificado a todos, quando nos apanham |
| 16-03.not | -o para o sacrifício, já que | vocês | são dados a esses usos e costumes, mas isto disse |
| 18-05.not | Maria de Magdala, aquela gaja, Deixem | vocês | passar uns dias e ainda o vamos ver sentado à |
| 21-03.not | Perguntou Jesus, E para onde querem | vocês | ir . Ora, ali próximo do monte andava a pastar uma |

Figura 13. Concordância da forma «vocês» em OESJC.

Trabalho , Jesus não teve , mas teve o que deveria ter esperado , risos , chufas e insultos , realmente o caso não era para menos , um homem , pouco mais do que adolescente na idade , a viver com a Maria de Magdala , aquela gaja , Deixem vocês passar uns dias e ainda o vamos ver sentado à porta de casa , à espera que saia o cliente .

XVIII Page: 310 c (1e occ.)

Note-se que a referência através do *pronome de tratamento* «vocês» implica um registo de língua informal (para mulheres do mesmo nível social (1.^a linha da concordância) ou desconsideração: dos soldados (2.^a linha), dos judeus, em geral (3.^a linha) e dos demónios expulsos por Jesus (5.^a linha).

Na 4.^a linha, «*deixem vocês [...]*», o uso do *pronome de tratamento* pode servir para induzir uma situação informal de comunicação com o narratário, uma aproximação dos interactantes, nos planos *proxémico* e *taxémico*.

6.2.3. «Amados irmãos»

Esta fórmula de tratamento apresenta uma única ocorrência no *corpus* de Saramago (as expressões que num *corpus* têm a frequência 1, denominam-se «*hapax*», cf. Brunet, 2002).

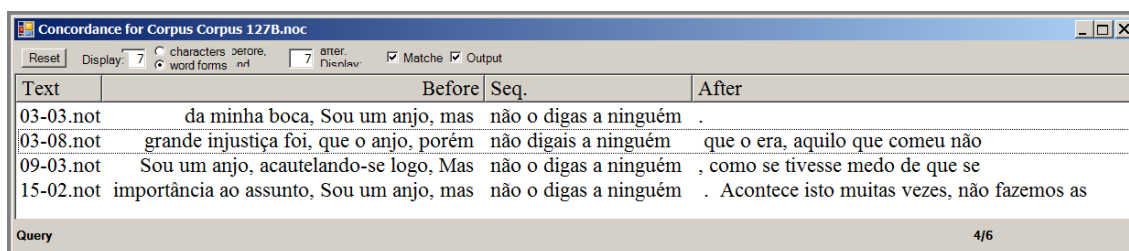
[...] **amados irmãos** , o mal é como a famosa e nunca vista ave Fénix que , parecendo morrer na fogueira , de um ovo que as suas próprias cinzas criaram volta a renascer .

XXI Page: 352 c (1e occ.)

6.2.4. A segunda pessoa do plural

No nosso *corpus*, os recursos deícticos pessoais de referência ao narratário, raramente são atualizados através do uso dos morfemas verbais de 2.^a pessoa do plural (“vós”) e, quando o são, ocorrem em contextos muito específicos, nunca em atos diretivos. No contexto que se segue, trata-se de potenciar um efeito humorístico, no “jogo de espelhos” que Saramago frequentemente utiliza, com base na reiteração das mesmas formas ou enunciados (seus ou alheios).

Como evidencia a concordância da figura 14, o mesmo enunciado é reiterativamente retomado em diferentes capítulos da obra, em discurso direto.



The screenshot shows a window titled "Concordance for Corpus Corpus 127B.noc". It has a search bar with "7" and "characters before" and "7" "after" options. There are checkboxes for "Matche" and "Output". Below is a table with columns "Text", "Before", "Seq.", and "After".

| Text | Before | Seq. | After |
|-----------|--|-----------------------|--|
| 03-03.not | da minha boca, Sou um anjo, mas | não o digas a ninguém | . |
| 03-08.not | grande injustiça foi, que o anjo, porém | não digais a ninguém | que o era, aquilo que comeu não |
| 09-03.not | Sou um anjo, acautelando-se logo, Mas | não o digas a ninguém | , como se tivesse medo de que se |
| 15-02.not | importância ao assunto, Sou um anjo, mas | não o digas a ninguém | . Acontece isto muitas vezes, não fazemos as |

Query 4/6

Figura 14. Concordância da frase «não (o) <dizer>²³ a ninguém» em OESJC.

A 1.^a ocorrência (03.03), surge no contexto da pergunta de Maria ao Mendigo, que acabava de lhe anunciar que estava grávida: «*E tu quem és, para não teres precisado de ouvi-lo da minha boca, Sou um anjo, mas não o digas a ninguém*» (OESJC, 2000, p. 32).

A 2.^a ocorrência (03.08) regista-se no contexto da cardinalidade da presença do Mendigo em casa de José, que suscitou nos vizinhos o receio de se tratar de um «*ladrão de casas*», o que justifica a explicação do narrador, desta vez, dirigindo-se, humoristicamente (ou ironicamente?) ao narratário:

E, tendo de imaginar alguma coisa para alimento da curiosidade insatisfeita, vieram a fazer do mendigo, que nunca chegaram a ver, um ladrão de casas, grande injustiça foi, que o anjo, porém **não digais a ninguém** que o era, aquilo que comeu não roubou, e ainda deixou penhor sobrenatural. III Page: 40 b (1e occ.)

²³ «Forma gráfica escolhida convencionalmente como vedeta de um dicionário ou de um léxico» Xavier, M. F. e Mateus, M. H. (Orgs.) (1992). No dicionário do sistema NOOJ, o lema «dizer» é representado como <dizer>. A pesquisa através do lema, aciona o *flexionador automático* do dicionário-máquina (*machine readable*), executando a pesquisa de todas as formas flexionadas e não apenas da sequência (*string*) «dizer».

A 3.^a ocorrência (09.03), traduzindo o mais dramático impacto da cardinalidade referida, afeta José que, depois de ouvir a esposa a falar com um estranho e de presenciar o fenómeno “diabolicamente suspeito” da terra “incandescente” ficou ferido de desconfiança em tal grau de inquietude que o levou a mobilizar os sacerdotes da sinagoga para a realização de um interrogatório a Maria:

Se Maria falasse , se Maria não fosse esta arca fechada , [...] outro galo cantaria a José , [que ficara desconfiado; mas em vez de ter dito], Sou um anjo do Senhor , ou , Venho em nome do Senhor , apenas informou , **Sou um anjo** , acautelando - se logo , **Mas não o digas a ninguém** , como se tivesse medo de que se soubesse . IX Page: 126 f (2e occ.)

A 4.^a ocorrência (12.02) merece uma menção especial, por exemplificar um artifício que Saramago frequentemente utiliza e que merece ser aqui destacado: a narração de factos hipotéticos e irreais (em sintaxe condicional, atualizada pelo imperfeito do conjuntivo), que não corresponde, por conseguinte, a qualquer parte da diegese. Com efeito no “interrogatório” que Jesus dirige a Pastor, para saber a sua verdadeira identidade – já que não era um ser humano – não ocorre a pergunta de Jesus nem a resposta subsequente de Pastor.

Ora , se Jesus , que tão bem encaminhado vinha na ordem e sequência do interrogatório , como se na cartilha socrática tivesse aprendido as artes da maiêutica analítica , se Jesus perguntasse , Que és então , já que homem não és , era muito provável que Pastor condescendesse em responder - lhe com um ar de quem não quer dar extrema importância ao assunto , **Sou um anjo** , **mas não o digas a ninguém** . XV Page: 231 b (3e occ.)

6.2.5. A 2.^a pessoa do plural induzida pela expressão «*Em verdade em verdade vos digo*»

Como pode inferir-se da concordância da figura 15, o recurso à expressão «(*Em verdade,*) *em verdade (vos | te) digo*», poderia sugerir ao leitor, num primeiro momento, que o mesmo iria confrontar-se com atos discursivos próprios de um enunciador com estatuto elevado, no plano taxémico, ao nível, não do evangelista mas o do próprio JESUS CRISTO, substituindo-se-lhe, e ditando asserções/premonições de valor de verdade inquestionável: com a força ilocutória própria da palavra de DEUS.

| Text | Before | Seq. | After |
|--------|----------------------------------|---------------------------------|--|
| MT.not | cobrador de impostos. | Em verdade vos digo | : Tudo o que ligardes na Terra |
| MT.not | então, aos discípulos: « | Em verdade vos digo | que dificilmente um rico entrará no |
| MT.not | Jesus respondeu-lhes: « | Em verdade vos digo | : No dia da regeneração de todas |
| MT.not | subitamente?» Jesus respondeu: « | Em verdade vos digo | : Se tiverdes fé e não duvidardes |
| MT.not | Jesus disse-lhes: « | Em verdade vos digo | : Os cobradores de impostos e as |
| MT.not | e o altar. | Em verdade vos digo | : Tudo isto cairá sobre esta geração |
| MT.not | «Vedes tudo isto? | Em verdade vos digo | que não ficará aqui pedra sobre |
| MT.not | próximo, à porta. | Em verdade vos digo | : Esta geração não passará sem que |
| MT.not | encontrar assim ocupado. | Em verdade vos digo | : Há-de confiar-lhe todos os |
| MT.not | Mas ele respondeu: ‘ | Em verdade vos digo | : Não vos conheço.’ Vigiai, pois, porque |
| MT.not | -lhes, em resposta: ‘ | Em verdade vos digo | : Sempre que fizestes isto a um |
| MT.not | Ele responderá, então: ‘ | Em verdade vos digo | : Sempre que deixastes de fazer isto |
| MT.not | a minha sepultura. | Em verdade vos digo | : Em qualquer parte do mundo onde |
| MT.not | Enquanto comiam, disse: « | Em verdade vos digo | : Um de vós me há-de |
| MT.not | Jesus retorquiu-lhe: « | Em verdade te digo | : Esta mesma noite, antes de o |
| SA.not | que se note . | Em verdade, em verdade vos digo | , não há limites para a malícia |
| SA.not | descansar a cabeça . | Em verdade, em verdade vos digo | que muitas coisas neste mundo poderiam |
| SA.not | ao acto poético, | em verdade, em verdade te digo | , querido Jesus, assim não se pode |
| SA.not | como estas eram, | Em verdade vos digo | que alguns dos que estão aqui |

Figura 15. Concordância da expressão (*local grammar*) «(Em verdade,) em verdade (vos | te) digo» nos textos bíblicos e em OESJC.

Porém, quando passamos dos textos bíblicos para o discurso de Saramago, a expressão fixa referida é objeto de *paródia*, i. e., é submetida a um «*processo de imitação textual com intenção de produzir um efeito de cómico*» (Ceia, 2010).

Assim, a primeira asserção de Saramago parece poder evocar uma verdade universal, expressa em discurso abstrato, sobre a malícia das mulheres inocentes (como Maria):

Em verdade , em verdade vos digo , não há limites para a malícia das mulheres , sobretudo as mais inocentes . III Page: 39 b (1e occ.)

A segunda asserção relaciona-se com os benefícios do diálogo entre marido e mulher:

José dormia , com um sorriso resignado nos lábios , mas triste era como se sentiria se ouvisse Maria dizer - lhe , Que o não queira o Senhor , que de ciência certa sei eu que esse homem não tem onde descansar a cabeça . **Em verdade , em verdade vos digo** que muitas coisas neste mundo poderiam saber - se antes de acontecerem outras que delas são fruto , se , um com o outro , fosse costume falarem marido e mulher como marido e mulher .

VI Page: 71 g (1e occ.)

O recurso à fórmula utilizada por JESUS CRISTO, poderia induzir o leitor a inferir que Saramago pretende pôr em foco a validade e veracidade das suas palavras, como se de um profeta se tratasse. Todavia, uma vez mais, as possíveis expectativas do leitor não encontram solução.

Com efeito, as duas próximas ocorrências daquela expressão fixa, anulam-lhe toda a força ilocucional. A primeira é colocada na voz de Jesus, quando este anuncia a chegada do «Reino de Deus»: [...] *o Senhor punha na boca de Jesus certas prometedoras e terríveis palavras, como estas eram, Em verdade vos digo que alguns dos que estão aqui presentes não experimentarão a morte sem ter visto chegar o reino de Deus com todo o seu poder [...]*», (OESJC, 2000, p. 403). Partindo do princípio de que a profecia não se cumpriu, e usando a ironia, o narrador desvaloriza completamente a força ilocutória da expressão.

A última ocorrência da expressão supracitada é colocada na voz da personagem Maria de Magdala, sendo completamente desativados os pressupostos que a intertextualidade poderia conferir à força ilocutória dos atos introduzidos por «*Em verdade em verdade vos digo*», colocando as palavras da personagem principal e as do narrador ao mesmo nível ilocutório das de Maria de Magdala: «*assim não se pode conversar*».

Mais de uma vez , Maria de Magdala quis voltar àquela curiosidade de saber da vida do amado , mas Jesus mudava de conversa , respondia , por exemplo , Entro no meu jardim , minha irmã , minha esposa , colho a minha mirra e o meu bálsamo , como o favo com o meu mel e bebo o meu vinho com o meu leite , e , tendo - o dito tão apaixonadamente , logo passava da recitação do versículo ao acto poético , **em verdade , em verdade te digo , querido Jesus** , assim não se pode conversar . XVII Page:286 c (1e occ.)

7. O DESNÍVEL TAXÉMICO NARRADOR - NARRATÁRIO

7.1. A teologia (ou mitologia?) do narrador

O narrador, para além de se afirmar «*como Deus*» está acima de DEUS: dá lições sobre a natureza da vida humana, sobre o destino, sobre a existência de DEUS e cria uma personagem homónima cheia de limitações, instituindo *Pastor* como a instância do BEM e Deus a *origem* do MAL. Em suma, parece ultrapassar os grandes mistérios com que a humanidade se debate desde a sua génese e pode sugerir uma síntese do pensamento dos maiores teólogos, filósofos e cientistas de todos os tempos, questionando “*ex cathedra*” todo o conhecimento acumulado. E como os segredos da vida e do universo estão longe de ser desvendados, o seu discurso socorre-se de todos os artifícios linguísticos e argumentativos e contra-argumentativos, da ironia e da paródia e da contradição lógica e, por fim da indeterminação e ambiguidade, consumando-se o seu discurso num espetáculo caleidoscópico de diversão linguística e, em particular, logico-semântica, fazendo ressoar, nas palavras, múltiplas associações semânticas, denotativas e conotativas, incluindo as ressonâncias das profundezas, já esquecidas, da sua origem e evolução.

Os textos religiosos contêm, em geral, elementos míticos. Mas a história das ciências e das revoluções científicas, mostram que mesmo as melhores teorias científicas não passam, em certa medida, de construções imaginárias: numa dada época constituem paradigmas; mas, em épocas seguintes, não passam de idealizações ultrapassadas e, por isso, inadequadas, como põe em evidência a reflexão atual em filosofia e epistemologia das ciências, que figura em obras como *The Structure of Scientific Revolutions* (Kuhn, 1962), *La logique de la découverte scientifique* (Popper, 1985) e *Contre la méthode* (Feyerabend, 1979).

A precariedade dos constructos científicos está bem documentada; Feyerabend (1979) refere que a ciência moderna não é tão perfeita como pretende e as leis científicas não são *nem rigorosas nem definitivas* (cf. 1979, p. 347), como mostram as revoluções científicas empreendidas por Copérnico e Einstein, por exemplo. Tal não retira o mérito nem torna irrisórios os paradigmas científicos ultrapassados.

Não cabe no âmbito deste estudo uma análise, ainda que sumária, do conteúdo doutrinário da diegese de Saramago. Limitamo-nos, neste ponto do nosso trabalho, a

apontar apenas um dos múltiplos exemplos que parecem *indiciar* que, em *OESJC*, tudo o que se pretende é a ambiguidade e a indeterminação, que resultam da *paródia* sobre temas centrais dos escritos bíblicos, como os atributos de Deus, no caso presente, o dom supremo da *ubiquidade*.

Deus , que **está em toda a parte** , estava ali , mas , sendo aquilo que é , um puro espírito , não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro [...], , e , **provavelmente** , **já nem lá se encontraria** quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria , [...], **Tendo pois saído para o pátio, Deus não pôde ouvir** o som agónico [...] , que saiu da boca do varão no instante da crise [...]. II Page: 27 a (1e occ.)

O processamento lógico, em relação a este extrato, depende, em primeiro lugar, da interpretação semântica operacionável através da conversão de enunciados linguísticos em *proposições semânticas*. Extraíndo, as três *proposições semânticas* relacionadas com a propriedade da *ubiquidade* de Deus, podemos traduzi-las nas seguintes *expressões* (linguísticas):

Deus (personagem) está em toda a parte,
Deus, provavelmente, já nem lá se encontraria,
Deus tinha saído para o pátio.

Contudo, verificamos que a segunda proposição não é traduzível em *lógica de primeira ordem* ou *lógica de predicados*. Com efeito, a referida proposição está submetida a uma operação de *modalização*, *i. e.*, a *modalidade* introduzida pelo pelos operadores de *modalização epistémica*, o advérbio «*provavelmente*» e o condicional («*encontraria*»)²⁴. Assim, esta asserção não é compatível com um tratamento lógico (*cálculo de predicados*) *vericondicional*, *já que* contém um grau de incerteza *indeterminável*, apenas *probabilístico*. A análise lógica é, contudo viável, uma vez que o localizador temporal «*já*» ativa a *proposição pressuposta* «*Deus esteve lá*». Ora, esta proposição não contraria o dom da *ubiquidade*, atribuído a Deus, na primeira das três proposições.

Ao contrário, a última proposição é contraditória, logicamente incompatível com a primeira: Se Deus está em toda a parte, não pode ter saído da casa de José.

²⁴ A inclusão do *condicional* na categoria modo (verbal) ou tempo suscita adoção de pontos de vista diferentes, cf. Lindley e Cintra (1999, p. 379), Mateus *et al.*, (1983, p. 148), Oliveira, (2003, p. 245ss).

A dificuldade de interpretação surge do facto de verificarmos que a palavra *Deus*, ao longo do discurso de Saramago, não é monorreferencial: ora se refere à personagem Deus, ora à PROVIDÊNCIA.

Se o nome próprio «*Deus*» não for monorreferencialmente instanciado, e se a referência não for comum a todas as proposições, não é possível o processamento lógico das mesmas proposições, uma vez que em “ubíquo (X)”, a variável X pode ser instanciada com valores diferentes, logo, o cálculo de predicados não conduz necessariamente nem à confirmação nem à negação (lógicas) da ubiquidade de Deus.

Deste modo, as proposições referidas podem ter *valores de verdade* (Verdadeiro ou Falso), infringindo o princípio lógico da *não contradição*, o qual estabelece que uma dada proposição, no caso, “ubíquo(X)”, não pode assumir, ao *mesmo tempo*, e sob o *mesmo aspeto*, dois valores de verdade contraditórios: V(erdadeiro) e F(also).

A estrutura labiríntica deste enunciado pode ainda tornar-se mais complexa e assumir maior grau de indeterminação, se «*Deus está em toda a parte*» é uma asserção *mencionada*, atribuída, por exemplo, à religião judaica ou se é um *enunciado assertivo* do narrador (e, nesta segunda hipótese, se (e somente se) esse enunciado não cair no escopo da *ironia*, recurso estilístico tão frequente em Saramago). Porém, no nosso *corpus* as marcas que distinguem *menção* e *uso*²⁵ (“” “” ou “« »”) foram rejeitadas. Por isso, a indeterminação semântica e, subsequentemente, lógica, instala-se em definitivo, deixando o leitor num espaço semântico completamente obscuro e nebuloso.

7.2. A erudição do narrador

A pretexto da condensação cronológica própria pela técnica do *sumário* ou *resumo*, o narrador, explica uma parte significativa do calendário judaico, representado na figura 16 (baseando-se, certamente, no pressuposto de que aquele calendário é desconhecido pela maior parte do universo dos leitores virtuais).

O tempo foi passando , um lento mês seguindo - se a outro , o de **Elul** , ardente como uma fornalha , com o vento dos desertos do sul varrendo e queimando os ares , época em que as tâmaras e os figos se tornam em pingos de mel , o de **Tishri** , quando as primeiras chuvas do

²⁵ Sobre os conceitos de «*menção*» e «*uso*», cf. Lyons (1977, pp. 14-17).

outono amaciam a terra e chamam os arados à lavra para as sementeiras , e foi no mês seguinte , o de **Marhesvan** , tempo da apanha da azeitona , que finalmente , arrefecendo já os dias , José se resolveu a carpintear um rústico catre , que para cama digna desse nome já sabemos que não lhe chega a ciência , onde Maria , depois de esperar tanto , pôde descansar o pesado e incômodo ventre . Nos últimos dias do mês de **Quislau** e quase todo o mês de **Tavet** caíram as grandes chuvas , por isso teve José de interromper o trabalho no pátio , apenas aproveitava as breves abertas em se tratando de peças de grande tamanho , o mais comum era estar dentro de casa , a jeito de receber a claridade que vinha da porta , e aí raspava e alisava os jugos que deixara em tosco , cobrindo o chão à sua volta de aparas e serradura que Maria depois vinha varrer e lançar ao pátio .

No mês de **Shevat** floriram as amendoeiras , e entrara - se já no mês de **Adar** , depois das festas do **Purim** , quando apareceram em Nazaré uns soldados romanos , [...] fazendo saber às populações que , por ordem de César Augusto , todas as famílias que tivessem o seu domicílio nas províncias governadas pelo cônsul Públio Sulpício Quirino estavam obrigadas a recensear - se e que o recenseamento , destinado , como outros , a pôr em dia o cadastro dos contribuintes de Roma , teria de ser feito , sem excepção , nos lugares donde essas famílias fossem originárias . IV Page: 44 d (1e occ.)

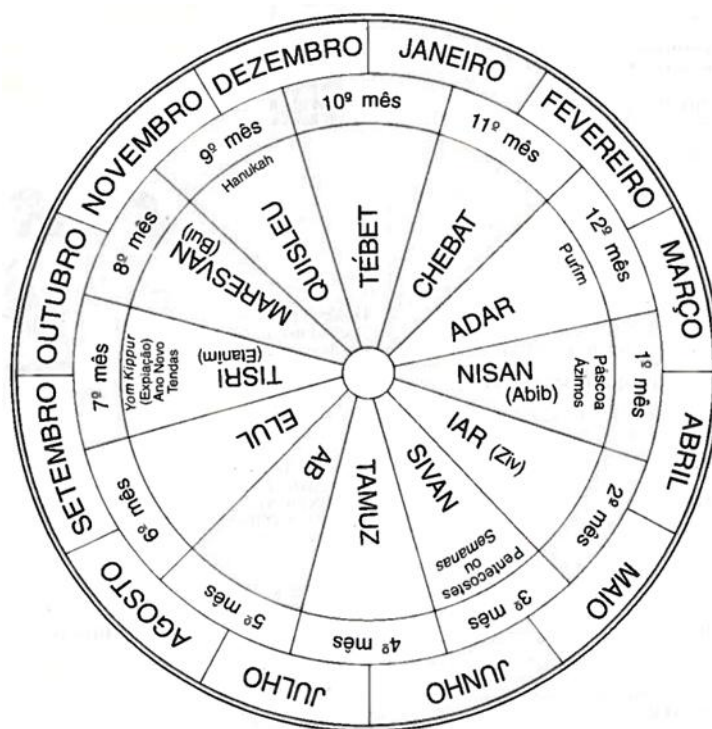


Figura 16. Calendário judaico (*Bíblia Sagrada*, 2006, p. 2117; reprodução autorizada pela editora Difusora Bíblica).

7.3. Efeitos potenciados pelo estatuto actancial de verbos como «*explicar*»

No nosso *corpus*, registamos verbos *dicendi*, como *explicar* (cf. fragmento de concordância da figura 17), que instituem um *diferencial cognitivo* entre a instância que explica e a instância alocutória, à qual se destina essa explicação²⁶. Os dois planos desse diferencial são os planos em que se situam os opostos recíprocos ou conversos, como *docendi* ~ *discendi*; *docente* ~ *discente*; *explicador* ~ *explicando*.²⁷

| Text | Before | Seq. | After |
|-----------|--|------------|---|
| 05-05.not | recenseamento e Páscoa, consoante foi já | explicado | . |
| 12-07.not | de fome, que não saberíamos, nós, | explicar | . Na cabeça de Maria surgiu depois outra |
| 13-05.not | às essencialidades do Evangelho que vimos | explicando | , esquecemo-nos de acompanhar, como seria nosso |
| 16-02.not | conservou uma inocência . Isto nos ocorreu | explicar | agora, aproveitando o a-propósito, para que |
| 16-05.not | correr, tanto tempo isto leva a | explicar | que parece que não queremos que estes |
| 17-02.not | ora, a oportunidade é boa para | explicar | que não foi neste mar de Genesaré |

Query

Figura 17. Fragmento de concordância do verbo «*explicar*» e (do nome «*explicação*»).

O verbo «*explicar*» um *predicador de três lugares (de valência 3)* envolve uma *estrutura actancial*²⁸ que pode ser representada como *X explica Y a Z*, sendo as três

²⁶ O verbo «*explicar*» tem várias entradas diferentes quer do ponto de vista sintático, quer do ponto de vista semântico e pragmático. Por exemplo, *explicar-se* pode significar ocupar uma posição taxémica inferior, uma vez que há a obrigação de justificar algo que de alguma forma constituiu uma infração por omissão ou por ação, e.g., «*deves-me uma explicação*».

O predicador de que nos ocupamos é o que figura na entrada 4 do *Dicionário sintático de verbos Portugueses*: «Np – V – (a N) – Int – O professor explicou (aos alunos) como se deve organizar um trabalho de pesquisa.» (Busse, 1994) e na entrada 2 do *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*: «(Do lat. *explicare* 'desdobrar') 2. Caracterizar os detalhes, os pormenores, as especificidades..., de uma matéria, questão com a finalidade de tornar inteligível, passível de entendimento, compreensão... Explicar a matéria. Explicar a situação.» (Casteleiro, 2001).

²⁷ Sobre a classificação das relações semânticas de *contraste* ou *oposição* ("antónimos", em sentido lato) cf. propostas de Lyons (1977, pp. 219-227) e Vilela (1994, pp. 31-32) e Cruse (2004, pp.167-168).

²⁸ Sobre a importância da sintaxe *local* ou *idiossincrática* dos predicadores verbais, cf. os dicionários produzidos pelas equipas de Picoche e Rolland, (2002); Mel'čuk e Polguère, (2007).

variáveis instanciadas, no nosso *corpus*, respetivamente, pela entidade narradora, pelo objeto da explicação (e. g., *este evangelho*) e pelo narratário, este último, subentendido, *i. e.*, não realizado linguisticamente. O nome deverbal «*explicação*», igualmente presente no *corpus*, também herda do verbo do qual constitui uma *nominalização*, os mesmos actantes: A explicação de Y, por X, a Z, podendo essa estrutura actancial atualizar-se ou não (no todo ou em parte) em discurso.

Para efeitos dos objetivos do presente capítulo do nosso estudo, e tendo em conta os limites de espaço inerentes a este trabalho, limitamo-nos a comentar a linha 17.02 da concordância acima referida, que corresponde ao seguinte extrato, contextualizado pela pesca milagrosa conseguida pelos irmãos Simão e André, graças à intervenção miraculosa de Jesus:

Disse Simão, Ajuda aqui a escolher, ora, **a oportunidade é boa para explicar** que não foi neste mar de Genesaré que nasceu a ecuménica sentença, *Tudo o que vem à rede é peixe*, aqui os critérios são diferentes , peixe será o que a rede trouxe, mas a lei é claríssima neste ponto, como em todos, Eis aquilo que podereis comer dos diversos animais aquáticos, podeis comer tudo o que, nas águas, mares ou rios, tem barbatanas e escamas [...] XVII Page: 275 c (1e occ.)

E o narrador aproveita a *boa oportunidade* para expor o que a lei judaica estipulava (cf. Lv 11,9-12) sobre os animais aquáticos que era permitido comer e surpreende o leitor com procedimentos reiterativos tão saturados que podem ser observados por módulos de deteção automática como a aplicação *KeyWords*, do *WordSmith Tools*. Se procedermos à contrastação das *TU (Text Units)* n.º 23 e 24, com o restante *corpus* de 158 elementos (parágrafos), obtemos a estatisticamente improvável lista dos *clusters* específicos e de *associações lexicais* (cf. figuras 18 e 19), cuja profusão pode fazer evocar a abundância e concentração de pescado, no barco dos dois pescadores:

De um mar que tão deserto de pescado antes parecera , [...] saíam , com **nunca vista profusão , torrentes luzidias de guelras , dorsos e barbatanas** em que a vista se confundia .
XVII Page: 274 f (2e occ.)

| N | KW Cluster | Freq. |
|----|-------------------------------|-------|
| 1 | barbatanas [.] escamas | 3 |
| 2 | tem [..] escamas | 3 |
| 3 | tudo [...] águas | 2 |
| 4 | tudo [..] nas | 2 |
| 5 | abomináveis [...] águas | 1 |
| 6 | abomináveis [...] comeis | 1 |
| 7 | abomináveis [...] continuarão | 1 |
| 8 | abomináveis [..] nas | 1 |
| 9 | abomináveis [.] vós | 1 |
| 10 | abominável [...] réprobos | 1 |
| 11 | abominável [..] peixes | 1 |
| 12 | água [...] nela | 1 |
| 13 | água [...] sufocados | 1 |
| 14 | água [..] morrerem | 1 |
| 15 | água [..] animais | 1 |
| 16 | água [.] risco | 1 |
| 17 | águas [...] barbatanas | 1 |
| 18 | águas [...] escamas | 1 |
| 19 | águas [...] tem | 1 |
| 20 | águas [..] barbatanas | 1 |

Figura 18. Saída (*output*) do módulo automático de análise em *clusters* do sistema *WordSmith Tools*.

| N | Key word | Link types | Hits | Linked KWs |
|---|------------|------------|------|--------------------------|
| 1 | tem | 4 | 3 | mares,nas,tudo,escamas |
| 2 | tudo | 4 | 4 | tem,barbatanas,nas,águas |
| 3 | barbatanas | 3 | 3 | águas,tudo,mares |
| 4 | águas | 2 | 2 | tudo,barbatanas |
| 5 | escamas | 2 | 3 | rios,tem |

Figura 19. Saída (*output*) do módulo automático de cálculo de associações (*links*) lexicais do *WordSmith Tools*.

As elevadas frequências relativas do vocabulário, a formação de grupos (*clusters*) e das associações (*links*) entre as unidades lexicais, neste segmento do *corpus* (*duas unidades de texto - UT*), constituem um fenómeno linguístico que não pode ser atribuído ao acaso. Os dados obtidos permitem formular a hipótese de existir uma

força “gravitacional” de natureza léxico-semântica e estilística que atrai estas unidades lexicais, as liga e as reúne em grupos (*clusters*) e que pode ser verificada através do recurso ao cálculo de probabilidades e a *medidas de associação* como o qui-quadrado (X^2) ou outras medidas disponibilizadas pelos sistemas como o que temos vindo a utilizar. A figura 20 mostra os valores para X^2 (*Keyness*) e a probabilidade de ocorrência (*P*) das formas em estudo, no *corpus* total (*RC Freq*) e nas *unidades de texto* (*UT*) em estudo (*Freq*).

| N | Key word | Freq | RC. Freq | Keyness | P |
|---|-------------|------|----------|---------|----------------------|
| 1 | abomináveis | 3 | 3 | 781.58 | 0.000000000000000019 |
| 2 | escamas | 3 | 3 | 781.58 | 0.000000000000000019 |
| 3 | barbatanas | 3 | 4 | 669.21 | 0.000000000000000031 |
| 4 | mares | 2 | 2 | 421.75 | 0.000000000000000137 |
| 5 | rios | 2 | 3 | 336.80 | 0.000000000000000288 |
| 6 | rede | 3 | 22 | 183.83 | 0.000000000000002378 |
| 7 | aquáticos | 1 | 1 | 93.39 | 0.000000000000038194 |
| 8 | claríssima | 1 | 1 | 93.39 | 0.000000000000038194 |
| 9 | comeis | 1 | 1 | 93.39 | 0.000000000000038194 |

Figura 20. Os valores de especificidade lexical (*Keyness*) medidos através do X^2 , calculados pelo módulo *KeyWords* do sistema *WordSmith Tools*.

Se submetermos os mesmos dados ao sistema *NOOJ*, podemos observar o mesmo fenómeno, assinalado no próprio texto (figura 21) e expresso através de valores padrão (*standard scores*, figura 22).

Serviu o extrato analisado para evidenciar a expressão de superioridade, no eixo taxémico, do narrador, enquanto instância que *sabe e explica, demonstrando* conhecer os textos do *Antigo Testamento*, no exemplo em estudo, do *Levítico*.

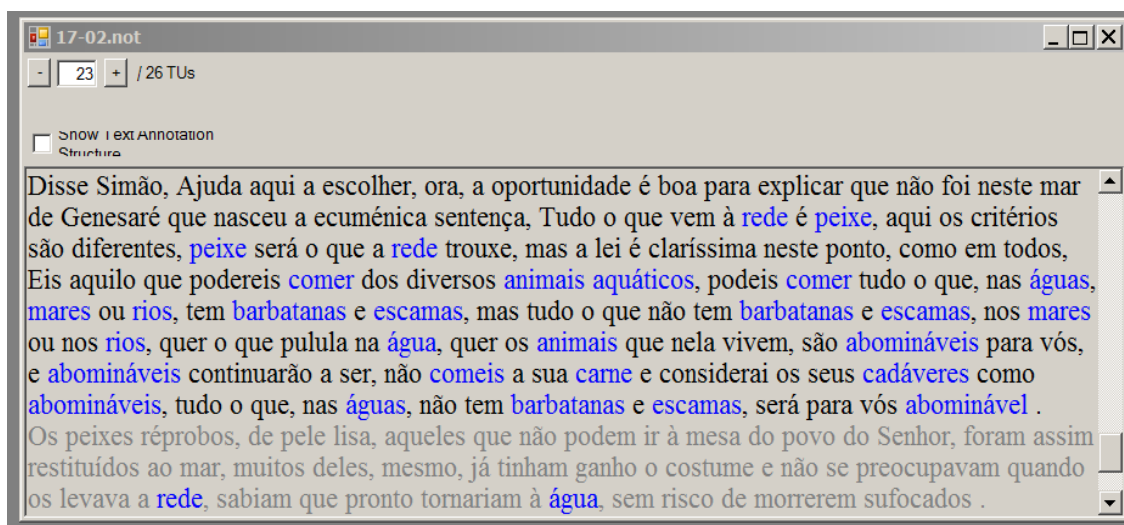


Figura 21. A concentração lexical, através de procedimentos reiterativos, muito frequentes em OESJC.

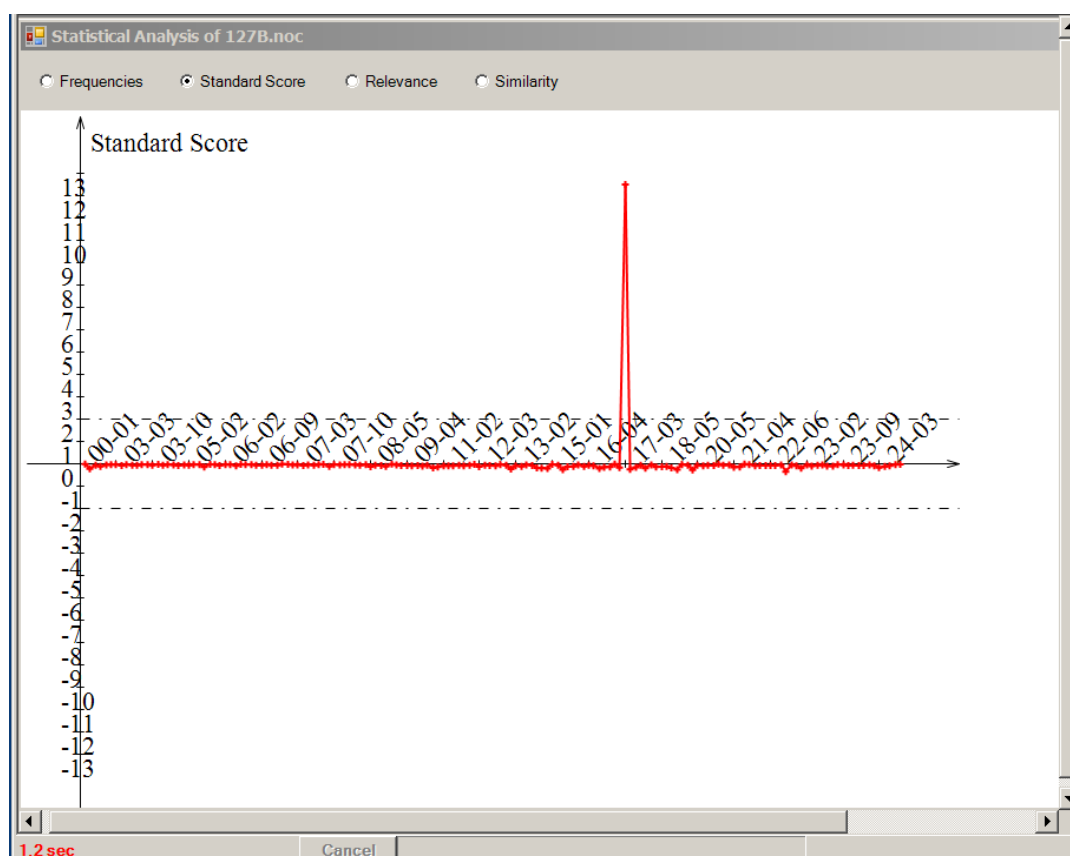


Figura 22. O valor padrão médio do desvio do conjunto de unidades lexicais associadas à pesca milagrosa, a pretexto do provérbio «tudo o que vem à rede é peixe», em contraste com a ocorrência das mesmas unidades na totalidade do corpus de 158 parágrafos (utilizado como corpus de referência) na saída (output) do módulo estatístico do sistema NOOJ.

Serviu, também, para confirmar a preferência de Saramago em apoiar a sua criatividade literária em textos pré-existentis: A ação ficcional da pesca milagrosa assenta nos «*arquiconhecidos*» relatos evangélicos da *Bíblia Sagrada*, em particular, no *Evangelho Segundo São Lucas*; a explicação recai num provérbio igualmente arquiconhecido, «*tudo o que vem à rede é peixe*»; os procedimentos estilísticos baseados na reiteração constituem uma paráfrase muito próxima da que podemos ler no *Levítico do Antigo Testamento*, que a seguir se transcreve.

⁹Entre os diversos animais aquáticos, eis os que podereis comer: podeis comer tudo o que, nas águas dos mares ou dos rios, tem barbatanas e escamas. ¹⁰ Mas tudo o que não tem barbatanas nem escamas, nos mares ou nos rios, quer os répteis, quer os animais que vivem na água, e todos os seres vivos que nela se encontram são imundos para vós, ¹¹ e imundos continuarão a ser: não comais a carne e considerai os seus cadáveres como imundície.

¹² Todo o animal aquático que não tem barbatanas nem escamas será imundo para vós.
(Lv 11, 9-12)

Contudo, estes jogos linguísticos resultantes da inusitada repetição, na mesma unidade de texto (*TU*), das mesmas unidades lexicais é muito frequente em Saramago²⁹, potenciando, virtualmente, no leitor, um efeito lúdico e de surpresa, para além de aliviar o esforço de processamento, dado que a redundância reduz, naturalmente, esse mesmo esforço.

Como acima referimos, o predicador, «*explicar*» tem uma estrutura actancial de valência 3, quer no plano estritamente sintático, pelo número de complementos que seleciona («*X explicar Y a Z*», quer no plano das *funções semânticas (papéis temáticos)* explicitáveis numa expressão mais formal, próxima da lógica de primeira ordem (*PROLOG*), em que «*explicar*» constitui um *predicado* de *aridade* 3: «*explicar(X,Y,Z)*». Se nos ativermos aos dados da concordância anteriormente referida, (figura 17), verificamos que a variável *Y* é sempre instanciada (o objeto da explicação), o valor de *X*, na maior parte das ocorrências deve ser deduzido do *cotexto verbal* (deixis pessoal presente nos morfemas verbais de número e pessoa - que fazem referência ao narrador mas a variável *Z* nunca é linguisticamente instanciada

²⁹ Disse Jesus, Não fui o único a fazer sair demonios de pessoas, Tens razão, disse Tiago, mas foste o primeiro diante de quem eles se humilharam, chamando-te filho do Deus Altíssimo, Serviu-me de muito a humilhação, no fim o humilhado fui eu, O que conta não é isso, eu estava lá e ouvi, interveio João, por que não nos disseste que és filho de Deus, Não sei se sou filho de Deus, Como é possível que o saiba o Diabo e não o saibas tu, Boa pergunta é ela, mas a resposta só eles ta saberão dar, Eles, quem, Deus, de quem o Diabo diz que sou filho, o Diabo, que só de Deus o podia ter sabido.

XXI Page: 357 e (1e occ.)

através de elementos défticos referentes ao narratário, o qual, ocupando a posição inferior, no eixo taxémico, é o destinatário das explicações).

Para terminarmos esta breve anotação, poderemos, de passagem, mostrar que através dos instrumentos de análise do discurso de que hoje dispomos, é possível detetar fenómenos nem sempre facilmente acessíveis aos métodos de observação tradicionais, sobretudo em grandes *corpora*. Como o próprio narrador reconhece, Jesus, José e Maria são «*as personagens mais importantes deste evangelho*» (OESJC, 2000, p. 205).

Com efeito, se procedermos a uma microanálise dos 158 parágrafos da obra, e observarmos as palavras que apresentam valores mais elevados de *repartição* pelos 158 parágrafos (*subcorpora*), concluímos que a personagem/entidade mais vezes invocada é exatamente Deus, como se observa na figura 23, na distribuição das frequências relativas.

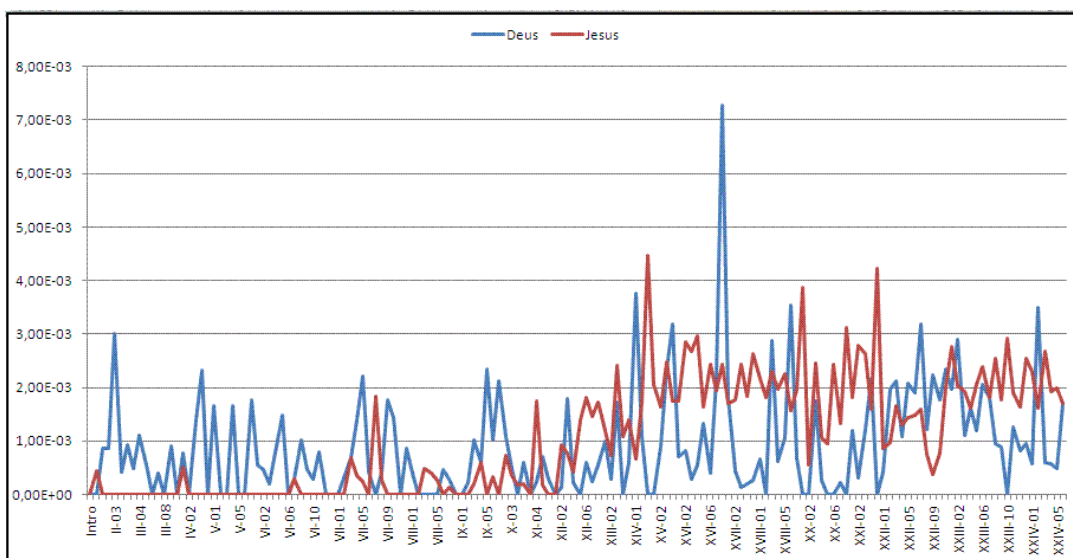


Figura 23. Distribuição das frequências relativas da forma Jesus e das formas (Deus e Senhor) pelos 158 parágrafos do *corpus*.

Esta presença constante das formas *Deus* e *Senhor* em todo o *corpus*, correlaciona-se com um discurso desfigurador da imagem de DEUS e da personagem homónima, como exemplificado no extrato que se segue, no qual também a personagem Jesus é depreciada, através do diálogo com Pastor:

Fala - me com respeito , rapaz , ou tomo o lugar do teu pai para castigar - te , aqui , não te ouviria nem Deus , Deus é olho , orelha e língua , vê tudo , ouve tudo , e só por não querer é que não diz tudo , Que sabes tu de Deus , moço , O que aprendi na sinagoga , Na sinagoga nunca ouviste dizer que Deus é um olho , uma orelha e uma língua , A conclusão foi minha , se Deus isso não fosse não seria Deus , E por que achas tu que Deus é um olho e uma orelha e não dois olhos e duas orelhas como os temos tu e eu , Para que um olho não pudesse enganar o outro olho , e uma orelha a outra orelha , para a língua não é preciso , é uma só [...]

XV Page: 226 b (1e occ.)

8. DIÁLOGO COM O NARRATÁRIO: SOLUÇÕES ATENUADORAS DA FORÇA ILOCUTÓRIA DOS ATOS DE DISCURSO “ADMOESTATIVOS”

O discurso de Saramago divide-se entre a narração da diegese, as explicações e especulações sobre aspetos centrais da religião judaico-cristã, mantendo uma continuada tensão com o leitor virtual, ainda que atenuada pelo uso da primeira pessoa do plural, embora o uso “*expedito*” desta deixis de primeira pessoa resultar em oportuna ambiguidade, numa amálgama ao mesmo tempo referencial e semântica / pragmática: o *plural de majestade*, o *plural de modéstia*, e o *plural inclusivo*, por sua vez, também ambíguo: tanto serve para trazer à história ou às discussões o alocutário, aproximando-o, nos eixos taxémico e proxémico, do narrador, como também serve para, nos atos de discurso admoestativos, incluir (pelo menos na aparência) o narrador na partilha da “*desconfortável carga*” da força ilocutória daqueles atos.

[...] postos primeiramente os burros à manjedoura , sentaram - se os viajantes a comer , principiando pelos homens , que as mulheres já sabemos que em tudo são secundárias, [...] basta lembrar uma vez mais , e não será a última , que Eva foi criada depois de Adão e de uma sua costela , **quando será que aprenderemos** que há certas coisas que só começaremos a perceber quando nos dispusermos a remontar às fontes . V Page: 57 b (1e occ.)

[...] o destino , **quantas vezes será preciso dizê - lo** , é um cofre como não existe outro [...] X Page: 141 a (1e occ.)

O extrato seguinte parece confrontar o leitor virtual com a sua falta de atenção ou de memória: Pastor não é como os outros pastores: tem poderes próprios de um anjo “despromovido”: o Diabo. O segmento assinalado ativa a *pressuposição* de que o *leitor já deveria saber que este Pastor é o Diabo*:

[...] mas este gado , **se ainda precisamos lembrá - lo** , não é como os outros [...], pelo que não se deve estranhar que Pastor , olhando de um cômodo sobranceiro , desse pela falta duma cabeça de gado sem que , para isso , tivesse tido que contá - las todas . XVI Page: 259 b (1e occ.)

Todavia, dada a inverosimilhança das aludidas “perdas mnésicas” do leitor virtual, parece estarmos perante um artifício *fático*, humorístico, que pode ter como objetivo captar a atenção do narratário.

9. DIÁLOGO COM O NARRATÁRIO: OS ATOS DE DISCURSO DIRETIVO

Como pode observar-se no extrato de concordância da figura 24, o narrador tem especial preferência (estatística) por enunciados diretivos negativos. Como soluções atenuadoras da força ilocutória destes atos, recorre aos já aludidos recursos deícticos, e à indeterminação referencial e semântica a que os mesmos dão lugar, como evidenciam os exemplos das primeiras oito linhas do fragmento da concordância referida, traduzindo, embora, níveis de diretividade e de força ilocutória diferentes.

| Text | Before | Seq. | After |
|-----------|---|-----------------|---|
| 17-02.not | os levariam à margem, quando Jesus, | não creiamos | que por inspiração ou pressentimento de marca |
| 06-11.not | perdida, sem saber que fazer, e | não devemos | censurá-lo, que aos homens não os |
| 10-02.not | Galileu ou Judas de Galileia . Realmente, | não devemos | estranhar identificações tão primitivas, aliás muito comuns |
| 13-04.not | outro deles tivesse sido o escolhido, | não duvidemos | que, qualquer que fosse ele, tanta abundância |
| 18-05.not | comamo-lo para que creiamos e | não duvidemos | , seja o que for que aqui dissemos |
| 06-07.not | dizer ao virar da esquina, e | não esqueçamos | que estes que conhecemos não devem ser |
| 09-02.not | a Belém matar o meu filho . | Não perguntemos | a José se ele se lembra de |
| 10-02.not | filho de José viver e prosperar, | não tenhamos | dúvidas de que lhe chamarão, simplesmente, Jesus |
| 22-07.not | se vê, embora, já se sabe, | não vejamos | sempre, nós, homens, as mesmas coisas da |
| 16-06.not | ver ou ouvir dizer, pelo que | não se deve | estranhar que Pastor, olhando de um cômodo |
| 21-02.not | sido, ainda por cima, por isso | não se devia | estranhar que estando uma mulher adúltera a |
| 06-07.not | como quem diz, Jesus . E que | não se diga | que já nos estamos antecipando aos acontecimentos |
| 13-03.not | por trás da esquina, mas que | não se iluda | quem julgar que por isto foram menores |
| 23-02.not | nas obras como nos pensamentos . Porém, | não se julgue | que o nosso Jesus andasse por aquelas |
| 14-02.not | já prestes a vir ao mundo . | Não se suponha | , porém, que Jesus pensa este pensamento, é |

Figura 24. Fragmento de concordância de expressões que traduzem atos diretivos.

Nas restantes linhas da concordância, registam-se, como recursos atenuadores da força ilocutória, operadores de *modalização deôntica* (cf. Oliveira, 2003, p. 248), a anteposição do verbo «*dever*» («*não se deve estranhar*», linha 16.06), em combinação com o pretérito imperfeito do indicativo («*não se devia estranhar*», linha 21.02).

Nos exemplos referidos, regista-se, ainda, como recurso comum de atenuação da diretividade negativa, a *indeterminação*, na função sintática (e actancial) do *sujeito*, arredando-se (aparentemente) a *face* do leitor virtual dos efeitos ilocucionais de uma diretividade tão imediata, como a dos exemplos que se seguem, (correspondentes, respetivamente, às linhas 06.07 e 23.02 da concordância).

E que **não se diga que já nos estamos antecipando** aos acontecimentos pondo nome numa criança que ainda está por nascer , a culpa tem - na o carpinteiro que de há muito assentou na sua cabeça que esse será o nome do seu primogénito . VI Page: 76 d (1e occ.)

Porém , **não se julgue que** o nosso Jesus andasse por aquelas terras do Senhora desbaratar o poder de curar e a autoridade de perdoar que pelo mesmo Senhor lhe fora outorgado . XXIII Page: 403 b (1e occ.)

Esta *estratégia* de aparente desresponsabilização do narrador em relação aos seus atos de discurso mais “*intrusivos*”, do ponto de vista da *territorialidade* do narratário, é operacionalizada através do pronome clítico «*se*», que torna possível a utilização de um sujeito gramatical *indeterminado* ou “*de referência arbitrária*” (cf. Brito, Duarte, e Matos, 2003, p. 444).

Por fim, como derradeira estratégia “*evasiva*”, o narrador *restringe* o *alvo* da força ilocutória a uma parte do universo do seu “*público virtual*” (linha 13.03), através do recurso à realização do sujeito sintático (e actancial) da frase superior, através de frase relativa de valor nominal, como justifica, do ponto de vista da cortesia linguística, a semântica do verbo «*iludir*».

A meio da noite o sonho voltou a acometê - lo , mas com diferença em relação ao que vinha sonhando , e foi que o pai e os soldados não se aproximaram tanto , nem sequer o focinho do cavalo apareceu por trás da esquina , mas que **não se iluda quem julgar que por isto foram menores a agonia e o pavor** , ponhamo - nos no lugar de Jesus , sonhar que o nosso próprio pai , aquele que nos deu o ser , vem aí de espada nua para nos matar . XIII Page: 198 b (1e occ.)

CONCLUSÕES FINAIS

Como referimos, no início deste trabalho, este nosso projeto consistiu na *observação do discurso* de Saramago enquanto atualização do que na língua portuguesa é pura *potencialidade* ou *virtualidade comunicativa*. As línguas naturais são, por natureza, *instrumentos* poderosos e estratégicos de comunicação.

Ao longo da sua evolução, durante séculos, as línguas desenvolveram-se através da multiplicidade e diversidade de objetivos e usos, desde os a incitação a confrontos violentos e sangrentos entre pessoas e povos como nas missões mais nobres de pregar, ensinar, ajudar ou salvar os semelhantes.

As línguas naturais transportam até aos atuais utilizadores o resultado do desenvolvimento referido, *i. e.*, os *instrumentos linguísticos* com que *cognitivamente* podem representar o mundo, e, ao mesmo tempo, com que podem (*inter*) agir com eficácia. Os sistemas linguísticos também permitem fazer referência a si próprios (*metalinguagem*) e ao seu uso (*metadiscurso*).

Metodologia

Pudemos experimentar as grandes vantagens e potencialidades que oferece a metodologia adotada e o uso de *corpora* e de ferramentas de tratamento automático e assistido dos mesmos *corpora*, embora como já referimos, a escrita de Saramago, pelos *desvios* que apresenta nos vários domínios (por nós observados) do uso da língua escrita, em particular, das normas de pontuação, tenha onerado, em tempo e esforço, o nosso trabalho, limitando o número de tarefas que, habitualmente, são executadas automaticamente, como a segmentação do *corpus* em unidades frásicas. Apesar desses obstáculos, a metodologia adotada e os recursos computacionais utilizados permitiram-nos obter, quantificar e relacionar informação relevante, inacessível, na prática, sem estes recursos. Neste estudo, a utilização de *corpora paralelos* foi particularmente útil, na contrastação do texto de Saramago com os textos dos evangelhos canónicos.

Dentro dos naturais limites inerentes a esta investigação, observámos o uso de alguns dos recursos linguísticos utilizados por Saramago, os quais permitem esboçar alguns parâmetros da interação virtual do narrador com o narratário, contribuindo, assim, com este subsídio, para a *modelização* do complexo domínio das *estratégias*

de comunicação, no quadro mais amplo de uma “gramática comunicativa” de José Saramago.

O título, a diegese e as personagens:

O título

As expetativas que o leitor virtual poderá formular, com base no conhecimento prévio dos textos bíblicos, em relação ao título «*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*» confrontam-se, aquando da leitura do romance, com os seguintes dados observados: o nome «*Jesus Cristo*» é estatisticamente rejeitado. Regista uma única ocorrência, no corpus: a do próprio título. O nome próprio da personagem, na narrativa, é apenas *Jesus*.

A forma isolada, *Cristo*, regista também uma ocorrência, na expressão fixa «*o pobre de Cristo*». Mas «*pobre de Cristo*» não significa «*miserando faminto*»: já que o Diabo, apesar de disfarçado de mendigo, é o anjo da “anunciação”, e apresenta-se a Saudar Maria «*com poderosíssima voz*» e exibindo os seus poderes sobrenaturais, transformando terra vulgar, que apanhou do chão, em terra luminosa.

Mas o romance é assumido como «*evangelho*», e o narrador assume-se como o «*narrador deste evangelho*» e considera-se «*evangelista*» como «*outro qualquer*», mas um *evangelista* que, *como Deus, tudo sabe*.

Quanto à *boa-nova*, é verdadeiramente *má*: a personagem Deus é responsabilizada pela morte dos inocentes; por isso, «*Deus não dorme [...] porque cometeu uma falta que nem a homem é perdoável*» (OESJC, 2000, p. 131). E é este Deus que anuncia a *má nova*, na reunião (com Jesus e o Diabo) que ocorre na barca, durante 40 dias. Nessa reunião, expõe o seu plano diabólico e sanguinário: para alargar o seu império, é necessária a crucifixão do seu próprio filho e a condenação à morte de milhares de vítimas inocentes.

Assim, o leitor virtual que conheça os títulos dos quatro evangelhos canónicos do Novo Testamento, ao observar o paralelismo estrutural que o título mantém com as denominações pré-construídas, poderá formular hipóteses e expetativas, em relação ao conteúdo do romance de Saramago, expectativas que poderão servir de motivação para a leitura daquele mesmo romance.

Tabela 8. Quadro contrastivo dos títulos de *OESJC* e dos *evangelhos canónicos*

| | OBJETO | OPERADOR agentivo e conformativo («segundo») | PONTO DE VISTA | AGENTE |
|---|------------------|--|-----------------------|--------------------|
| | <i>Evangelho</i> | <i>Segundo</i> | <i>São Mateus,</i> | <i>São Mateus,</i> |
| | <i>Evangelho</i> | <i>Segundo</i> | <i>São Marcos,</i> | <i>São Marcos,</i> |
| | <i>Evangelho</i> | <i>Segundo</i> | <i>São Lucas,</i> | <i>São Lucas,</i> |
| | <i>Evangelho</i> | <i>Segundo</i> | <i>São João,</i> | <i>São João,</i> |
| | | | | |
| O | <i>Evangelho</i> | <i>Segundo</i> | <i>*Jesus Cristo</i> | <i>Saramago</i> |

O título parece servir de modelo ao algoritmo mimético paradoxal de Saramago: utilizar o mais possível a estrutura e o material dos textos utilizados; afastar-se mais possível, sobretudo no sentido. Assim, a preposição «segundo», no título de Saramago, deixa de acumular os valores “ponto de vista”³⁰ e “agente”, como nos quatro evangelhos bíblicos, para se confinar ao primeiro, estratégia que permite *omitir a instância agentiva*, sendo substituída pelo nome de JESUS CRISTO, nome que, na leitura da obra, nunca ocorre como nome da personagem principal: Jesus. Esta aparente ambiguidade entre o diegético e extradiegético pode constituir uma estratégia para atrair a atenção do leitor.

A diegese e as personagens

Não caindo no escopo do objeto deste estudo uma abordagem *narratológica* das *ações, personagens, espaço e tempo* do romance de Saramago, procurámos estabelecer o contraste entre as entidades e a história das narrativas bíblicas e as personagens e a diegese, em *OESJC*, uma vez que, nesta obra, o discurso *assertivo* sobre personagens e ações assume proporções ilocucionais de potencial confronto com o *território* das confissões religiosas de uma importante parte do previsível universo dos leitores virtuais.

Como a estrutura geral da diegese, as personagens de Saramago foram massivamente “trazidas” das narrativas bíblicas. *Pastor* parece ser exceção. Todavia, quando confrontamos a narrativa de Saramago com as dos textos bíblicos que lhe servem de suporte, (*corpus contrastivo*), observamos que, nos evangelhos, o singular de «*pastor*» só ocorre como designação do «*bom pastor*» ou simplesmente «*pastor*» metáfora que JESUS CRISTO utiliza, na sua pregação e a partir da qual constrói todo o

³⁰ Sobre a relação sintática e semântica conformativas, cf. Mateus *et al*, 2003.

discurso alegórico, das relações entre o pastor e o seu rebanho, as ovelhas. (cf. Jo, Mc e Mt). A personagem Pastor de Saramago, também cuida do rebanho com zelo. E, nesse inverosímil cenário do “bom pastor”, cuja atividade de pastorícia nada tem a ver com a correspondente atividade humana (fonte de alimento e de vestuário) não falta, sequer, um episódio que evoca a *ovelha tresmalhada*.

Assim, as personagens do romance são as conhecidas entidades bíblicas, trazidas para o território imune da ficção, para poderem ser dessacralizadas e desvirtuadas, pela instância *destinadora* que detém todo o poder, *nesse domínio*, Saramago.

Nos textos de índole religiosa é normal, porque foram escritos pela mão humana, encontrarmos alguns elementos míticos. Todavia, Saramago, investindo contra os achados da arqueologia antropológica, entende que a sua escrita tem que basear-se na leitura (literal) do Génesis – [...] *que é a única lição sobre os começos do mundo por onde Jesus aprendeu* (OESJC, 2000, p. 200).

Assim, parece que ao comprometimento (*engagement*) da sua escrita literária, basta reproduzir ou parodiar os escritos bíblicos, incluindo os episódios que são alimento do *maravilhoso* da sua escrita ficcional, reforçados e subvertidos:

- Os anjos de DEUS são substituídos pelo anjo do Inferno;
- O dogma da IMACULADA CONCEIÇÃO é substituído por uma inverosímil mistura de sémen: de Deus e de José, evocando reminiscência da mitologia grega e romana;
- Os milagres de Jesus têm lugar destacado, na sua diegese;
- O encontro na barca faz evocar um “concílio dos deuses”, no mar, nos domínios do “reino de Neptuno”.

Porém, nos textos bíblicos, faltava um elemento de grande relevo, para a invenção artística de Saramago: um romance amoroso. Por isso, era necessário imaginá-lo e criá-lo. A *vítima* é Maria de Magdala, a quem Saramago destina o papel de prostituta profissional. Depois de um romance amoroso com a personagem principal, passam a viver maritalmente até à crucifixão de Jesus.

O léxico da língua portuguesa, faculta a matéria-prima, em toda a escala dos registos de língua, como ilustra a figura 25.

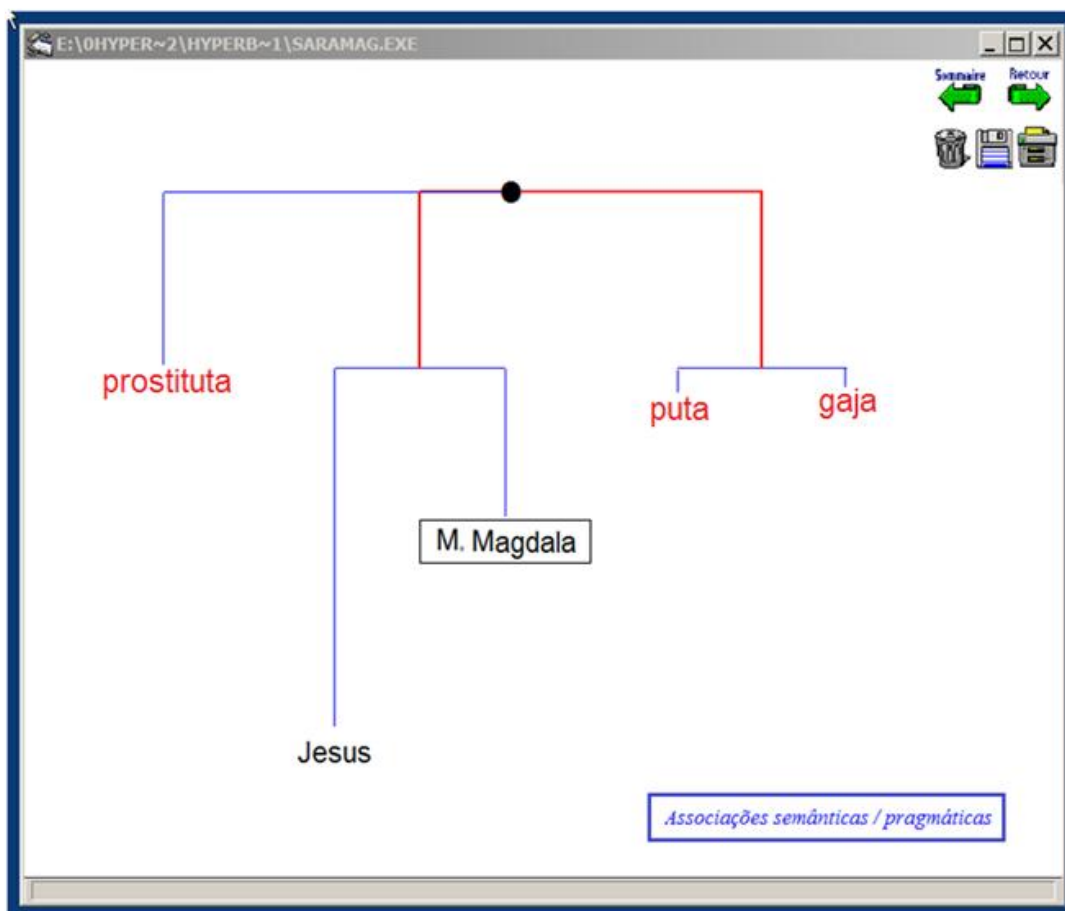


Figura 25. Grafo representando a associação de unidades lexicais às personagens Maria de Magdala e Jesus.

Passa a ser utilizada a habitual profusão densa resultante da reiteração do vocabulário depreciativo presente no grafo referido (26 ocorrências).

Para atenuar o ataque à face de Maria de Magdala, de Jesus (e, indiretamente, de muitos leitores), Saramago recorre a estratégias pseudo-atenuadoras:

Tenta unilateralmente, criar um clima de grande familiaridade, tratando, esta única vez, os leitores virtuais por «você», para poder utilizar um dos epítetos de Maria de Magdala:

[...] um homem, pouco mais do que adolescente na idade , a viver com a Maria de Magdala, *aquela gaja* , Deixem **você**s passar uns dias e ainda o vamos ver sentado à porta de casa , à espera que saia o cliente. 10.05

XVIII Page: 310 c (1e occ.)

Ou coloca a designação na voz da própria Maria de Magdala;

Não sei nada, Que sou prostituta , Isso sei , Que me deito com homens por dinheiro [...]

XVII Page: 280 f (1e occ.)

Queres saber se já não sou puta,[?]

XXIII Page: 409 k (2e occ.)

Ou na voz de Deus (em discurso irreal, não pronunciado),

[...] o que não me agradou muito foi a história com a Maria de Magdala , **uma puta** , mas enfim ,
está na idade , aproveita, [...] XVIII Page: 303 g (1e occ.)

Ou como última estratégia de atenuação, na voz de Jesus, em enunciado negativo:

Para mim , não és prostituta, [...]

XVII Page: 289 b (1e occ.)

Todavia, a negação implica que no discurso surja *mais uma ocorrência* da palavra *prostituta*, adensando a ressonância semântica negativa que o uso dessa palavra reforça, já que as palavras ressoam, com todos os seus valores conotativos, antes de ser construído qualquer enunciado.

Assim, concluímos que tanto a diegese, como as personagens que nela participam, são objeto de paródia ou de *carnevalização*, como denomina Ferraz (2012), esta forma de tratamento da diegese e das personagens.

Nesta investigação, não caberia, naturalmente, uma inventariação de todas as asserções, relativas à diegese e às personagens – verdadeiras para Saramago, falsas e ofensivas para os leitores virtuais com convicções religiosas cristãs.

O ónus da leitura

Neste quadro do tratamento das personagens e da diegese, a ambiguidade e indeterminação são estratégias de aparente desvinculação do narrador, em relação a asserções previsivelmente polémicas. Mas a rejeição massiva da maior parte dos sinais de pontuação constituem uma ajuda indispensável a este projeto estético-literário, baseado nos cânones da *arte de bem contar contos*.

No exemplo seguinte, o valor conotativo do vocabulário utilizado (que configura o espaço sociocultural das personagens) aconselha deixar ambígua a instanciação da função actancial de sujeito *experenciador*.

O que primeiro Jesus estranhou de todo foi que , saídos da caverna para a madrugada , não tivesse Pastor procedido como ele procedera , bendizendo a Deus por aquelas coisas que sabemos , haver - lhe restituído a alma , haver dado inteligência ao galo , e , porque **tivera precisão** de ir atrás daquela fraga a **mijar e dar de corpo , agradecer - lhe os orifícios e vasos** existentes no organismo humano , providenciais no sentido absoluto da palavra , pois que sem eles . XV Page: 231 e (1e occ.)

O enunciado termina com uma *proposição explicativa truncada*, que funciona como “*hiperligação*” para enunciados anteriores.

Utilizando a pesquisa de *clusters* e de associações lexicais, somos reenviados ao capítulo II:

| Text | Before | Seq. | After |
|-----------|---|-------------------|--|
| 02.02.not | preocupação incipiente, uma instante necessidade de | urinar | , também ela muito fora do costume |
| 02.02.not | formado e criado no homem os | orifícios e vasos | que lhe são necessários à vida |
| 15.03.not | de ir atrás daquela fraga a | mijar | e dar de corpo, agradecer-lhe |
| 15.03.not | dar de corpo, agradecer-lhe os | orifícios e vasos | existentes no organismo humano, providenciais no |

Query 4/4

Figura 26. O paralelismo do vocabulário utilizado em relação a José e a Jesus.

O gráfico seguinte não deixa dúvida quanto ao paralelismo do uso do vocabulário em questão em relação a José (01.02) e, agora, em relação a Jesus ou Pastor (15.03).

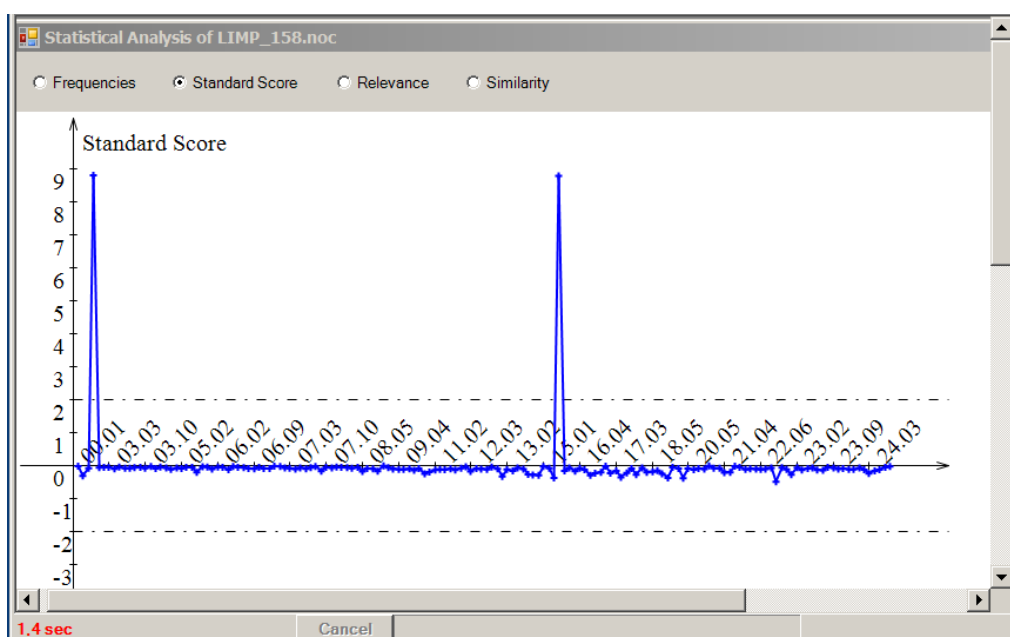


Figura 27. Probabilidade de ocorrência (desvios reduzidos) do *cluster* «orifícios e vasos» em conjunto com as formas «urinar» e «mijar».

Assim, a solução do enunciado truncado remete-nos para a ocorrência 02.02, em que José agradece ao Senhor, «*ter formado e criado no homem os orifícios e vasos que lhe são necessários à vida, que se um deles se fechasse ou abrisse, não devendo, certa teria o homem a sua morte*» (OESJC, 2000, p. 24).

Este é apenas mais um exemplo, entre os que anteriormente apresentámos, de uma escrita em que, para o leitor, a *ratio custo-benefício*, na construção de sentido, é substancialmente onerada, de acordo com os princípios da cortesia anteriormente explicitados.

As relações narrador-narratário

Neste contexto, existem duas instâncias taxemicamente distantes, o *evangelista* ou *narrador do evangelho* e o *leitor*.

O narrador institui-se, assim, como instância superior, contribuindo para a definição deste estatuto:

A autorreferência, através da forma *evangelista*.

O plural *nós* (por nós interpretado como *plural de majestade* (cf. supra, cap. 6.1.2).

A expressão *em verdade*, (*em verdade vos digo*) – com ressonâncias semânticas provenientes do discurso da pregação de JESUS CRISTO, narrado nos textos evangélicos, opondo as instâncias MESTRE e DISCÍPULOS. No discurso de Saramago, o valor ilocutório desta expressão banaliza-se e neutraliza-se, em algumas ocorrências.

A estrutura actancial de verbos como *explicar*, em que a instância que explica é o narrador e o destinatário da explicação, o leitor virtual (7.3.)

Os atos de discurso de valor ilocutório “admoestativo” (8.)

Os atos de discurso diretivos negativos (9.)

A aparente erudição do narrador e o discurso “pedagógico” utilizado para um público que virtualmente desconhece, por exemplo, o calendário judaico e o sistema horário do tempo em que se situa a diegese (7.2.)

Todos estes recursos, como procurámos evidenciar através da análise baseada nas tecnologias de processamento de *corpora*, valorizam, de forma ímpar, a interação narrador-narratário, no contexto de uma escrita virtualmente intrusiva, e, por isso, polémica, já que ameaça minar os alicerces de fé que constituem *território* legítimo de muitos leitores virtuais.

Consideração final

A diegese de Saramago parece ter, como objetivo obsessivamente fixo, a desfiguração da imagem de Deus, já que, consoante dados por nós atrás apresentados, é o principal *tema* da sua história. A proposição «*Deus é mau*», contém a *pressuposição* da sua existência. Ora, na escrita de Saramago parecem confundir-se a Mal que os homens se infligem «o *homem tem sido, com igual constância, lobo e carrasco do homem*» (OESJC, 2000, p. 173), com o Mal que DEUS lhe inflige, esquecendo que a única forma de eliminar as guerras e os massacres seria retirar toda a liberdade ao homem. E a espécie humana viveria num paraíso-prisão de *robots*, programados pela Providência para só poderem praticar atos bons.

Este não reconhecimento da liberdade humana e dos limites do Homem conduz a uma visão limitada e pessimista da vida e da existência. Não causa admiração que Saramago, ao contemplar o firmamento, nele mais não veja senão

[...] o imenso olho negro de Deus crivado daquelas luzes que são o reflexo deixado pelos olhares dos homens que contemplaram o céu , geração após geração , interrogando o silêncio e escutando a única resposta que o silêncio dá . XXIII Page: 407 f (1e occ.)

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, Jean Michel (1992). *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Nathan.
- AGUIAR E SILVA, Vitor (2002). *Teoria da literatura*. Coimbra: Livraria Almedina.
- AGUIAR E SILVA, Vitor (2004). *Teoria e metodologia literárias*. Lisboa: Universidade Aberta.
- AGUILERA, Fernando Gómez (2008). *José Saramago: a consistência dos sonhos*. Lisboa: Caminho.
- AGUILERA, Fernando Gómez (Ed.). (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Lisboa: Caminho.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude, e DUCROT, Oswald (1988). *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Mardaga.
- ARNAUT, Ana Paula (1999). Viagem ao centro da escrita: da subversão à irreverência da(s) história(s). *Colóquio/ Letras*, n.º 151-152, pp. 325-334.
- ARNAUT, Paula (2006). José Saramago: singularidades de uma morte plural. *Revista de Letras (UTAD)*, II, n.º 5, pp. 107-120.
- AUSTIN, John (1962). *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press.
- BALULA, João Paulo Rodrigues (2007). *Estratégias de leitura funcional no ensino/aprendizagem do português*. Tese de Doutoramento, Aveiro, Universidade de Aveiro.
- BARONE, Alexandre Vincenzo (2005). *O Evangelho do poder em José Saramago: O triunfo da emancipação humana em O Evangelho segundo Jesus Cristo, A Caverna e Ensaio sobre a lucidez*. Dissertação de mestrado, Universidade do Rio de Janeiro, Brasil.
- BASTO, José Moura de (1993). *Deus é grande e José Saramago o seu evangelista*. Lisboa: J. M. de Basto (edição de autor).
- BASTO, José Moura de (1998). *Ler Saramago: o romance*. Lisboa: Caminho.
- BAUDET, Jean Claude (1995). Éditologie: Une sociolinguistique de la science. *Meta*, vol. 16, n.º 2, pp. 216-223.

- BENTO, J. Rodrigues (1989). *Um estudo sobre a medição do rendimento na leitura em crianças do primeiro ano de escolaridade obrigatória do concelho de Viseu*. Dissertação de mestrado, Braga, Universidade do Minho.
- BENTO, J. Rodrigues (1996a). O processo da leitura. *Millenium: Revista do Instituto Politécnico de Viseu*, 4, pp. 171-178.
- BENTO, J. Rodrigues (1996b). Diário de Vergílio Ferreira - Ficcionalidade, "Intimismo", Cronologia. *Millenium: Revista do Instituto Politécnico de Viseu*, 4, pp.179-181.
- BENTO, J. Rodrigues (2008). *Da constituição do corpus à construção de uma ontologia e base de conhecimentos terminológicos*. Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- BERRINI, Beatriz (1998). *Ler Saramago: o Romance*. Lisboa: Caminho.
- Bíblia Sagrada* (2006). Lisboa-Fátima: Difusora Bíblica.
- BOCK, Darrell L. (2007). *Os evangelhos perdidos - A verdade por trás dos textos que não entraram na Bíblia*. (Emirso Justino, Trad.). Rio de Janeiro: Thomas Nelson. (Obra original publicada em 2006).
- BORDET, Marcel (1995). *Síntese de História romana*. (Zaida França e Amílcar Guerra, Trad.). Lisboa: Asa. (Obra original publicada em 1991).
- BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, e MATOS, Gabriela (2003). Estrutura da frase simples e tipos de frases. In Mateus, Maria Helena Mira *et al. Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 433-506.
- BRONCKART, Jean-Paul (2005). OS géneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interações de desenvolvimento. In Fernanda Miranda Menendez (Org.). *Análise do discurso*. Lisboa: Hugin, pp. 37-79.
- BROWN, Dan (2005). *O código da Vinci*. (Mário Dias Correia, Trad.). Lisboa: Bertrand.
- BROWN, Penelope, e LEVINSON, Stephen (1996). *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRUNET, Étienne (2002). *Hyperbase: Logiciel documentaire et statistique pour la création et l'exploitation de bases documentaires. Manuel de référence, Version 5.0.*, (obra facultada pelo autor).
- BUSSE, Winfried (Coord.) (1994). *Dicionário sintático de verbos portugueses*. Coimbra: Almedina.

- CAMLONG, A. (1996). *Méthode d'analyse lexicale, textuelle et discursive*. Paris: Ophrys.
- CAMLONG, A., e BERTRAND, T. (2004). *STABLEX – Version PC*- Université de Toulouse II: The Art Editora Ltda, Pirus Tecnologia.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa Campos (1997). *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa Campos e XAVIER, Maria Francisca (1991). *Sintaxe e semântica do português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo (1995a). Abordagem sociolinguística de uma análise léxico-semântica contrastiva (Português-Francês). In Maria Emília R. Marques (Org.). *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 57-63.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo (1995b). Reflexões sobre deixis social na perspetiva do ensino/aprendizagem do português como língua estrangeira. In Maria Emília R. Marques (Org.). *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 181-186.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo (1995c). A delicadeza em português: para o estudo das suas manifestações linguísticas. In Maria Emília R. Marques (Org.). *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 207-218.
- CARROLL, Brendan Joseph. (1983). *Testing Communicative Performance: An Interim Study*. Oxford: Pergamon Press.
- CARVALHO, José G. Herculano de (1973). *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. (Tomo I). Coimbra: Atlântida Editora.
- CARVALHO, José G. Herculano de (1974). *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. (Tomo II). Coimbra: Atlântida Editora.
- CASANOVA, Isabel (1996). A força ilocutória dos actos directivos. In Isabel Hub Faria et al. (Orgs.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 429-437.
- CASANOVA, Isabel (2011). *Discursar em português... e não só. O discurso em análise*. Lisboa: Plátano Editora.

- CASTELEIRO, J. M. (Coord.). (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, (2 vols.). Lisboa: Academia das Ciências / Editorial Verbo.
- CAVALLO, Guglielmo (Dir.). (1998). *O homem bizantino*. (Maria Bragança, Trad.). Lisboa: Presença. (Obra original publicada em 1992).
- CEIA, Carlos: s.v. "Paródia", E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), Coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 23-04-2013.
- CHARMEUX, Éveline (1975). *La lecture à l'école*. Paris: CEDIC.
- CHEVALIER, Jean, e GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. (Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Trad.). Lisboa: Teorema.
- CHRISTOL, Michel, e NONY, Daniel (1993). *Roma e o seu império das origens às invasões bárbaras*. (Fernanda Branco, Trad.). Lisboa: Dom Quixote. (Obra original publicada em 1990).
- CLUL – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (1984). *Português fundamental: Vocabulário e gramática*. Lisboa: INIC.
- CLUL – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (1987). *Português fundamental: Métodos e documentos*. Lisboa: INIC.
- CONDAMINES, Anne (2005). *Sémantique et corpus*. Lavoisier: Hermès Science.
- CORREIA, Emanuel de Moura, e TEIXEIRA, Persília de Melim (2007). *Dicionário Prático de Locuções e Expressões Correntes*. Porto: Papiro Editora.
- COSTA, José Ricardo Marques da (2004). *O Livro dos provérbios portugueses*. Lisboa: Presença.
- CRUSE, David A. (1986). *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CRUSE, David A. (2000). *Meaning in Language. An Introduction to Semantics and Pragmatics*. New York: Oxford University Press.
- CUNHA, Celso, e CINTRA, Luís Filipe Lindley (1999). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (15.^a ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*, Lisboa: Caminho.

- DIAS, Maria Heloísa Martins (2000). A operação lúdica com a linguagem: poder e manipulação. *Estudos Lingüísticos*, 29, pp. 123-131.
- DUARTE, Helena Vaz (2006). *Provérbios segundo José Saramago*. Lisboa: Edições Colibri.
- DUARTE, Inês (2000). *Língua portuguesa: Instrumentos de análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- DUARTE, Inês (2007). *O Ensino da leitura: A compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação
- DUARTE, Isabel Margarida (2010). Formas de tratamento: item gramatical no ensino do português língua materna. In Ana Rita Brito (Org.). *Gramática histórias, teorias, aplicações*. Fundação Universidade do Porto: Faculdade de Letras, pp. 133-146.
- DUCROT, Oswald (1984). *Le Dire te le Dit*. Paris: Minuit.
- ECO, Umberto (1983). *Leitura do Texto Literário. Lector in fabula. A cooperação interpretativa nos textos literários*. (Mário Brito, Trad.). Lisboa: Presença. (Obra original publicada em 1979).
- ECO, Umberto (1992). *Os Limites da Interpretação*. Lisboa: Difel. (Obra original publicada em 1990).
- ESTRELA, Edite, SOARES, Maria Almira e LEITÃO, Maria José (2004). *Saber escrever saber falar*. Porto: Dom Quixote.
- FARIA, Rita M. Freire Nogueira (2012). *Pragmática e Sociolinguística* n.º19. Lisboa: Universidade Católica.
- FERNANDES, Gonçalo (2007). O Princípio da Cortesia no Português Europeu. *Actes du XXV e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Innsbruck, 3 – 8 septembre 2007). Tübingen: Max Niemeyer Verlag. Recuperado em 13 agosto, 2012, de <http://dlac.utad.pt/>.
- FERRAZ, Salma (1999). *O quinto evangelista - o (des)evangelho segundo José Saramago*. Brasília: Universidade de Brasília (UNB).
- FERRAZ, Salma (2008). O Diabo pede perdão: a redenção do diabo por Saramago. Recuperado em 17 agosto, 2012, de http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2008/12_artigo_salma_ferraz.pdf.

- FERRAZ, Salma (2012). *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. (Ed. rev.). Blumenau: Edifurb.
- FERRAZ, Salma (Org.). (2012). *Dicionário de personagens da obra de José Saramago*. Blumenau: Edifurb.
- FERREIRA, Vergílio (1980). *Conta-corrente 1*. Lisboa, Bertrand.
- FERREIRA, Vergílio (1994). *Conta-corrente 4*. Lisboa: Quetzal.
- FERRETO, Alcina Aparecida Molina (2007). *O discurso paródico no Cristo de José Saramago*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, Brasil.
- FEYERABEND, Paul (1979). *Contre la méthode*. Paris: Seuil.
- FISKE, John (1993). *Introdução ao estudo da comunicação*. (M. Gabriela R. Alves, Trad.). Porto: Asa. (Obra original publicada em 1990).
- FONSECA, Irene (1989). *Deixis, tempo e narração*. Tese de doutoramento em Linguística Geral, Porto, Universidade do Porto.
- FONSECA, Irene (1996). Deixis e pragmática linguística. In, Isabel Hub Faria *et al.* (Orgs.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 437-445.
- FONSECA, Joaquim (1992). *Linguística e texto / discurso. Teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: ICALP.
- FONSECA, Joaquim (2000). *Estudos de sintaxe - semântica e pragmática do português*. Porto: Porto Editora.
- FRANZEN, August (1996). *Breve história da igreja*. (Manuela Ribeiro Sanches, Trad.). Lisboa: Presença. (Obra original publicada em 1988).
- GALISSON, R. (1991). *De la langue à la culture par les mots*. Paris: CLE international.
- GALLEGO, Juan María Laboa (2010). *História dos papas entre o reino de Deus e o poder terreno*. (J. Farias, Trad.). Lisboa: A esfera dos livros.
- GENETTE, G. (1972). *Figures III*. Paris: Éditions du Seuil.
- GIÃO, Ana São (1988). *Etiqueta e Boas Maneiras. A arte de viver em sociedade*. Lisboa: Edições 70.
- GIASSON, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Rio Tinto: Edições Asa

- GOFFMAN, Erving (1967). *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. New York: Phanteon Books.
- GÓMEZ AGUILERA, Fernando (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Alfragide: Caminho.
- GOUVEIA, Carlos A. M. (1996). Pragmática. In Isabel Hub Faria *et al.* (Orgs.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 383-419.
- GRICE, Paul (1975). Logic and conversation. In Peter Cole e Jerry Morgan (Orgs.). *Syntax and Smantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, pp. 41-58.
- GROSS, Gaston (1996). *Les expression figées en français: Noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys.
- GUSMÃO, Manuel (1989). Entrevista com José Saramago. *Vértice 14*, pp. 85-99.
- HENRY, Georges (1975). *Comment mesurer la lisibilité*. Paris: Fernand Nathan.
- HUMPHREYS, Colin J. (2012). *O mistério da última ceia: Uma viagem histórica aos últimos dias de Jesus*. (Paulo Reis, Trad.). Lisboa: Oficina do livro. (Obra original publicada em 2011).
- JEAN-PIERRE, Martin (1999). *As províncias romanas da Europa ocidental e central de 31 a. C. a 235 d. C.*. (Sophie Vinga, Trad.). Mem Martins: Europa-América. (Obra original publicada em 1994).
- JUBILADO, Odete Santos (2000). *Saramago e Sollers uma (Re)escrita irónica?* Lisboa: Vega.
- JUBILADO, Odete Santos (2008). Da descrição à estratégia de inclusão narrativa da gravura de Albrecht Dürer em O Evangelho Segundo Jesus Cristo. *Extravío. Revista eletrónica de literatura comparada*, 3. Recuperado em 23 setembro, 2012, de <http://www.uv.es/extravio>.
- JUBILADO, Odete Santos (2010). *Olhares cruzados a problemática da leitura em José Saramago e Philippe Sollers*. Lisboa: Vega.
- KENNEDY, Graeme D. (1998). *An introduction to corpus linguistics*. London e New York: Longman.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1992). *Les Interactions verbales* (Tomo II). Paris: Colin.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1996). *La Conversation*. Paris: Seuil.

- KINTSCH, Walter, e Van Dijk, Teun, A. (1983). *Strategies of discourse comprehension*. London: Academic Press.
- KRÖLL, Heinz (1984). *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação.
- KUHN, Thomas (1972). *La structure des révolutions scientifiques*. Paris: Flammarion.
- LEBART, Ludovic, e SALEM, André (1994). *Statistique textuelle*. Paris: Dunod.
- LEECH, Geoffrey N. (1996). *Principles of Pragmatics*. London /New York: Longman.
- LIMA, José Pinto de (2007). Pragmática linguística. Caminho. In Maria Helena Mira Mateus e Alina Villalva, (Orgs.). *O essencial sobre Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- LIMA, José Pinto de (2007). *Pragmática linguística*. Lisboa: Caminho.
- LINO, Teresa, (Coord.). (2003). *Mots et lexiculture, hommage à Robert Galisson*. Paris: Champion.
- LOPES, Ana Cristina Macário (1992). *Texto proverbial português. Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Tese de Doutoramento, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- LOPES, Teresa Rita (Ed.). (2004). *Fernando Pessoa. A hora do Diabo*. Lisboa: Assírio Alvim.
- LYONS, John (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MADRUGA, Conceição (1998). *A paixão segundo José Saramago: a paixão do verbo e o verbo da paixão*. Porto: Campo das Letras.
- MAINGUENEAU, Dominique (2005). As categorias da análise do discurso. In Fernanda Miranda Menendez (Org.). *Análise do discurso*. Lisboa: Hugin. pp. 81-104.
- MAINGUENEAU, Dominique (2006). Analyse du Discours: un entrevue avec Dominique Maingueneau. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, Ano 4, n.6.
- MAINGUENEAU, Dominique, e CHARAUDEAU, Patrick (Dirs.). (2002). *Dictionnaire d'Analuse du Discours*. Paris: Éditions du Seuil.

- MARQUES, Aldina (2010). Formas de tratamento e construção da relação interpessoal em Contos da Montanha de Miguel Torga. *Revista Galega de Filoloxía*, p. 61-78.
- MARQUES, Maria Emília Ricardo (Org.). (1995). *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARTINS, Ana Cristina (n. d.). O lugar da deixis na descrição da língua. Recuperado em 07 junho, 2013, de http://www.ipv.pt/forumedia/f2_idei7.htm.
- MARTINS, Maria de Lourdes Câncio (1999). José Saramago: uma poética da fala e da escrita. *Colóquio/Letras* nº 151-152, pp. 305-310.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (2003). *Gramática da língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MEL'ČUK, A. Igor, e POLGUÈRE, Alain (2007). *Lexique actif du français. L'apprentissage du vocabulaire fondé sur 20 000 dérivations sémantiques et collocations du français*. Bruxelles: De Boeck & Larcier.
- MEL'ČUK, A. Igor, ARBATCHEWSKY-JUMARIE, N., IORDANSKAJA, L., MANTHA, S., e POLGUERE, A. (1999). *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain. Recherches lexico-sémantiques IV*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal,
- MEL'ČUK, A. Igor, CLAS, André, e POLGUÈRE, Alain (1995). *Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire*. Louvain-la-Neuve: Duculot.
- MIMOSO, Ana Brito de Freitas (2008). Provérbios: uma fonte para a história da educação. *Revista Lusófona de Educação*, 12, pp. 155-163.
- NAZARENKO, Adeline (2005). Sur quelle sémantique reposent les méthodes automatiques d'accès au contenu textuel. In Anne Condamines (Ed.). *Sémantique et corpus*. Lavoisier: Hermès Science, pp. 211-244.
- NEDEL, Paulo Augusto (2006). *O Evangelho segundo o narrador: O papel do narrador em Evangelho Segundo Jesus Cristo de José Saramago*. Dissertação de mestrado, Universidade de Porto Alegre, Brasil.
- OLIVEIRA, Fátima (2003). Modalidade e modo. In Mateus, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 243-272.

- PALRILHA, Silvéria Maria Ramos (2009). *Contributos para a análise dos atos ilocutórios expressivos em português*. Dissertação de mestrado, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- PAUMIER Sébastien (2004). *De la reconnaissance de formes linguistiques à l'analyse syntaxique*. Thèse de Doctorat, Marne-La-Vallée: Université de Marne-la-Vallée. Recuperado em 25 janeiro, 2102, de <http://igm.univ-mlv.fr/LabInfo/theses>.
- PEDRO, Emília Ribeiro (1996). Interação verbal. In Isabel Hub Faria *et al.* (Orgs.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 449-475.
- PEDRO, Emília Ribeiro (1998). Análise crítica do discurso: aspetos teóricos, metodológicos e analíticos. In Emília Ribeiro Pedro (Org.). *Análise do discurso uma perspetiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, pp. 19-46.
- PICOCHÉ, Jacqueline e ROLLAND, Jean-Claude (2002). *Dictionnaire du français usuel*. Bruxelles: Duculot.
- PIÑERO, Antonio e TORALLAS-TOVAR, Sofia (2006). *Evangelho de Judas* (Luís Filipe Sarmiento, Trad.). Lisboa: Ésquilo. (Obra original publicada em 2006).
- PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau (2007). *O trágico e o demoníaco em o Evangelho segundo Jesus Cristo, de Saramago*. Dissertação de mestrado, Universidade de Porto Alegre, Brasil.
- POLGUÈRE, A. (2008). *Lexicologie et sémantique lexicale. Notions fondamentales*, Nouvelle édition revue et augmentée. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- POPPER, Karl R. (1985). *La logique de la découverte scientifique*. Paris: Éditions Payot.
- PUIG, Armand (2010). *Jesus uma biografia*. (Lara Almeida Dias, Trad.) Lisboa: Paulus. (Obra original publicada em 2004).
- PUSTEJOVSKY, James (1991). The generative lexicon. *Computational linguistics*, vol. 17, n.º 4, pp. 409-441.
- RANCHHOD, Elisabete M. M. (2003). O lugar das expressões fixas na gramática do português. In Ivo Castro e I. Duarte (Orgs.). *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 239-254. Recuperado em 7 dezembro, 2102, de <http://label.ist.utl.pt/publications/docs/LEFnGP.pdf>.

- RAPOSO, Eduardo Paiva (1992). *Teoria da gramática: A faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.
- RASTIER, François (1991). *Sémantique et recherches cognitives*. Paris: PUF.
- RASTIER, François *et al.* (1994). *Sémantique pour l'analyse: De la linguistique à l'informatique*. Paris: Masson.
- RATZINGER, Joseph (2012). *Jesus de Nazaré. A infância de Jesus*. (António F. da Costa, Trad.). Cascais: Princípia. (Obra original publicada em 2012).
- REIS, Carlos (1981). *Técnicas de análise textual*. Coimbra: Almedina.
- REIS, Carlos (1997). *O conhecimento da Literatura: Introdução aos estudos literários*. Coimbra: Almedina.
- REIS, Carlos (1998). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho.
- REIS, Carlos (1998, dezembro). Palavras para uma homenagem nacional. *Revista Camões*, N° 3, pp. 101-104.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Macário (2011). *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina.
- RENOUF, Antoinette (1987). Development. In John Sinclair (Ed.). *Looking UP – An account of the COBUILD project in lexical computing*. Londres: HarperCollins, pp. 1-40.
- REYES, Graciela (1984). *Polifonía textual. La citación en el relato literario*. Madrid: Gredos.
- ROCHA, Luís Miguel (2011). *A mentira sagrada*. Porto: Porto Editora.
- RODRIGUES LAPA, M. (1984). *Estilística da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- RODRIGUES, Adriano Duarte (1996). *Dimensões pragmáticas do sentido*. Lisboa: Edições Cosmos.
- RODRIGUES, Adriano Duarte (2000). *Introdução à semiótica*. Lisboa: Edições Cosmos.
- RODRIGUES, Adriano Duarte (2001). *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Presença.
- RODRIGUES, Adriano Duarte (2005). *A partitura invisível*. Lisboa: Edições Colibri.

- RODRIGUES, Adriano Duarte (2010). *As técnicas da comunicação e informação*. Lisboa: Presença
- RODRIGUES, Adriano Duarte (2010). *Comunicação e cultura. A experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença
- RODRIGUES, David Fernandes (2003). *Cortesia linguística uma competência discursivo-textual (Formas verbais corteses e descorteses em Português)*. Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte (2001). *A Unidade Lexicográfica. Palavras, colocações, frasemas, pragmatemas*. Tese de Doutoramento, Braga, Universidade do Minho.
- SANTOS, José Rodrigues dos (2010). *A última entrevista de José Saramago*. Lisboa: Gradiva.
- SANTOS, José Rodrigues dos (2011). *O último segredo*. Lisboa: Gradiva.
- SANTOS, Maria Alice Moreira (2000). *Dicionário de provérbios, adágios, ditados, máximas, aforismos e frases feitas*. Porto: Porto Editora.
- SARAMAGO, José (1993). *In Nomine Dei*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1995). *Cadernos de Lanzarote – Diário II*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1997). *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1999). *Discursos de Estocolmo 7 e 10 de dezembro de 1998*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (2000). *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (2009). *Caim*. Lisboa: Caminho.
- SCHOKEL, Luís Alonso (2012). *Dicionário bíblico hebraico-português*. Lisboa: Paulus.
- SCOTT, Mike (2005). *WordSmith Tools: Version 4.0*. Oxford: Oxford University Press.
- SEARLE, John (1969) (1972). *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SEARLE, John (1975). Indirect Speech Acts. In P. Cole and J. Morgan (Eds.). *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, pp. 59–82.
- SEARLE, John (1984). *Os atos de fala*. (Carlos Vogt, Coord. Trad.). Coimbra: Almedina.
- SEIXO, Alzira (1999). *Lugares da ficção em José Saramago*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- SERENO, Maria Helena Sampaio (2002a) Provérbios e ironia na narrativa de José Saramago. *Atas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, vol. 2, pp. 83-97
- SERENO, Maria Helena Sampaio (2002b). Proverbial style in novelistic José Saramago. *The Third International Conference of IALS* (International Association for Literary Semantics), in Birmingham from the 7th to the 9th of April, 2002, pp. 657-665.
- SHANNON, E. (1948). A mathematical theory of communication. *Bell System Technical Journal*, vol. 27, pp. 379-423; 623-656.
- SILBERZTEIN, Max (2005). *NOOJ 3.1*. Recuperado em 12 janeiro, 2102, de <http://www.nooj4nlp.net>.
- SILVA, Janaina de Souza (2011). Da imagem ao romance: Dürer e a cena trágica no Evangelho de Saramago. *Revista. Seropédica*, v. 33. n.º 2 julho / dezembro, pp. 66-75.
- SILVA, Raquel Belisario da (2010). *Um esboço de narrador num ensaio de romance*. Dissertação de mestrado, Universidade de Porto Alegre, Brasil.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da (1989). *José Saramago. Entre a história e a ficção uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote.
- SIMÕES, Alzira (1999). Sinopse histórica do adagiário e paremiologia populares portuguesas. *Educação e Comunicação*, n.º 2, pp. 80-104.
- SINCLAIR, John (1991). *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press.
- SLLAVENBURG, Jacob (2012). *A herança perdida de Jesus: A verdadeira história das origens do cristianismo*. (J. Farias, Trad.). Barcarena: Marcador. (Obra publicada em 2012).
- SMITH, Frank (1982). *Understanding Reading*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- SOL, Hermínia (2009). 'Em meses de inverneira, histórias à lareira'. Provérbios e dizeres enquanto transmissores de valores culturais e de identidade. *Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement*, n.º spécial, pp. 105-113.

- SOUZA, Jorge Avelino de (2009). *A trindade profana de Saramago: ironia e paródia em o Evangelho segundo Jesus Cristo*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasil.
- SOUZA, Ronaldo Ventura (2007). *O Jesus de Saramago e a literatura que revisita Cristo*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, Brasil.
- SVENTSÍTSKAIA, Irina (1990). *Os primeiros cristãos*. (António Pescada, Trad.). Lisboa: Caminho. (Obra original publicada em 1989).
- VAN DJIK, Teun (1998). Semântica do discurso e ideologia. In Emília Ribeiro Pedro (Org.). *Análise do discurso uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, pp. 105-168.
- VAZ BRIDI, Marlise (1998). O Evangelho de Saramago: a paixão de Cristo em perspectiva. In Lilian Lopondo (Org.). *Saramago segundo terceiros*. São Paulo: Humanitas, pp. 111-130.
- VIEGAS, Francisco José (1991). Uma biografia de Jesus, segundo José Saramago. *Ler* 16, pp. 24-36.
- VIEIRA, Agripina Carriço (1999). Da história ao indivíduo ou da exceção ao banal na escrita de Saramago: Do 'Evangelho Segundo Jesus Cristo' a 'Todos os Nomes'. *Colóquio/Letras* n.º 151-152, pp. 379-393.
- VILELA, Mário (1980). *O léxico da simpatia: Estudos sobre o campo lexical da determinação substantiva de simpatia humana e social (1850-1900) e o respetivo contexto cultural*. Porto: INIC – Instituto Nacional de Investigação Científica.
- VILELA, Mário (1994). *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário (2002). *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Almedina.
- XAVIER, M. F. e Mateus, M. H. (Orgs.). (1990). *Dicionário de Termos Linguísticos*, Volume I. Lisboa: Edições. Cosmos.
- XAVIER, M. F. e Mateus, M. H. (Orgs.). (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos*, Volume II. Lisboa: Edições Cosmos.